



Universidade do Minho
Instituto de Letras e Ciências Humanas

Luty Marla dos Santos Lopes e Costa

**Terminologia do Turismo: Proposta de uma base de dados ontoterminográfica
multilingue para o Ministério do turismo de Angola**

Dissertação de mestrado em Ciências da Linguagem

Trabalho efetuado sob a orientação do
Prof. Doutor Álvaro Iriarte Sanromán
e do
Prof. Doutor Alberto Simões

fevereiro de 2020

DIREITOS DE AUTOR E CONDIÇÕES DE UTILIZAÇÃO DO TRABALHO POR TERCEIROS

Este é um trabalho académico que pode ser utilizado por terceiros desde que respeitadas as regras e boas práticas internacionalmente aceites, no que concerne aos direitos de autor e direitos conexos.

Assim, o presente trabalho pode ser utilizado nos termos previstos na licença abaixo indicada.

Caso o utilizador necessite de permissão para poder fazer um uso do trabalho em condições não previstas no licenciamento indicado, deverá contactar o autor, através do RepositóriUM da Universidade do Minho.

Licença concedida aos utilizadores deste trabalho



**Atribuição
CC BY**

<https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>

Agradecimentos

Primeiramente, e não poderia ser diferente, a Deus pela graça da vida, pela saúde, força e persistência para a concretização deste projeto acadêmico.

Ao Professor Doutor Álvaro Iriarte, por ter aceitado entrar nesta trajetória comigo, pelas correções tão rápidas, pela orientação sempre tão célere e eficaz. O meu muito obrigada!

Ao Professor Doutor Alberto Simões por ter recebido a proposta de coorientar esse projeto e tão prontamente ter aceitado, pelas sugestões, tempo dispensado inclusive ao domingo.

Ao Instituto Nacional de Gestão de Bolsas de Estudo (INAGBE) pela concessão da bolsa de estudos e por assegurar a minha permanência em Portugal durante quase 3 anos de formação. À Comissão Multissetorial para a retificação do acordo ortográfico de 1990 com vista a sua ratificação, na pessoa da Dr.^a Paula Henriques, pela confiança, pelo carinho e atenção sempre dispensados.

Ao Miguel Lubwatu, Serafim Muenho, Laura Lopes, Clementina Chiquete, José Manuel Quinene, Domingos Piango Kambolo e ao Orlando Cassinda, pelo auxílio nas equivalências orais dos termos em kimbundu e umbundu.

À minha família, de modo geral, e aos meus queridos e adorados pais e manas Erika e Huyuna de modo muito particular pelo incito e determinação transmitidos. Ao João Hélder pela compreensão, paciência e por ter abdicado da presença na educação dos nossos filhos para a realização e concretização de um sonho meu. Pelo incentivo constante, pelo apoio e carinho. Ao Rodrigo e ao Otchali foi por vocês!

Ao Bernardo Sacanene pelo suporte acadêmico, pela prontidão, pelos “tens de ler mais, Luty”. Foste realmente uma fonte de transmissão de conhecimentos. Que Deus te retribua em dobro tudo o que fizeste por mim.

Aos meus professores, colegas do mestrado em Ciências da Linguagem e não só o meu muito obrigada a todos.

Ngasakidila!

Dedicatória

ACS MEUS
“RODRIGO & OTCHALI”
SEM VOCÊS CONQUISTA ALGUMA VALERIA A PENA

Declaração de Integridade

Declaro ter atuado com integridade na elaboração do presente trabalho académico e confirmo que não recorri à prática de plágio nem a qualquer forma de utilização indevida ou falsificação de informações ou resultados em nenhuma das etapas conducente à sua elaboração.

Mais declaro que conheço e que respeitei o Código de Conduta Ética da Universidade do Minho.

Terminologia do Turismo: Proposta de uma base de dados ontoterminográfica multilingue para o Ministério do turismo de Angola

Resumo

A presente dissertação visa refletir sobre a terminologia turística angolana e a conseqüente proposta de uma base de dados ontoterminográfica multilingue: português, inglês com equivalentes em kimbundu e umbundu para o Ministério do Turismo de Angola. Pretendemos, através desta base de dados, criar uma ferramenta de trabalho, de pesquisa e de consulta, para técnicos de turismo, estudantes da área, turistas e público em geral, de forma a suprimir a lacuna existente deste vocabulário específico.

A definição terminológica, o contexto de uso e as relações conceptuais dos termos assumem um papel fulcral no desenvolvimento desta pesquisa. Por esta razão, centramos a orientação da referida pesquisa nestes três aspetos fundamentalmente.

A natureza do produto terminológico «base de dados terminográfica» que pretendemos desenvolver passa necessariamente pela análise linguística, terminológica dos dados extraídos do corpus especializado que serviram de suporte à concretização da base de dados que desenvolvemos. Assim, dada a pertinência e abrangência do discurso do domínio turístico, restringimos o nosso olhar aos termos de especialidade.

Palavras-Chave: Angola, base de dados, corpus de especialidade, ontologia, turismo.

Tourism terminology: Proposal of a multilingual ontoterminographic database for the Ministry of Tourism of Angola

Abstract

This dissertation aims to reflect on Angolan tourism terminology and the consequent proposal of a multilingual ontoterminographic database: portuguese, english with equivalents in kimbundu and umbundu for the Angolan Ministry of Tourism. We intend, through this database, to create a working, research and consultation tool, for tourism technicians, area students, tourists and the general public, in order to fill the existing gap of this specific vocabulary.

The terminological definition, the context of use and the conceptual relationships of the terms assume a central role in the development of this research. For this reason, we focus the orientation of this research on these three aspects fundamentally.

The nature of the terminology product "terminographic database" that we intend to develop necessarily involves linguistic, terminological analysis of the data extracted from the specialized corpus that served to support the implementation of the database that we developed. Thus, given the relevance and scope of the tourism discourse, we restrict our gaze to terms of specialty.

Keywords: Angola, data base, specialty corpus, ontology, tourism.

Índice

Agradecimentos.....	iii
Dedicatória.....	iii
Declaração de Integridade	iv
Resumo.....	v
Abstract.....	vi
Índice.....	vii
Lista de abreviaturas e siglas	xi
Lista de figuras.....	ix
Lista de tabelas	x
Introdução.....	1
CAPÍTULO 1. O TURISMO EM ANGOLA.....	3
1.1. Justificação da escolha do domínio.....	3
1.2. Objetivo do trabalho.....	6
1.3. Delimitação do trabalho e análise do domínio	6
1.4. Turismo em Angola	8
1.4.1. Breve historial do turismo em Angola.....	8
1.4.2. História do turismo em Angola.....	10
1.4.3. O turismo em Angola hoje	14
1.5. O Ministério do Turismo de Angola.....	16
CAPÍTULO II. ESTADO DA ARTE.....	18
2.1. Terminologia do turismo em Angola: o estado da arte	18
2.2. Problemática da grafia dos termos em kimbundu e em umbundu	21
2.3. Fundamentos teóricos:	25
2.3.1. Terminografia e Ontologia: A Ontoterminografia.....	25
2.3.2. O corpus especializado.....	28
CAPÍTULO III: CONSTITUIÇÃO DO CORPUS E ANÁLISE DE DADOS	31
3.1. Constituição de corpus no âmbito do turismo.....	31
3.1.1. Metodologia para constituição do corpus de especialidade	37
3.2. O modelo de árvore de domínio do turismo.....	39
3.2.1. Metodologia do trabalho de pesquisa	39

3.3. Pesquisa e atribuição dos equivalentes	54
3.4. A base de dados.....	55
3.4.1. Seleção de campos	57
3.4.2. Elaboração das definições	57
3.5. Análise da terminologia do turismo na base de dados	59
Considerações Finais.....	63
Referências bibliográficas.....	64
Anexos	70
Anexo 1	70
Anexo 2.....	71

Lista de figuras

Figura 1: Organograma do MINTUR	17
Figura 2. Organograma da categoria "Turismo".....	43
Figura 3. Organograma da categoria "Tipos de turismo".....	44
Figura 4. Organograma da categoria "Oferta turística".....	45
Figura 5. Organograma da categoria "Atrações turísticas"	46
Figura 6. Organograma da categoria "Atrações naturais" e da subcategoria "Áreas de conservação" .	47
Figura 7. Organograma da categoria "Atrações histórico-culturais" e das subcategorias "Património construído", "Património cultural material" e "Eventos de lazer e entretenimento".....	49
Figura 8. Organograma da categoria "Serviços e equipamentos turísticos"	51
Figura 9. Organograma da categoria "Infraestruturas de apoio ao turismo"	51
Figura 10. Organograma da categoria "Procura turística"	52
Figura 11. Divisão categorial do turismo.....	54
Figura 12. Campos da planilha Excel	56
Figura 13. Formato XML da base de dados.....	56
Figura 14. Entrada do termo "ecoturismo" na base de dados.....	57

Lista de tabelas

Tabela 1. Termos em kimbundu com etimologias e significados iguais, mas grafia diferente.....	23
Tabela 2. Termos em umbundu com etimologia e significados iguais, mas grafia diferente	23
Tabela 3. Fontes usadas na compilação do corpus.....	35
Tabela 4. Critérios gerais de redação da definição terminológica	59
Tabela 5. Estrangeirismos encontrados nos campos temáticos da base de dados.....	61
Tabela 6. Exemplos da modalidade parafrástica de equivalentes na base de dados do turismo	61

Lista de abreviaturas e siglas

AAVOTA	Associação de Agências de Viagens e Operadores Turísticos de Angola
AHRA	Associação dos Hotéis e Resorts de Angola
ANGHOTEL	Empresa Hoteleira de Luanda
ANGOTUR	Empresa Angolana de Turismo
BITUR	Bolsa Internacional de Turismo
BTH	Bolsa do Turismo da Huíla
C.I.T.A	Centro de Informação e Turismo de Angola
CAN	Campeonato Africano das Nações
CASAS	Centro de Estudos Avançados de Sociedades Africanas
CFM	Caminho de Ferro de Moçâmedes
CLUVI	Corpus Linguístico da Universidade de Vigo
DINATUR	Direção Nacional do Turismo e Hotelaria
EAL	Edições de Angola Limitada
EMPROTEL	Empresas Hoteleiras no âmbito provincial
GEPE	Gabinete de Estudos, Planeamento e Estatística
HORESIL	Associação de Indústrias de Hotelaria de Luanda
ILN	Instituto de Línguas Nacionais
INAC	Instituto Nacional das Áreas de Conservação
INFOTUR	Instituto de Fomento Turístico
INL	Instituto Nacional de Línguas
INPC	Instituto Nacional de Património Cultural
IRT	Inventário dos Recursos Turísticos
MINCI	Ministério do Comércio Interno
MINHOTUR	Ministério de Hotelaria e Turismo
MINTUR	Ministério do Turismo
OMT	Organização Mundial do Turismo
PDN	Plano de Desenvolvimento Nacional
PIB	Produto Interno Bruto
PNUD	Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento

TAAG	Transportadora Aérea de Angola
TALG	Grupo de Investigação em Tecnologias e Aplicações da Língua Galega
TCT	Teoria Comunicativa da Terminologia
TCUL	Transporte Urbano de Luanda
TGT	Teoria Geral da Terminologia
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura

Introdução

O turismo é uma atividade que contribui para a riqueza dos países, geradora de receitas e criadora de empregos. Dele, de forma direta ou indireta, “dependem inúmeras indústrias e atividades paralelas” (Leal, 2011) contudo, a sua dimensão não se rende unicamente ao nível económico. A Organização Mundial do Turismo define como sendo um fenómeno não só económico, mas também social e cultural. O nosso estudo surge como um meio de olhar para matérias ligadas a terminologia do turismo considerando a realidade angolana, dada a exiguidade de trabalhos existentes.

A presente dissertação sobre a “Terminologia do Turismo: Proposta de uma base de dados ontoterminográfica multilingue (português, inglês, kimbundu e umbundu) para o Ministério do Turismo de Angola” é um estudo que se insere no domínio da Educação da República de Angola e que toma parte de um projeto alargado sobre a “Terminologia da Administração Pública”, levado a cabo pelo Executivo (Governo) de Angola.

Desta forma temos como objetivo fazer uma reflexão em volta da terminologia turística angolana e a conseqüente proposta ao Ministério do Turismo de Angola de uma base de dados que possa reunir a terminologia usada neste domínio, dando uma atenção especial à definição terminológica, ao contexto em que são inseridos os termos e a relação conceptual que estes mantêm entre si.

Com a construção desta ferramenta de trabalho esperamos contribuir, não só, para a melhoria da qualidade da redação de carácter informativo e promocional dos textos produzidos na área do turismo incentivando os autores a redigirem textos noutras línguas de Angola, além do português, mas também auxiliar o quadro técnico do Ministério do turismo, estudantes da área, turistas, linguistas e o público em geral.

O trabalho insere-se no âmbito dos estudos linguísticos com base empírica, ou seja, estudos baseados no uso real da língua e na sua observação, uma vez que se pode examinar o termo ou unidade terminológica no seu contexto de uso.

Assim, o estudo que nos propomos apresentar encontra-se estruturalmente dividido em três momentos que se materializam em três capítulos:

No capítulo I, além de apresentarmos a justificação, o objetivo e a delimitação do domínio, faremos uma breve incursão sobre a história do turismo em Angola, antes e pós-independência, culminando com a caracterização do estado atual do Ministério que tutela o turismo no país.

No capítulo II, apresentamos o “estado de arte” da terminologia turística em Angola, Portugal e no Brasil, e enquadrámos a pertinência da nossa investigação numa área praticamente inexplorada, como é a da produção de bases de dados terminológicas.

Ainda nesta parte, apresentamos as teorias em que estão alicerçadas todo o nosso projeto de investigação que compreende a terminografia, ontologia e o corpus especializado.

Finalmente, no III e último capítulo apresentamos os textos que constituem o nosso corpus especializado e analisamos o processo de constituição do mesmo, a partir do qual se criou a base de dados, e descrevemos a metodologia escolhida, desde o momento da seleção da área de estudo até à estruturação da base de dados ontoterminográfica.

O III capítulo termina com a construção efetiva da nossa base de dados, os campos que constam da mesma e alguns fenómenos encontrados na altura da sua construção e, por fim, concluímos com as considerações finais.

CAPÍTULO 1. O TURISMO EM ANGOLA

1.1. Justificação da escolha do domínio

O conceito de turismo conheceu várias definições ao longo dos anos. Alguns autores consideram que em determinadas definições há omissões de determinados fatores ligados ao conceito (Couto, Faias, & Faias, 2009). No entanto, Valdês (2003) aponta alguns elementos geralmente aceites e que devem ser tomados em conta para a conceptualização do turismo: implica necessariamente uma deslocação; requer a permanência fora do domicílio habitual de residência; exige a temporalidade dos movimentos turísticos, implicando sempre ida e volta; formado por um sujeito, o ser humano, uma vez que o turismo nasce da necessidade de satisfazer o seu desejo de deslocação e estada; e pelo objeto, materializado na oferta turística, como fator de atratividade do sujeito. Em sentido lato, segundo afirma Baptista (1990), tendo em conta o relacionamento do turismo com o meio ambiente, pode ser encarado sob os pontos de vista económico, social, político e legal, tecnológico e ecológico.

Ainda a respeito do conceito de turismo, Cunha (2009, p. 110) adapta o conceito de turismo ao de sistema, uma vez que para este um sistema é «um conjunto de elementos inter-relacionados, coordenados de forma unificada e organizada, com vista a alcançar determinados objetivos». E declara que o turismo se apresenta como um conjunto de elementos que estabelecem conexões interdependentes entre si de carácter funcional e espacial.

A economia, a gastronomia, a hotelaria, os transportes, o comércio, o desporto, o lazer, são algumas das diferentes áreas ou setores com que o turismo estabelece algum tipo de relação. E segundo explica Cunha (2009), inter-relações porque se relaciona com a generalidade das atividades humanas e interdependências porque depende de quase todas elas e muitas das existentes dependem do turismo com cada vez maior intensidade. Desta forma, “o turismo é um fenómeno que se relaciona não só com todas as atividades humanas, mas também com o ambiente físico”(Cunha & Abrantes, 2013).

Os efeitos económicos da atividade turística são visivelmente conhecidos, quer a nível mundial quer a nível local ou regional. No entanto estes não se esgotam unicamente a este nível, como vimos anteriormente, mas também a nível social e cultural marcado pelo contato humano entre diferentes povos com hábitos, costumes e línguas.

A nível económico, atualmente, o setor ocupa uma posição privilegiada no âmbito da economia mundial. É tido como um dos setores que mais cresce e se desenvolve na economia internacional. Dados apresentados pela Organização Mundial do Turismo (doravante denominada OMT), referentes ao ano de 2017, mostram que o turismo internacional gerou cerca de USD 1,6 bilhões em receitas de exportação, sendo a terceira maior categoria de exportações do mundo (OMT, 2018b). Informações do Relatório Anual da OMT relativamente ao ano de 2017 apontavam para um crescimento acima da média, em torno de 4% ao ano, durante oito anos consecutivos (OMT, 2018a). A OMT prevê um crescimento nas chegadas de turistas internacionais à África Subsariana de 6% em 2018, e até 2030, dados extraídos da 54ª reunião da Comissão da OMT para as Américas indicavam que as chegadas de turistas internacionais atingiriam 1,8 bilhões (Vogeler, 2012).

A atividade turística em Angola está em pleno desenvolvimento. O turismo é o “petróleo verde” que Angola definiu como aposta estratégica para a diversificação da economia (Kaputo, Diogo, & King, 2011, p. 021). É uma atividade importante para o Estado angolano, pois visa dentre outros objetivos o desenvolvimento e a diversificação da economia nacional, rumo ao desenvolvimento sustentável, fruto quer do potencial existente, como da baixa capacidade de recursos que atualmente são explorados. Com um potencial tão significativo para o desenvolvimento, é imperativa a necessidade de uma abordagem sustentável do turismo nos países em desenvolvimento, para promover o crescimento a longo prazo, mantendo ao mesmo tempo um uso equilibrado destes mesmos recursos.

O Turismo é para Angola um dos mais relevantes setores da atividade económica. A sua contribuição para a criação de riqueza e melhoria do bem-estar dos cidadãos faz-se sentir, de acordo com o Plano Director do Turismo de Angola (2011), de diferentes formas:

- na produção e emprego que cria (dados do Anuário Estatístico do Turismo de Angola (2018) indicavam que a atividade é a que mais fonte de emprego produz em todo país);
- pelo investimento e inovação que promove;
- pelo desenvolvimento de infraestruturas coletivas que estimula;
- pela preservação do ambiente e recuperação do património histórico e cultural que favorece.

Dados apresentados pelo Ministério da Economia e Planeamento de Angola (2018) mostram que o Governo angolano traçou objetivos estratégicos para o desenvolvimento da economia nacional. E, destes, inclui a diversificação da economia com base no desenvolvimento do setor não petrolífero. A indústria do turismo é apontada como um destes setores a serem desenvolvidos e explorados, auxiliando desta forma o crescimento não só da economia, mas também da cultura nacional.

Sob o ponto de vista social e cultural pode ser percebido como o meio de contato entre diferentes povos, e que possibilita conhecer o diferente, as mudanças culturais, ouvir línguas estrangeiras, experimentar gastronomias diferentes e singulares, criar laços e construir tolerância. Em síntese, o turismo, “é uma prática instrutiva”(Cunha, 2017).

A criação de escolas, cursos, estágios, empregos são algumas das oportunidades que este fenómeno tem vindo a originar nestes últimos anos, pois eram poucos os estabelecimentos de ensino, em Angola, que ministravam cursos nesta área do saber, e eram, igualmente, muito poucas as vagas disponíveis para potenciais estudantes. Hoje, com o crescente número de cursos e escolas disponíveis, inclusive no ensino público, o acesso a uma profissão e a um curso superior na área do Turismo tornou-se mais simples e mais justo, fazendo com que os próprios estabelecimentos desta natureza passassem a valorizar não só a experiência do profissional, mas também a sua formação. Todo este cenário tem vindo a contribuir para um conjunto de melhorias sociais para a população angolana através do aumento do poder de compra, igualdade de oportunidades, níveis de formação e educação superiores e por arrasto um melhor nível da qualidade de vida. O turismo tem vindo a crescer e a diversificar-se, “deixando de ser apenas acessível a um grupo restrito de consumidores, mas transformando-se num verdadeiro fenómeno de massas” (Alves, 2003). Atualmente, as populações de todos os estratos sociais e financeiros têm cada vez mais a possibilidade de chegar ao fim de um ano de trabalho e ter direito as férias pagas para quebrar a rotina e descansar da rotina quotidiana o que promove o conhecimento do seu próprio país e de países estrangeiros, reforçando e promovendo a abertura de mentalidades e a inovação. A relação que se estabelece entre o turista e a comunidade que o acolhe, a troca de experiência entre indivíduos, fazem com que o turismo se materialize como fenómeno social.

1.2. Objetivo do trabalho

Pretendemos, no quadro deste estudo, como objetivo geral, refletir sobre a terminologia turística angolana e a criação de uma base de dados ontoterminográfica multilingue (português-inglês, com equivalentes em duas línguas angolanas: nomeadamente o kimbundu e o umbundu) para propor ao Ministério do Turismo de Angola. A recolha da terminologia relativa ao turismo de Angola permitirá que se tenha um conhecimento organizado e sistematizado sobre esta área do saber. É nossa pretensão que a mesma esteja disponível, não só, aos quadros (técnicos e administrativos) do Ministério do Turismo angolano para os servir e auxiliar, mas também que seja disponibilizada a docentes, estudantes, funcionários da área e ao público em geral. Uma vez que o domínio do estudo é abrangente, pelo carácter universal que o caracteriza, esperamos que possa ser consultada e servir de auxílio para todos os interessados.

A escolha do português e do inglês como línguas a incluir na base de dados prende-se com o facto de ambas possuírem o carácter de línguas de comunicação internacional, primeiramente, e, segundo, por ser o português a língua mais falada em Angola (Sacanene, 2015), procurando assim, abranger o maior número de usuários da base de dados. A inclusão dos equivalentes em kimbundu e umbundu deve-se, por um lado, ao facto de serem as duas línguas, segundo Ntondo & Fernandes (2002), de maior abrangência etnolinguística em Angola depois do português, e, por outro, ter como objetivo salvaguardá-las, por se tratar de línguas faladas unicamente em território angolano e correrem o risco de extinção. Assim, uma vez colocadas numa ferramenta linguística (no caso específico numa base de dados) estaremos a contribuir para a sua preservação.

Pensamos, desta maneira, estar a contribuir para a organização e a normalização da terminologia da área do turismo em Angola, garantindo a fluidez e rapidez que se requer na recuperação da informação, dando respostas significativas às exigências nacionais, e não só, que surgem a nível deste domínio do conhecimento.

1.3. Delimitação do trabalho e análise do domínio

A partir da definição adotada pela OMT em que «turismo compreende as atividades que as pessoas realizam durante as suas viagens e estadias em lugares diferentes do seu local de residência, por um período consecutivo inferior a um ano, com propósitos de lazer, descanso,

¹ Termo usado pela constituição da República de Angola para se referir às línguas de origem bantu e não bantu faladas em território angolano (Cf. art.19 da Constituição da República de Angola, 2010, p. 11)

negócios ou outros» (Cunha, 2009, p. 30) e da comparação estabelecida por Cunha (2009), quando adequa o turismo a um sistema, depreende-se que o conceito de turismo é multifacetado, ou seja, a atividade turística relaciona-se com diversas outras áreas e sob múltiplas motivações (Moreira, 2010). Dias et al (2009) chegam mesmo a afirmar que será muito difícil ou mesmo impossível encontrar uma área de conhecimento tão diversificada e tão heterogénea como o turismo. Pois é uma área de confluência de inúmeras disciplinas científicas, como a Economia, a História, a Geografia, etc. Outra, destas áreas, por exemplo, é a hoteleira, pois a grande maioria das viagens envolve algum tipo de estadia. Em outras palavras, sem a hotelaria, não existe turismo, tal é como o entendemos agora. A concorrência dos destinos turísticos se tornou tão grande e intensa que hoje o turista busca algo mais em sua viagem. Além de um transporte rápido e eficiente, hospedagem bem localizada e confortável, paisagens e bons restaurantes, um outro fator e quase que decisivo para a escolha de um destino ou consumo de serviços: é a hospitalidade. O reconhecimento da capacidade de receber bem as pessoas oriundas de outras cidades, estados ou países cria um referencial para um turista, pois ninguém gosta de viajar e não ser bem tratado. A hospedagem é um dos mais importantes elementos do turismo.

Desta forma, as duas atividades complementam-se mutuamente. Visam, ambas, a coordenação de todos os serviços relacionados com os hóspedes. Possuem o mesmo “objeto de trabalho o viajante, ou o turista” (Oliveira, 2014). Portanto, quase não se pode falar de turismo sem hotelaria e vice-versa. São, de acordo com Petrocchi e Bona, citado por Oliveira (2014), um “binómio inseparável”. E assim ocorre com as demais áreas com que o turismo se relaciona.

O turismo em Angola tem vindo a observar um rápido e crescente desenvolvimento com a criação de escolas superiores, profissionais e técnicas onde são lecionados cursos nesta área do saber. A criação e a atualização de legislação², que regula a atividade turística, nesta área têm sido também tarefa que o executivo angolano tem estado a ampliar no âmbito do desenvolvimento e da diversificação da economia do país, a aplicabilidade destas virá facilitar o fomento do turismo no país, bem como promover a marca “Angola” como destino turístico. Dados recentes do Ministério do Turismo angolano mostram que o setor atingiu a cifra de 658

² Lei de facilitação de aquisição de visto de turista, Decreto Presidencial que aprova a alteração da designação do Ministério da Hotelaria e Turismo para Ministério do Turismo (Cf. Decreto Presidencial n.º 41/18 de 12 de Fevereiro da Presidência da República., 2018) e a Lei do Turismo (Lei n.º 9/15 de 15 de da Assembleia Nacional., 2015)

mil chegadas de turistas às fronteiras nacionais, e, segundo dados do Plano Director do Turismo de Angola, estimula-se que até ao ano 2020 as chegadas de turistas deverão atingir 1,6 biliões a Angola (Kaputo et al., 2011), além de ser o setor que mais gerou empregos em 2018 (Anuário Estatístico do Turismo, 2018).

Para a OMT (2019) a atividade turística é um motor chave para o progresso socioeconómico de um determinado país e a principal fonte de rendimento de muitos países em desenvolvimento.

Entretanto e de acordo com Eco (2015), «quanto mais se restringe o campo, melhor se trabalha e com maior segurança» sendo nossa pretensão refletir sobre uma base de dados ontoterminográfica para a propor ao Ministério do Turismo de Angola, pensamos que o primeiro passo a dar seria a delimitação do campo em análise.

Durán (2012) considera que todas as propostas de metodologias terminológicas apresentam uma série de pontos em comum, sendo o principal a delimitação e a análise do domínio. Ainda sobre este aspeto, Cabré (1993) acrescenta que «... antes de iniciar la elaboración de una terminología es preciso que sus autores delimiten muy claramente la temática de trabajo...» Deste modo, apreendemos que identificar e delimitar o domínio que pretendemos representar é a primeira tarefa a executar no trabalho terminológico. Uma vez que, como vimos, quase não se pode falar em turismo sem associarmos as outras áreas com as quais estabelece algum tipo de relação, entendemos como domínio, a área sobre a qual recai a nossa pesquisa terminológica, o turismo em Angola.

A ideia de trabalhar em terminologia do turismo em Angola surge da constatação da escassez de meios terminológicos nesta área do saber que respondam às necessidades, primeiramente, dos profissionais em turismo naquele país e depois, do público em geral. Para além de que a sua aplicação facilitará a codificação e normalização de mensagens neste domínio do saber.

1.4. Turismo em Angola

1.4.1. Breve historial do turismo em Angola

Angola é um país da África Austral, situado na costa sudoeste atlântica do referido continente. Possui uma superfície de 1.246.700 Km². Faz fronteira a Norte com as Repúblicas do Congo e a República Democrática do Congo; a Leste com a República da Zâmbia, a sul com a Namíbia e a Oeste com o Oceano Atlântico. A forma predominante do relevo angolano é o planalto, 60% do território é planalto, com altitude entre os 1000 e os 2000 metros. Possui uma densa e extensa

rede hidrográfica que proporciona uma navegabilidade limitada nos seus principais rios (Instituto Nacional de Estatística, 2018), dentre eles o maior do país: o kwanza³.

Dada a sua localização em zonas climáticas equatorial e tropical (quentes e húmidas) existem em Angola duas estações, nomeadamente, a estação quente e mais chuvosa (compreende os meses de setembro a abril) e o cacimbo que é a estação mais seca e mais fria (compreende os meses de maio a agosto).

A sua localização geográfica e as suas características climáticas dão origem a uma rica cobertura vegetal, o que favorece o surgimento de uma grande variedade de animais e de plantas, permitindo dividir o país em cinco zonas fitogeográficas (Machado, 2018): 1) zona húmida e densa (a floresta do Maiombe, na província de Cabinda) 2) zona de savana (ligadas a matas, encontramos nas províncias da Lunda Sul e Norte), 3) zona das savanas secas (baixa do Kassange, localizada na província de Malange), 4) zona de estepe e por fim 5) zona desértica (deserto do Namibe, localizado na província com o mesmo nome).

Além de ser uma terra abençoada em recursos naturais, tanto do solo, no subsolo e no mar, o que condiciona o surgimento de uma espetacular e enorme fauna e flora, Angola possui uma enorme e variada riqueza cultural. Desde as línguas faladas pela sua população, aos hábitos e costumes praticados pela mesma. A música, a dança e a convivência são outros aspetos centrais da cultura angolana. Repleta de cor e vida, a cultura é distinta nas 18 províncias deste país⁴. O estilo musical, segundo Machado (2018) é excepcional e único, marcado com um ritmo e cadência muito dançantes, tanto o tradicional (semba, cabetula, rebita), como os criados nos musseques⁵ angolanos. Descreve-se, habitualmente, o povo angolano pela simpatia e hospitalidade, “para este dançar mais do que um momento de descontração é uma manifestação de interação social”(Machado, 2018).

O “carnaval é a maior manifestação cultural de Angola, onde se combinam som, cor, movimento e drama, tem raízes profundas, celebrativas, cosmogónicas, que transportam o cerne das culturas tradicionais em que a arte e a religião confundem-se na sua função comum de religar o mundo dos vivos ao dos mortos” (Machado, 2018).

³ É também o nome da moeda de Angola (Cf. Instituto Nacional de Estatística, 2018)

⁴ Bengo, Benguela, Bié, Cabinda, Cuando Cubango, Cuanza Norte, Cuanza Sul, Cunene, Huambo, Huíla Luanda, Lunda Norte, Lunda Sul, Malange, Moxico, Namibe, Uíge, Zaire

⁵ Bairros periféricos das cidades angolanas (Machado, 2018)

Além desta, existem outras manifestações culturais pelo país inteiro, desde aquelas que marcam o início da vida adulta de raparigas e rapazes (Ifhiko⁶), a circuncisão, o casamento tradicional também conhecido como “alambamento” nalgumas zonas do país; rituais que marcam o início de uma época climatérica (como a chegada da época chuvosa).

Para além de possuir uma grande riqueza a nível de hábitos culturais, manifestações tradicionais e riqueza histórica, o povo angolano possui outra grande riqueza cultural: as línguas que caracterizam a população dispersa nas 18 províncias do país. Segundo Fernandes e Ntongo (2002) a população angolana é plurilingue e divide-se em três grupos etnolinguísticos:

- Falantes das línguas angolanas de origem não bantu⁷ (as línguas Khoisan⁸ e Vátwa);
- Falantes das línguas africanas de origem bantu (nove línguas são faladas por este grupo linguístico: Cokwe, Kimbundu, Kikongo, Nganguela, Olunyaneka, Oshilelo, Oshikwanyama, Oshindonga, e o Umbundu) e os
- Falantes da língua portuguesa, de origem neolatina.

Esta diversidade promove a variedade linguística que se vive no país. A língua oficial em Angola é o português (Constituição da República de Angola, 2010), no entanto existem outras cerca de 11 línguas africanas faladas em território angolano.

1.4.2. História do turismo em Angola

Embora seja conhecido essencialmente como um grande produtor de petróleo, com um milhão quatrocentos e sessenta e dois barris diários (Baikalzadeh, 2019) e um dos maiores produtores de diamantes do mundo, com uma produção de diamantes que atingiu 9 milhões de quilates em 2017 (Ministério da Economia e Planeamento, 2018), não são esses os únicos recursos que tornam Angola num grande país. Com um forte potencial de desenvolvimento em África, possui outros minerais (carvão, cobre, ferro, manganês, ouro, volfrâmio, estanho e molibdénio, urânio,

⁶ Ou Efiko é um ritual de iniciação ou festa de puberdade feminina que na cultura local nyaneke assinala a passagem das envolvidas para a vida adulta, principalmente para a constituição de família. O ritual ocorre quando as raparigas alcançam mais ou menos a faixa etária dos 15 e 16 anos (Cf. Fio, 2016)

⁷ Bantu= ba (prefixo nominal de classe 2) ntu (pessoa, povo ou ser humano). Atribuindo o significado de povos, pessoas ou humanos a palavra bantu (Machado, 2018)

⁸ Grupo não bantu. O termo proposto por J. Shapera, deriva da junção das palavras Khoi-khoi =acumular, colher frutos, arrancar raízes da terra, capturar pequenos animais. (Fernandes & Ntongo, 2002)

⁹ Grupo pré bantu que habitou o território angolano no paleolítico (Fernandes & Ntongo, 2002)

bauxite, mineiro de ferro), recursos de pesca, e goza de excelentes condições para o desenvolvimento da agricultura, da apicultura e da pecuária bem como o desenvolvimento do turismo local (Ministério do Turismo, 2019). Detentora de uma maravilhosa natureza, diversidade e riqueza cultural, Angola possui um potencial a ser explorado a nível do turismo e consequentemente da hotelaria (Machado, 2018). Embora seja uma área em desenvolvimento e a ser explorada, a história do turismo em Angola não é recente.

Segundo Fernando (2015), dois períodos marcam a história do turismo em Angola. O período colonial, em que Angola ainda era uma colónia portuguesa ultramarina em África, que, para os colonizadores, não passava de um mercado abastecedor de matéria-prima, não se configurando para eles, como área de interesse. Neste período, em 1959, foi criado o Centro de Informação e Turismo de Angola (C.I.T.A.)¹⁰.

O período pós-colonial, entre 1975 a 1990, foi marcado por uma intensa e cruel guerra civil, outro marco antagónico que levou à lenta e quase inexistente evolução e desenvolvimento desta atividade.

Estes dois períodos contribuíram para que a atividade turística em Angola não se desenvolvesse e tardasse a cultura do turismo neste país com um imenso potencial turístico.

Relativamente à história do turismo em Angola, dados históricos do Ministério do Turismo (2019) mostram que após a proclamação da independência nacional¹¹, o primeiro Governo do Estado angolano instituiu a Secretaria de Estado do Comércio e Turismo, em substituição do C.I.T.A.

O período pós-independência gerou um abandono de quase 90% das unidades hoteleiras e similares do país, ficando intervencionadas com base no Decreto n.º 128/75. Ao mesmo tempo, e segundo nos mostra o histórico do Ministério do Turismo de Angola (2019), foi instituído o Centro de Controlo e Gestão dos estabelecimentos de hotelaria, restaurantes e similares da província de Luanda em consequência do uso inadequado do parque imobiliário do país, que resultou na sua degradação.

¹⁰ Primeiro órgão que viria ser o mais antigo antecessor do atual Ministério de Hotelaria e Turismo de Angola o (C.I.T.A.)

¹¹ Foi proclamada a 11 de novembro de 1975, pelo primeiro presidente da República de Angola, Dr. António Agostinho Neto

Com a promulgação do decreto n.º42/77, de 12 de Maio, conforme aponta José (2017), cria-se o Ministério do Comércio Interno (MINCI), e integrou no seu quadro Orgânico a Direção Nacional do Turismo e Hotelaria (DINATUR).

O ano de 1978 ficou marcado na história do turismo em Angola, de acordo com os dados do Ministério do Turismo (2019), pela criação das primeiras empresas hoteleiras de âmbito provincial totalizando 19 empresas denominadas Emprotel¹² (Ministério do Turismo, 2019). Em Luanda foi criada a Anghotel-U.E.E., de âmbito local, à qual foi atribuída a tutela dos hotéis Trópico, Panorama, Turismo, Costa do Sol, Alameda, Continental e Globo. Posteriormente alargou-se o âmbito da sua competência de âmbito local para nacional, abrangendo no conjunto da sua rede os hotéis Almirante e Excelsior no Huambo, Congresso em Cabinda, Grande Hotel da Huíla, Pousada de Kalandula em Malange e Hotel Mombaca em Benguela. A recuperação de pequenos estabelecimentos hoteleiros e similares, a construção de alguns centros recreativos, e a formação de quadros neste setor também faziam parte das funções da Anghotel-U.E.E. (Nhulilivali, 2017).

Em 1988, resultado dos primeiros contactos iniciados pelos dirigentes do Ministério do Comércio com o Secretariado Geral da Organização Mundial do Turismo, a Administração Nacional do Turismo sai da letargia e inicia a estruturação do setor (Ministério do Turismo, 2019). Cria-se neste mesmo ano a primeira empresa angolana de turismo, ANGOTUR LDA, (Nhulilivali, 2017).

Um ano depois (1989), vários feitos marcaram o epicentro do turismo em Angola, como nos mostram os dados históricos do MINTUR (2019), ocorre na 8ª Assembleia Geral realizada em Paris a adesão da República de Angola à OMT. Esta adesão trouxe vantagens palpáveis e o benefício imediato traduziu-se na implementação do projeto “Reforço Institucional do Estado Angolano no Domínio do Turismo” projeto financiado pelo PNUD¹³ e executado pela OMT, consubstanciado nas seguintes ações¹⁴: reestruturação da Direção Nacional do Turismo; criação de um sistema de recolha, tratamento, análise e publicação de estatística do turismo; criação de

¹² Empresa pública criada para gerir pequenas unidades hoteleiras em Luanda

¹³ Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento

¹⁴ Cf. Consulado Geral de Angola. (2019). Retrieved July 22, 2019, from <http://www.consuladogeralangola-porto.pt/pt/informacao-geral>

um serviço estatístico informatizado na DINATUR¹⁵; elaboração de propostas de Legislação Turística, capacitação de quadros; incentivo à criação de empresas e agências de viagens e turismo; assim como à construção de associações profissionais privadas do setor como a HORESIL¹⁶ e a AAVOTA¹⁷.

Em 1990, o dia Mundial do Turismo é realizado em Angola promovendo-se a primeira Conferência verdadeiramente multissetorial e as recomendações dela resultante continuam a orientar os trabalhos do setor (Ministério do Turismo, 2019).

É, então, criado em 1996 o Ministério de Hotelaria e Turismo (Nhulilivali, 2017), que tem como política, a recuperação, reabilitação e construção de infraestruturas hoteleiras e turísticas; o ordenamento e planeamento turístico, a formação dos quadros do setor; a contribuição para a preservação e fortalecimento da identidade nacional, a paz integração e cooperação internacional, a promoção da imagem de Angola¹⁸ como potencial destino turístico; a contribuição para a proteção, preservação e valorização dos recursos naturais, socioculturais e tradicionais do país; o propiciamento do desenvolvimento harmonioso e sustentável da atividade turística nacional, logrando sempre que os seus benefícios no desenvolvimento socioeconómico para a melhoria da qualidade de vida da população angolana. (Decreto Presidencial n.º 41/18 da Presidência da República., 2018).

Em 1997, o Ministério da Hotelaria e Turismo de Angola (MINHOTUR)¹⁹ aprovou, pelo Conselho de Ministros, a criação do Instituto de Fomento do Turismo (2019) conhecido pela sigla, INFOTUR²⁰. Todo este esforço permitiu evidenciar o estado atual do turismo em Angola²¹.

¹⁵ Primeira agência de Viagens e Turismo angolana

¹⁶ Associação de Indústrias de Hotelaria de Luanda

¹⁷ Associação de Agências de Viagens e Operadores Turísticos de Angola

¹⁸ Cf. Consulado Geral de Angola. (2019). Retrieved July 22, 2019, from <http://www.consuladogeralangola-porto.pt/pt/informacao-geral>

¹⁹ Em 2018 foi alterada a denominação deste organismo para Ministério do Turismo (MINTUR) (Cf. Decreto Presidencial n.º 41/18 de 12 de Fevereiro da Presidência da República., 2018)

²⁰ Instituto de Fomento Turístico de Angola

²¹ Cf. Consulado Geral de Angola. (2019). Retrieved July 22, 2019, from <http://www.consuladogeralangola-porto.pt/pt/informacao-geral>

1.4.3. O turismo em Angola hoje

Angola possui grandes potencialidades de recursos naturais e culturais que fazem do país um distinto atrativo turístico. Oferece uma variedade de recursos turísticos que incluem os segmentos de sol e praia, ao longo da imensa costa de 1650 quilómetros, de natureza e aventura, assim como um rico património e culturas tradicionais. Além de ser, atualmente, um dos principais setores de proveito para a economia nacional, representando 3.5% do produto interno bruto (PIB). Em 2017 o turismo rendeu para o Estado angolano cerca de 10.000 milhões de kwanzas (30,3 milhões de euros) e foram registadas, no mesmo ano, 260.961 entradas de turistas no país (Anuário Estatístico do Turismo, 2018).

Porém, Angola não é ainda um dos maiores destinos turísticos do mundo, nem a nível do continente africano, por apresentar uma série de lacunas devido a vários problemas, que incluem os altos preços das viagens aéreas e das permanências em hotéis, dificuldades de acesso aos locais turísticos, a oferta limitada de pacotes turísticos atrativos, assim como a má conservação do património histórico-cultural do país. Além disso, como sublinha Fernando (2015), o país debate-se ainda com a escassez de outras infraestruturas e serviços de apoio ao turismo e com uma fraca promoção do país enquanto destino turístico.

Entretanto, o país já tem dado alguns sinais no desenvolvimento do turismo. Organizaram-se campeonatos desportivos como o Campeonato de Futebol da África das Nações (CAN 2010), (Cristóvão, 2010), em 2013 o país organizou o Campeonato do Mundo de Hóquei em Patins e tem realizado ainda, nos últimos anos, várias conferências de negócios. Os setores públicos e privados de Angola deram início em 2012 à realização da Bolsa Internacional de Turismo de Angola (BITUR) (Ministério do Turismo, 2019). E foi realizado, no mês de Maio de 2019, o Fórum Mundial do Turismo, em Luanda, com o objetivo de “promover mudanças positivas no turismo nacional e internacional e atingir metas de sustentabilidade” (Ministério do Turismo, 2019). Como é óbvio, a organização destes eventos permitiu a construção e reabilitação de uma série de infraestruturas aeroportuárias, rodoviárias e hoteleiras, que aumentaram a capacidade recetiva do país, bem como do aumento de receitas fiscais e da geração de empregos. O MINTUR, através das linhas orientadoras do Plano Director do Turismo em Angola (Kaputo et al., 2011) quer apostar nas tecnologias digitais para um turismo sustentável, com base nas celebrações oficiais do Dia Mundial do Turismo. Projetos como Okavango-Zambeze, declaração

do centro histórico de Mbanza Kongo (província do Zaire²²) como património mundial da humanidade pela UNESCO²³ são alguns dos “polos de desenvolvimento turístico” (Kaputo et al., 2011) considerados prioritários pelo Estado Angolano.

Em 2017, Angola contava com 7.573 estabelecimentos turísticos que estavam em pleno funcionamento. Desses estabelecimentos, 1632 faziam parte da área de alojamentos, 233 dos quais eram hotéis e 1399 compreendiam as pensões e outros estabelecimentos de alojamento. Os restaurantes e similares eram constituídos por 5629 estabelecimentos e as agências de viagens e turismo eram 312 (Anuário Estatístico do Turismo, 2018).

Nos últimos anos tem aumentado consideravelmente a mobilidade turística, interna e internacional, em Angola. A nível aéreo o país conta com uma companhia de bandeira nacional, a TAAG²⁴. Que realiza voos diretos para 16 das 18 províncias angolanas com exceção do Bengo e Cuanza Norte pela proximidade que tem com Luanda (Nhulilivali, 2017). A mobilidade turística internacional realiza-se através de 4 aeroportos internacionais (Luanda, Cabinda, Catumbela e Lubango), estando em construção um segundo aeroporto na província de Luanda, onde operam diversas companhias internacionais. Sendo o aeroporto 4 de Fevereiro (em Luanda) a principal infraestrutura aeroportuária de Angola (Silva, 2013). Já a mobilidade turística interna é feita por transportadoras terrestres privadas²⁵ (Amaro, 2016).

As províncias da Huíla, Luanda, Namibe, Benguela são os principais destinos turísticos escolhidos pelos turistas estrangeiros e nacionais (Anuário Estatístico do Turismo, 2018). O clima, as praias e outras atrações turísticas são os principais fatores que contribuem para o grande crescimento do turismo nestas regiões.

Os Santuários da Nossa Senhora da Muxima²⁶ e de Nossa Senhora do Monte são dois dos mais conhecidos destinos do turismo religioso no país e no mundo todo, são realizadas peregrinações anuais a estes e a outros Santuários pelo país inteiro.

²² Uma das 18 províncias de Angola, localizada a norte do país

²³ Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura

²⁴ Transportadora Aérea de Angola

²⁵ TCUL, MACOM, TURA, ANGOSTRAL e SGO, são algumas das transportadoras terrestres que operam no mercado de mobilidade terrestre em Angola

²⁶ Muxima é uma vila, sede do município da Quiçama, na província de Luanda. Entretanto na língua kimbundu significa coração. E é a denominação conhecida a nível nacional atribuída a Nossa Senhora, mãe de Jesus.

A história nacional é fortemente conservada nos múltiplos museus e monumentos espalhados um pouco por todo território nacional: museu nacional da escravatura; museu nacional da história militar; museu de antropologia; memorial Dr. António Agostinho Neto; museu de história natural; palácio de ferro, e outros espalhados pelas 18 províncias do país (Machado, 2018). Destinos como a cidade de Mbanza Kongo, proclamada pela Unesco Património Mundial da Humanidade, Quedas de Kalandula (situadas na província de Malange), a ilha do Mussulo (na capital do país, Luanda), o projeto Okavango Zambeze (na província do Cuando Cubango), a grande floresta do Mayombe (na província de Cabinda), as Grutas do Nzenzo (na província do Uíge), maior morro do país, o morro do Moco (na província do Huambo) cavernas do Zau (na província do Zaire), as deslumbrantes cachoeiras do Binga (na província do Cuanza Sul) e as cataratas do Ruacaná (localizadas na província do Cunene), o deserto do Namibe, visitas aos parques nacionais dispersos por Angola inteira; as exuberantes pedras negras de Pungo Andongo e muitos mais lugares onde a magia da sua beleza é notável. A propensa e extensíssima fauna e flora torna possível práticas como o ecoturismo, safaris fotográficos e etnográficos; as imensas praias espalhadas pelos quatro cantos do país tornam possível a prática do surf e outros desportos radicais no mar e muito mais.

1.5. O Ministério do Turismo de Angola

O Ministério do Turismo de Angola foi criado em Julho de 1996 (Decreto Presidencial n.º 41/18 da Presidência da República., 2018) cujas responsabilidades compreendiam: licenciar, orientar, disciplinar, fiscalizar e apoiar a política do governo referente ao setor turístico e colocar o turismo angolano a par dos países que possuem potencialidades turísticas, sobretudo no que se refere aos países do continente africano. Antigamente (até 2015) respondia pela denominação de Ministério da Hotelaria e Turismo (MINHOTUR).

Atualmente, e por Despacho Presidencial (Decreto Presidencial n.º 41/18 de 12 de Fevereiro da Presidência da República., 2018), foi alterada a designação deste organismo público, passando a ser designado por Ministério do Turismo (MINTUR). Da sua estrutura orgânica fazem parte os órgãos²⁷ seguintes, de acordo com a figura 1.

²⁷ (Cf. Decreto Presidencial n.º 41/18 de 12 de Fevereiro da Presidência da República., 2018)

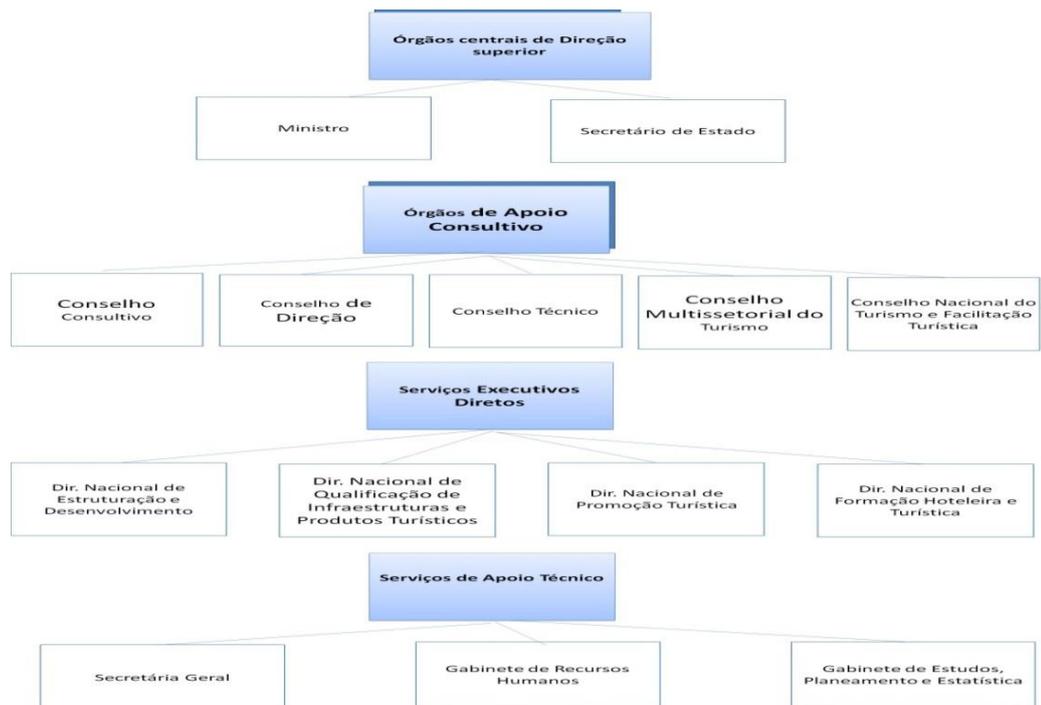


Figura 1: Organograma do MINTUR.
 Adaptado do Ministério do Turismo de Angola (2019)

CAPÍTULO II. ESTADO DA ARTE

2.1. Terminologia do turismo em Angola: o estado da arte

Durante todo o processo de pesquisa não foram encontrados estudos realizados no âmbito da terminologia turística em/de Angola, quer a nível de edições publicadas, quer a nível de material disponibilizado na internet. Uma vez, que o setor turístico constitui um importante instigador económico, quer a nível local e internacional, esperávamos encontrar alguns estudos empreendidos pelas entidades oficiais responsáveis pelo setor angolano.

Não se conhece, até a data do término deste projeto, algum glossário turístico elaborado pelo órgão que tutela a atividade naquele país, ou outros que fomentem e promovam a mesma.

Embora o propósito desta secção tenha sido o de apresentar estudos terminológicos do turismo de Angola, dada a escassez destes estudos a nível nacional, optou-se por referir alguns estudos realizados em Portugal e no Brasil, onde, ao contrário do que acontece em Angola, ao pesquisarmos sobre a mesma temática, a um nível mais extensivo, encontramos imenso material já publicado e disponível de forma impressa e gratuita na internet.

A nível da Europa, tivemos contato com algumas obras, que passaremos a citar: o Dicionário Técnico do Turismo (1990) e o Prontuário Turístico (2013) ambos de Celestino Domingues; o Dicionário de Terminologia Hoteleira (Front-Office) (2000a) de Américo Mata; Guia Técnico de Hotelaria: A Arte e a Ciência dos Modernos Serviços de Restaurante (2004) de Joaquim Janeiro; Terminologia e Tradução: Criação de uma Base de Dados Terminológica do Turismo Baseada num Corpus Paralelo Português-Ingês (2010) de Adonay Moreira. Relativamente a recursos informáticos e digitais tivemos acesso à base de dados da Universidade de Vigo, Termoteca (2018) e o Lextec-Léxico Técnico do Português (2009), do Instituto Camões, do qual faz parte uma terminologia do turismo.

Relativamente a terminologia turística no Brasil, achamos pertinente mencionar as seguintes obras, a que tivemos acesso: Glossário Terminológico do Ministério do Turismo do Brasil (“Ministério do Turismo: Dados e Fatos,” 2019); a obra Terminologias do Turismo: Instrumento para a Formação Especializada em Língua Portuguesa (2014) de Patrícia Peralta; e o artigo académico “A Contribuição de um Glossário Trilingue de Turismo de Aventura Para a Formação e Atuação do Profissional de Turismo” (2016), de Santana, Dos Santos e Delvizio.

Outros documentos encontrados e consultados ao longo da nossa pesquisa não serão mencionados nesta secção por motivos de enquadramento e de gestão de tempo.

Descreveremos, de forma resumida, cada um dos documentos citados anteriormente, e as conclusões retiradas para a concretização do nosso projeto académico.

O Dicionário Técnico do Turismo (1990) e o Prontuário Turístico (2013), ambos de Domingues constituem, segundo Moreira (2010), duas obras de referência, em Portugal, para os profissionais de turismo. O dicionário, conforme afirma o próprio autor (1990), é fruto de uma revisão de um outro livro, publicado em 1982, com o propósito de eliminar alguns vocábulos de interesse menor ou ultrapassados pelo avanço da tecnologia, substituindo estes por outros próprios da linguagem profissional. Dele constam, também, um glossário histórico, um cronograma, registando os acontecimentos mais importantes na evolução do turismo e dos vetores mais importantes desta atividade, e uma lista de países e suas respetivas unidades monetárias. O mesmo foi elaborado em ordem alfabética e constam termos de áreas como: alojamento, alimentação e transportes. Trata-se de um dicionário monolíngue (escrito em português, somente, sem equivalentes noutras línguas), em que não constam exemplos de uso dos termos nem informação morfológica.

Quanto ao prontuário turístico, também de Domingues (2013), trata-se de uma edição mais recente, revista e atualizada, de um dicionário monolíngue, sem equivalentes noutras línguas, embora presente, quando indispensável a origem do termo. Não contém os termos em contexto de uso nem informação morfológica dos mesmos, mas apresenta a definição destes.

Américo Mata (2000a) elabora um dicionário terminológico da área da hotelaria (Front-Office), uma das áreas com que o turismo se relaciona e mantém ligação. Achamos pertinente apresentá-lo, dado o cariz que transporta a obra. Trata-se de um dicionário que comporta termos próprios da atividade hoteleira, mais propriamente da parte do front-office, ou seja, termos usados por profissionais hoteleiros que têm contato direto com os clientes (aqueles que dão “a cara”).

Como afirma o próprio autor (2000a, p. 7) “o dicionário é trilingue, comporta termos em português, inglês e francês; conta com 5210 termos ou expressões compostas, destas 2760 estão em Inglês, 1400 em português e 1050 em francês”. Existe, para alguns termos, o contexto de uso. Não sabemos que critérios o autor usou para atribuição somente a alguns termos o

contexto de uso. Há uma outra informação, usada pelo autor, para alguns termos, que, segundo ele, são dados obrigatórios. A título de exemplo: no termo “formulário de registo”, começa-se por apresentar a definição do termo e depois o autor apresenta os dados que devem constar deste mesmo formulário. Ou ainda no termo “diretor do front-office”, além de apresentar somente o conceito, apresenta, também, as obrigações de um “diretor de front-office”. Os termos não apresentam informação morfológica.

Da obra de Joaquim Janeiro Guia Técnico de Hotelaria: A Arte e a Ciência dos Modernos Serviços de Restaurante (2004), também monolíngue, constam a terminologia do restaurante e cafetaria e um glossário de cozinha. Chamou-nos, logo, a atenção, quando vimos o índice do livro. A terminologia do restaurante e cafetaria encontra-se na segunda parte do livro, é monolíngue, não apresenta equivalentes noutras línguas, não contém contextos de uso, e é ligeiramente reduzida, para aquilo que nós estávamos a espera. Em relação ao glossário, que se pode encontrar na terceira parte do livro, é bastante resumido, apresenta as definições para os termos, mas não apresenta contextos de uso.

A organização e coordenação da base de dados Lextec-Léxico Técnico do Português (2009) estiveram a cargo do Instituto Camões. Apresenta terminologia nos seguintes domínios de especialidade: ambiente, banca, comercio, construção, direito comercial, economia e gestão de empresas, energia, seguros, telecomunicações e turismo. Pareceu-nos uma fonte bastante completa, para os objetivos do nosso projeto, pelo fato de apresentar a definição dos termos e textos com o termo em uso, possui uma rede conceptual para cada termo, e equivalentes na língua inglesa. Entretanto, achamos o número de termos recolhidos bastante reduzido.

Um outro recurso, podemos dizer, o que se mostrou com maior relevância para a realização do nosso projeto foi a base de dados Termoteca, (2018) da Universidade de Vigo, partindo de um projeto académico, elaborado por Moreira (2010). Desta base de dados constam terminologias de domínios de especialidade das seguintes áreas: ecologia e ciências ambientais, economia, jurídico-administrativo, sociologia, medicina, turismo e informática.

O glossário terminológico elaborado pelo Ministério do Turismo do Brasil (“Ministério do Turismo: Dados e Fatos,” 2019) mostrou-se muito limitado, uma vez que o mesmo apenas apresentava o termo e a possível definição. Um número de termos pouco extensivo, sem informação contextual e morfológica, e numa única língua. Em contrapartida o livro de Peralta, Terminologias do Turismo: Instrumento para a Formação Especializada em Língua Portuguesa (2014), pareceu-

nos muito pertinente por constar dele vários glossários incorporando terminologia essencial a cada capítulo do livro. Os termos apresentam informação morfológica e equivalentes em italiano.

O texto de Santana et al (2016), “A Contribuição de um Glossário Trilingue de Turismo de Aventura para a Formação e Atuação do Profissional de Turismo”, oferece um trabalho feito sobre as unidades terminológicas relativas ao turismo de aventura. A organização com que os autores exibem os termos, foi a razão pela qual o apresentaremos nesta secção. Os termos estão em português do Brasil, com equivalência em inglês e espanhol (quando possível), apresentam definições e o contexto de uso nas três línguas. Os termos estão agrupados em campos a que cada termo pertence.

2.2. Problemática da grafia dos termos em kimbundu e em umbundu

A questão linguística que se vive em Angola tem sido alvo de várias abordagens ao longo dos anos. De linguistas clássicos como: Nascimento (1894), e Guthrie (1948) até aos mais modernos, como: Redinha (1975), Marques (1985), Mário Oliveira (1990), Kukanda (1992), Fernandes & Ntondo (2002) e Mingas (2007) e muitos outros que têm dado o seu contributo para a normalização e organização das mesmas.

Uma problemática gritante é a questão da uniformização da escrita (grafia) nas línguas de origem bantu faladas em Angola. Assim, uma vez que, para o nosso trabalho, tentaremos apresentar os equivalentes de termos turísticos em kimbundu e umbundu, achamos pertinente apresentar mais do que qualquer outro aspeto relacionado a estas duas línguas, o sistema gráfico das mesmas.

Sobre o alfabeto de línguas nacionais de Angola, os passos iniciais da sua elaboração foram dados pelos missionários e alguns comerciantes, a partir das línguas europeias e com base no alfabeto latino (Serrote, 2015).

Da necessidade de se uniformizar e normalizar a ortografia das línguas nacionais²⁸ de Angola, o Instituto de Línguas Nacionais de Angola (ILN)²⁹ fez sair a Resolução nº 3/87 de 23 de Maio, que

²⁸ Antiga denominação das línguas de origem bantu e não bantu faladas em Angola. Hoje, recebem a denominação de línguas angolanas ou línguas de Angola. (Cf. art.19 n.2 da Constituição da República de Angola, 2010, p. 9)

²⁹ Designação usada atualmente (a partir de 1985) anteriormente (1980) a instituição respondia pela designação de Instituto Nacional de Línguas (INL)

aprovava, a título experimental, os alfabetos de seis línguas nacionais (INL, 1980), nomeadamente: kikongo, kimbundu, cokwe, umbundu, mbunda e o oxikwanyama³⁰.

Desta forma apresentaremos algumas das principais características relacionadas a ortografia das línguas kimbundu e umbundu, uma vez que servirão para a pesquisa desta dissertação.

A língua kimbundu pertence ao grupo etnolinguístico dos Ambundu, é falada, segundo a classificação de Malcom Guthrie, citado por Fernandes e Ntondo (2002), na zona H³¹, compreendendo as províncias do Bengo, Cuanza Norte, norte do Cuanza Sul, Luanda e Malange (Sacanene, 2015). Conta com cerca de 7.82% de falantes (INE, 2016), sendo a terceira língua mais falada em território angolano, atrás do umbundu e do português. Adotou as letras do alfabeto português, incluindo o w, do alfabeto gótico, o k e o y, do alfabeto grego (Silva, 2015). Do seu alfabeto constam ainda as combinações mb, nd, ng, ñg, nj, (Fernandes & Ntondo, 2002), perfazendo um total de 28 letras: [a, b, c, d, e, f, h, i, j, k, l, m, mb, n, nd, ng, ñg, nj, o, p, s, t, u, v, w, x, y, z]. Entretanto, segundo estabeleceu o Instituto de Línguas Nacionais (doravante denominado ILN), em 1987, o alfabeto kimbundu comporta 26 letras (Serrote, 2015): [a, b, bh, d, e, f, ng, h, i, j, k, l, m, n, o, ph, s, t, th, u, v, w, x, y, z].

O umbundu é a língua do grupo etnolinguístico Ovimbundu, falada na Zona R, segundo classificação de Guthrie (1948), difunde-se por três províncias: Bié, Huambo e Benguela, entretanto existem partes das províncias do Namibe, da Huíla e do Cuando Cubango (Sacanene, 2015) onde a mesma é falada. É a língua de origem bantu com maior número de falantes angolanos, cerca de 22.96% da população angolana fala umbundu (INE, 2016), perdendo somente para o português. Fazem parte do seu alfabeto 28 letras, tal e qual ao kimbundu (Fernandes & Ntondo, 2002). Entretanto, segundo estabeleceu o ILN, em 1987, o alfabeto umbundu comporta 24 grafemas (INL, 1980): <a>, <mb>, <c>, <nd>, <nj>, <e>, <f>, <ng>, <h>, <i>, <k>, <l>, <m>, <n>, <ny>, <ph>, <o>, <p>, <s>, <t>, <u>, <v>, <w>, <y>. É a única língua de origem bantu, falada em Angola, que possui vogais nasais (Fernandes & Ntondo, 2002, p. 91). Segundo Nascimento (1894) as consoantes no sistema ortográfico do umbundu

³⁰ Conferir o Histórico sobre a Criação dos Alfabetos em Línguas Nacionais. (INL, 1980)(Cf. Fernandes & Ntondo, 2002, p. 93)

³¹ As línguas Bantu repartem-se em três zonas linguísticas, segundo a classificação feita por Guthrie, cobrindo todo o território angolano:

- Zona H-reúne as línguas kikongo e o kimbundu;
- Zona K-compreende as línguas cokwe e ngangela; e a
- Zona R-que compreende as línguas faladas na região centro, sul e sudoeste: engloba as línguas: olunyaneka, oshihelelo (oshikuvale), oshiwambo (oshikwanyama e oshindonga) e o umbundu (Cf. Fernandes & Ntondo, 2002, p. 93)

dividem-se em três grupos: simples (f, h, k, l, m, n, s, t, v); nasaladas: b =mb, d =nd, g =ng, j =nj, p =mp; e compostas: ch= tx, nj =ndj.

A grande problemática, relativamente a ortografia destas duas línguas, em particular, prende-se com o facto de como devem ser escritas as palavras provenientes destas línguas no português.

Todavia, embora o ILN tenha apresentado um alfabeto fonético das línguas bantu, tem-se verificado uma certa disparidade na escrita dessas mesmas línguas por parte de alguns autores. A título de exemplo, partindo da recolha de dados a ser usada neste projeto, apresentamos, nas tabelas 1 e 2, casos em que uma mesma palavra aparece representada graficamente em kimbundu (1) e em umbundu (2) de duas ou mais formas.

Tabela 1. Termos em kimbundu com etimologias e significados iguais, mas grafia diferente

Kimbundu	Kimbundu	Português
Menha	Menya	Água
Kiamilundu	Kyamilwundu	Montanha
Kuenda	Kwenda	Caminhada
Kiombo	Kyombo	Javali
Quitanda	Kitanda	Feira
Dibia dia itulu	Dibhya dya itwlv	Jardim
Uambatelu	Wambatelu	Transporte
Musonhi	Musonyi	Hóspede
Ditabu	Dithabw	Praia

Fonte: Elaboração própria.

Tabela 2. Termos em umbundu com etimologia e significados iguais, mas grafia diferente

Umbundu	Umbundu	Português
Ocikakala	Ochikakala	Penhasco
Ocifuka	Ohifuka	Ilha
Ocalui	Okalwi	Afluente
Ocipiñalo ukuafeca	Ochipingalo ukwafeka	Património nacional
Ocimbaka	Ochimbaka	muralha

Fonte: Elaboração própria.

Zavoni Ntongo (2009) e Mingas (2007) defendem que os termos provenientes destas línguas deveriam ser escritos, na língua de chegada, como no caso do português, como se escrevem na sua língua de origem/partida (kimbundu ou umbundu). Entretanto, Ribas (2014) afirma ser deselegante e até incoerente, a escrita luso-angolana, com uma mistura de grafias. Defendendo que, uma vez transplantados os termos da sua escrita original, sofrem a consequente adaptação, deixando de se escrever como se escreviam, adaptando-se, assim, a escrita do português. Acrescenta, ainda que “Os regionalismos³², quando integrados na língua a que se associam - neste caso, a portuguesa, - obedecerão às suas leis, estrutura que a modela. Inversamente, obter-se-á uma escrita corrompida, destituída de beleza e nexos”. (Ribas, 2014, p. 11). No entanto, o autor, anteriormente citado, afirma ser inadiável a questão da uniformidade ortográfica, para coerência e correção dessas palavras.

Ainda sobre esta mesma questão André (2015) aponta a falta de consenso entre os linguistas angolanos pelo facto de existirem vários alfabetos para uma mesma língua.

Por decisão unilateral do Ministério da Administração do Território, atualmente, em Angola, os topónimos e os hidrónimos, principalmente os que anteriormente se escreviam com o grafema <ɓ> passaram a ser escritos com o grafema (Domingos & Bernardo, 2016).

Ntongo (2009) defende que o processo de normalização deverá ter por objetivo o desaportuguesamento da ortografia toponímica, implicando, do ponto de vista linguístico, a utilização de grafia adaptada, correspondente à fonologia das línguas em apreço. Desta forma, segundo o mesmo autor, esta normalização ortográfica dos topónimos visaria restituir e inseri-los no seu contexto cultural e/ou histórico. Este objetivo se estende aos antropónimos. A normalização ortográfica dos itens onomásticos em Angola deveria simplesmente apoiar-se na Resolução nº 3/87, de 23 de Maio de 1987 (Ntongo, 2009), que aprova, a título experimental, os alfabetos de algumas línguas nacionais que julgamos, particularizando determinadas especificidades fonológicas, afetar as outras línguas não contempladas nesta resolução.

A importância que tem a questão da uniformização da escrita nas línguas de origem bantu faladas em Angola é apontada por Sacanene (2019), uma vez que esta facilitaria o seu uso e evitaria ambiguidades na utilização e consequente dicionarização. A título de exemplo, este autor

³² Segundo Ribas (2014), são termos que por efeito da influência ambiental sofrem a natural modificação, quer na prosódia, quer na extensão de sentido. E a par dessa alteração, o incorporamento de vocábulos essencialmente regionais: uns, em sua pureza; outros, no hibridismo

apresenta algumas unidades extraídas dos dicionários portugueses que, não obstante apresentam a mesma etimologia e significados, porém divergem na sua ortografia, como são os casos de: mussorongo/ mussurungo/ muçorongo, quissângua/quiçângua, que são, segundo o autor, a demonstração da duplicidade ou triplicidade gráficas o que, em certa medida poderá criar problemas.

Em 2013, num esforço contíguo entre o Centro de Estudos Avançados de Sociedades Africanas (CASAS) e do ILN, foi lançado o livro intitulado “Harmonização Ortográfica das Línguas Bantu de Angola”³³ cujos objetivos eram: a revisão e atualização dos alfabetos das seis línguas, nomeadamente, kikongo, kimbundu, umbundu, cokwe, mbunda e oshikwanyama, e suas respetivas regras de transcrição, aprovados, a título experimental, pela Resolução do Conselho de Ministros da República de Angola, em 1987 (Resolução n.º 3/87 do Conselho de Ministros., 1987); e posteriormente tratar das regras que comandam as divisões das palavras e da sua ortografia.

No nosso trabalho, por se tratar de um estudo meramente descritivo, optaremos por não adotar nenhuma corrente relativa a ortografia das línguas kimbundu e umbundu e passaremos, apenas, por reproduzir os termos tal e qual os retiramos dos dicionários e outros materiais de recolha de dados.

2.3. Fundamentos teóricos:

2.3.1. Terminografia e Ontologia: A Ontoterminografia

O objetivo deste capítulo é o de contextualizar, teoricamente, a base de dados ontoterminográfica do turismo. A secção divide-se em dois pontos dedicados às duas disciplinas que enformam a nossa abordagem prática: por um lado a Terminografia – a elaboração de terminologias - e nesta esfera, abordaremos a Teoria Comunicativa da Terminologia (TCT); e por outro a Ontologia, de acordo com Morais et al (2007) – é a representação de conhecimento de um determinado domínio com recurso a programas informáticos, facilitando o processamento da linguagem natural (PLN) e o armazenamento, manuseamento e recuperação de informações de forma mais rápida e eficaz.

³³ (Cf. Pedro, 2013)

A terminografia, segundo todos os linguistas e terminólogos consultados (Cabré, 1993; Torruela, 2017; Moreira, 2010; L´Homme, 2004; Durán, 2012), é a atividade prática da terminologia. Cabré (1999, p. 263) acrescenta, ainda, que a atividade terminográfica integra operações de recolha, sistematização e apresentação dos termos de um determinado ramo do saber ou da atividade humana.

L´Homme (2004, p. 21), por sua vez, apresenta a conceituação de terminografia como «ensemble d´activités dont l´objectif principal est de décrire des termes dans les dictionnaires spécialisés ou les banques de terminologie».

Por acharmos que existe consenso nos vários conceitos apresentados, sobre terminografia, pelos autores consultados não nos debruçaremos extensamente sobre o mesmo.

A Teoria Comunicativa da Terminologia (TCT) foi proposta inicialmente por Cabré e surgiu das lacunas que a Teoria Geral da Terminologia (TGT) estabelecida por Wuster (1988) aduzia.

Na sua teoria, Cabré (1993) aponta três pilares que vão contra os estabelecidos pela teoria wusteriana³⁴: 1) a primazia da componente linguística, tornando os termos como parte integrante da língua, sujeitos a variação, não sendo fixos ou imutáveis. 2) defende e aceita a polissemia em textos especializados, reconhecendo, desta forma, a diversidade concetual no contexto da comunicação técnico-científica. 3) e, em último lugar, o que alguns autores consideram ser o aspeto mais relevante da contraposição a teoria de Wuster, é a posição que Cabré atribui ao comportamento real dos termos e a sua descrição no meio dos textos especializados. Assim sendo a Teoria Comunicativa da Terminologia (TCT) surge como uma das correntes modernas e que emerge precisamente para amotinar a terminologia.

Embora, o termo ontologia tenha surgido no âmbito da filosofia, como a identificação das características comuns a todos os seres, é impensável, atualmente, a não adoção de princípios ontológicos na área de representação documentária e noutras áreas distintas, pelo carácter interdisciplinar que ela representa.

O conceito universal e mais conhecido de Ontologia é o apresentado por Gruber (1993): “uma ontologia é uma especificação de uma conceituação”. É, de acordo com Simões et al (2004), “a terminologia de um domínio (define o universo de discurso)”. Berners-Lee, citado por Mori

³⁴ Termo usado por Moreira (Cf. Moreira, 2010, p. 30)

(2009), define ontologia como sendo um documento ou arquivo que descreve formalmente as relações que se estabelecem entre termos.

Embora de forma diferente, muitos autores são unânimes em afirmar que uma ontologia é a representação conceitual de uma área específica.

Ontologia é, por natureza, um conceito interdisciplinar, como já foi referido anteriormente, inserido num contexto que envolve o “estudo de conceitos e teorias que dão embasamento para a construção de domínios específicos a fim de representá-los” (Moraes & Moreira, 2015).

No âmbito da linguística, a ontologia apresenta questões referentes ao significado que são envolvidas na construção de representações (Moraes & Moreira, 2015).

Moreira (2007) diz que enquanto a Terminologia insere os termos dentro de um domínio para ali qualificá-los, ponderando, principalmente, o contexto cultural como determinante da carga semântica dos termos, a Ontologia preocupa-se com o caráter lógico-epistemológico de formação dos conceitos antes de preocupar-se com sua expressão formal.

De forma prática, as ontologias uniformizam significado através de identificadores semânticos, os quais podem representar o mundo real e conceitual, constituem-se em definições de conceitos, classes, propriedades, relações, restrições e axiomas sobre um determinado domínio (Freitas & Schulz, 2009).

É notável a especial atenção que as ontologias passaram a receber no campo das ciências da computação. Desta atenção assinala-se o auxílio que ela dá na inclusão de definições de conceitos básicos do domínio bem como as relações entre estes para que o computador faça a sua interpretação.

Campos (2010), citando Weinstein, apresenta o conceito de ontologia, na esfera da computação, mais precisamente no da Inteligência Artificial, como “uma rede de definições de um vocabulário que expressa um consenso da comunidade sobre o domínio de conhecimento”.

Segundo afirma o autor referido no parágrafo anterior, há uma diferença estabelecida entre uma ontologia linguística e uma formal. Nas ontologias linguísticas constroem-se redes semânticas entre palavras, onde estão em jogo cadeias de associações que, na maioria dos casos, não estão baseadas em relações lógicas. Nas formais, por sua vez, elaboram-se redes conceituais com relações que formam cadeias lógicas e ônticas como, por exemplo, as relações de generalização e agregação (Campos, 2010, p. 223).

Dado o crescente interesse que a incorporação de ontologias em trabalhos terminográficos tem vindo a despertar, nos últimos anos, Durán (2012) propôs o termo ontoterminografía, discordando das anteriores denominações apresentadas por outros autores (Cf. Durán, 2012, p. 100.101). Por considerá-las restritas e tão pouco integradoras e incompletas. Desta forma, segundo a mesma autora, ontoterminografía seria definida como a terminografía que incorpora ontologias no trabalho terminográfico dentro de um quadro da Terminologia moderna, incluindo, por tanto, os princípios partilhados entre as Teorias Comunicativa e Sociocognitiva da Terminologia. De forma a realçar a necessidade de prestar atenção na dinâmica dos termos, na sua polissemia, á situação comunicativa onde aparecem as unidades, na rejeição da univocidade absoluta, ao emprego de corpus textual ao trabalho terminográfico, e a categorização dos domínios.

2.3.2. O corpus especializado

A relevância que a linguística de corpus revela na elaboração de terminologias e noutros ramos da linguística é indiscutível. Segundo aponta Iriarte (2001) é a linguística empírica «a linguística de corpus» que dá conta dos usos reais de uma língua. E, conforme afirma Torruella (2017, p. 33) o objeto de estudo da linguística de corpus é o corpus. Entretanto, a escolha do tipo de corpus a usar em determinado projeto deve ser ajustado as necessidades que o mesmo deve suprir, pois dele dependerão os resultados que se espera alcançar.

O texto ou comunicação especializada (denominação usada por Cabré (1993, 2002) é polissémica, segundo defendem vários autores. Cabré (2002) reconhece, na sua Teoria Comunicativa da Terminologia (TCT), que um dos pilares em que ela se sustenta é o texto ou a comunicação especializada. E indica dois critérios tradicionalmente usados para classificar os textos especializados: por um lado a especialização pela temática; por outro lado, o grau de especialização, isto é, se os textos são muito especializados, médios ou pouco especializados. Para Cabré & Bagot, citado por Moreira (2010) textos especializados são:

«Los textos especializados, cada uno configurado a partir de variables discursivas determinadas, se caracterizam por tener una estructura cognitiva (además de la formal y la gramatical que no tratamos), que puede representarse como un mapa formado por un conjunto de nudos que transmiten conocimiento especializado, relacionados entre sí»

No conceito apresentado pelas autoras nota-se a presença da estrutura cognitiva, também apontada por Moreira (2010, p. 37) como a característica mais proeminente dos textos

especializados e que torna o conceito de textos especializados diferente do conceito usado por outros autores.

É, precisamente, o “texto especializado, um dos pilares em que assenta a Teoria Comunicativa da Terminologia de Teresa Cabré, pois é este que permite a análise dos termos no seu funcionamento natural” (Cabré & Bagot, 2005).

Moreira (2010) acrescenta, ainda, que são estes nós cognitivos, e as relações que se estabelecem entre eles, que constituem a estrutura cognitiva e multirrelacional que caracteriza esta tipologia de textos.

Conforme assegura L´Homme (2004), toda a pesquisa terminográfica tem como base os textos especializados, definindo corpus de especialidade como «est ensemble de textes représentatifs du domaine» (L´Homme, 2004, p. 123).

Torruella (2017), e Pearson (1998) são unânimes em apresentar a temática/conteúdo como um dos parâmetros classificatórios de um corpus textual. Estes autores classificam os corpora, segundo este parâmetro, como corpora textuais gerais e corpora textuais especializados.

Torruella (2017) afirma que este tipo de corpus é utilizado para analisar e descrever uma variedade da língua em particular e recorre a textos que respondam exclusivamente as características da variedade estabelecida. «Así, por ejemplo, si se pretende estudiar la lengua de la administración, bastará recopilar textos de este tipo, y solo de este tipo, para confeccionar el corpus». (Torruella, 2017).

Pearson (1998, p. 46) na sua abordagem exaustiva sobre corpora especiais enumera alguns exemplos deste tipo de textos “Examples of special corpora given by Sinclair are corpora of the language of children, the language of geriatrics, the language of non native-speakers and language of very specialized areas of communications”.

Na nossa opinião, parece ser Cabré (1993), quem se debruçou mais sobre a questão das línguas de especialidade ao incluir, inicialmente, o aspeto cognitivo nela e ao abordar a temática dos pilares que caracterizam este tipo de línguas. Apesar de Pearson (1998) apresentar igualmente alguns critérios que tornam a língua de especialidade com maior grau de especialização.

Apesar dos textos, que servirão de corpus de análise para o nosso projeto, possuírem um grau baixo de especialização, por se tratar de textos promocionais/informativos, e serem produzidos

por especialistas e direcionados a turistas, consideramos os mesmos como sendo um corpus especializado, por pertencerem a mesma temática. Uma vez que consideramos, baseados na afirmação feita pelos autores Picht e Draskau, citados por Moreira (2010), a temática como sendo a característica que melhor determina um texto especializado.

CAPÍTULO III: CONSTITUIÇÃO DO CORPUS E ANÁLISE DE DADOS

3.1. Constituição de corpus no âmbito do turismo

Segundo a OMT, o turismo tornou-se numa das indústrias mundiais com maior crescimento e o seu volume de negócios equivale ou ultrapassa mesmo o das exportações de petróleo, produtos alimentares ou automóveis, sendo a terceira maior categoria de exportações a nível mundial (OMT, 2018b). Representa um papel importante nas atividades económicas mundiais, apesar da crise económica dos últimos anos (Moreira, 2010).

Em Angola, o turismo é também uma atividade económica que produz ganhos significativos. Recentemente, a sua regulação sofreu alterações importantes (Lei n.º 9/15 da Assembleia Nacional., 2015), fruto da reforma das instituições públicas empreendida pelo governo. O Turismo de Angola tornou-se a instituição pública responsável pelo setor do turismo, cabendo-lhe a responsabilidade de promover o turismo nacional, de acordo com as orientações do “Plano de Desenvolvimento Nacional” (Ministério da Economia e Planeamento, 2018). De acordo com este plano, o turismo é um dos principais setores da economia angolana cuja importância económica tem vindo a aumentar. O Plano de Desenvolvimento Nacional (2018) prevê que entre 2018 e 2022 o turismo seja responsável por 5,9% do Produto Interno Bruto (PIB) e espera-se que gere até 2020 cerca de 950 mil novos postos de emprego nacional (Kaputo et al., 2011). O plano do governo é aumentar anualmente o número de turistas em 18%, atingindo os 4,5 milhões de turistas em 2020 (Kaputo et al., 2011).

Em 2019, Angola acolheu e realizou diversas atividades turísticas com o objetivo, mais do que claro, de incentivar e promover o turismo, quer a nível do turismo interno, quer a nível do internacional. Destas, podemos destacar: o "Presidencial Golf Day", com o objetivo de incentivar o turismo desportivo e o de negócios (como referenciou a ministra do turismo), realizado em Maio, no Complexo Turístico de Mangais, em Luanda, o mesmo contou com a presença de 80 jogadores e mais de 200 delegados de países africanos e europeus ³⁵; a realização anual da Bolsa de Turismo da Huíla cujo objetivo é o de aproximar a classe empresarial e os operadores turísticos daquela região; o Fórum Mundial do Turismo que se realizou entre os dias 23 e 25 de maio, um evento que reuniu cerca de 1500 delegados, provenientes do mundo inteiro, impulsionando o turismo global e prestando especial atenção à relação entre as tendências do

³⁵ CF. Presidential Golf Day Angola. (2019). Retrieved October 12, 2019, from <http://www.pgdangola.com/>

turismo local e global, bem como estratégias para um crescimento sustentável do turismo; foram abordados, neste fórum, temas como: “Turismo em África”, “Turismo digital ou informatizado”, “O papel do governo nas viagens de negócio”, “Porquê investir em Angola?”, e “O segredo ou a história do sucesso dos destinos turísticos”³⁶. Uma outra atividade turística, ainda em 2019, foi a chegada do primeiro comboio turístico a Angola, um acontecimento fulcral na esfera e na difusão da marca “Angola” como destino turístico.

Angola, através do Gabinete de Estudos, Planeamento e Estatísticas (GEPE) do MINTUR, definiu um plano estratégico para alterar o quadro atual do setor, e deste plano constam 06 eixos estratégicos (Kaputo et al., 2011, p. 047):

- 1) Mercados emissores;
- 2) Enriquecimento da oferta;
- 3) Promoção e distribuição;
- 4) Acessibilidades;
- 5) Serviços e competências;
- 6) Qualidade urbana e ambiental.

No 3º eixo, relativamente a promoção e distribuição da marca “Angola um país jovem e divertido” a estratégia de divulgação desta mesma marca passa essencialmente pelo canal internet como o meio de comunicação a ser usado e evidencia-se a aposta no uso de tecnologias digitais para um turismo sustentável.

Reconhece-se muito claramente a particular importância ao canal internet como principal veículo de informação e promoção do turismo em Angola (fruto disso foram, muito recentemente, lançados, três portais online: novo site sobre o turismo em Angola³⁷; o site lançado e gerido pelo Gabinete Provincial da Cultura, Turismo, Juventude e Desportos, em parceria com o Caminho de Ferro de Moçâmedes (CFM)³⁸, com o objetivo de mostrar e divulgar as potencialidades turísticas

³⁶ World Tourism Forum: Angola. (2019). Retrieved October 12, 2019, from <https://www.worldtourismforum.net/angola-2019/>

³⁷ Angola Turismo. (2019). Retrieved October 12, 2019, from <https://angolaturismo.ao/index.php>

³⁸ Visite Huíla. (2019). Retrieved October 12, 2019, from www.visitehuila.com

das províncias da Huíla, Namibe, Cunene e Cuando Cubango; e um terceiro com o intuito de exibir a potencialidade turística da província de Benguela³⁹.

Nota-se, assim, um esforço dos meios de comunicação, nomeadamente de portais na internet, de sites, brochuras bilingues, guias turísticos bilingues com maior ênfase para o português-inglês, na promoção e divulgação das potencialidades turísticas angolanas.

Embora a importância económica do turismo em Angola tenha vindo a crescer, quase nada se tem feito em relação aos textos responsáveis pelo contacto linguístico-cultural. De igual modo, apesar da consolidação e realização de estudos sobre o turismo⁴⁰ em/de Angola, e em terminologia⁴¹, nos diferentes domínios de especialidade, o estudo sobre terminologia do turismo, no nosso país, é carente, como se pode observar no 2º capítulo. A nossa base de dados pretende, por um lado, preencher esta lacuna, e por outro, apresentar um estudo linguístico sobre o léxico de especialidade, do turismo, no caso, em kimbundu e umbundu.

A constituição do corpus é uma tarefa fundamental no trabalho em terminologia depois de se ter identificado e delimitado o domínio em análise. Neste sentido, pensamos que o corpus constitui a matéria-prima para análise terminológica.

O corpus no qual se baseia a nossa base de dados compõe-se de textos provenientes de brochuras e guias turísticos, e páginas web, em português, provenientes do MINTUR, agências de viagens angolanas, INFOTUR, Associação de Hotéis de Angola (AHRA), Legislação angolana que regula a atividade turística em si, Plano Diretório do Turismo de Angola, relatórios e anuários estatísticos elaborados pelo órgão que regulamenta esta mesma atividade em Angola.

São textos dirigidos, na maior parte dos casos, aos consumidores, porquanto o seu objetivo é o de transmitir informação a potenciais compradores, de modo a persuadi-los a comprar ou

³⁹ Visite Benguela. (2019). Retrieved October 12, 2019, from <http://visitebenguela.com/>

⁴⁰ Eusébio, A. da C. F. (2016). Turismo étnico/cultural e paisagístico: possibilidades e limites de turismo em comunidades rurais do Sul de Angola. Minho. / José, N. F. (2017). Inventário e Análise Sociológica Das Políticas Públicas de Turismo em Angola. Universidade de Évora. // Amaro, A. (2016). Determinantes da Competitividade do Mercado do Turismo Sustentável: Uma Análise do Mercado do Turismo Interno em Angola. Instituto Superior de Gestão. Retrieved from <https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/18194/1/Tese Final -1.pdf>

⁴¹ Ernesto, E. M. (2016). Terminologia da Reforma Educativa (2001-2014). Proposta de uma base de dados terminológica para o Ministério da Educação de Angola. Universidade Nova de Lisboa. /

Undolo, M. (2012). Terminologia da Segurança Social em Angola. Universidade Nova de Lisboa. / Pedro, C. (2017). Proposta de Base de Dados Terminológica e Áudio Multilíngue para os Jornalistas Redactores da Rádio Nacional de Angola: o caso dos estrangeirismos. Nova de Lisboa. Retrieved from <https://run.unl.pt/bitstream/10362/23485/1/Diss. Carla Cristina - FCSH- Versão Após Defesa.pdf/>

Almeida, J. (2018). Terminologia do Direito Penal Angolano. Nova de Lisboa. Retrieved from <https://run.unl.pt/bitstream/10362/46804/1/João Almeida Dissertação.pdf>

consumir produtos ou serviços. A escolha deste tipo de corpus visou colmatar a escassez de terminologias nesta área do saber, e dar respostas às necessidades de profissionais, potenciais profissionais, ao público, de forma geral, e aos linguistas.

Além destes textos promocionais e informativos, como já se fez referência, fazem, também, parte da composição do corpus a legislação sobre a atividade turística em Angola, relatórios e documentos oficiais do MINTUR.

Temos como objetivo, neste trabalho de investigação, refletir sobre a terminologia turística angolana e a construção de uma base de dados ontoterminológica multilingue, suscetível de ser usada, de futuro, na divulgação e promoção da indústria turística do país.

As mudanças atuais nas políticas governamentais para a promoção e difusão de Angola como destino turístico podem resultar num aumento da produção de materiais traduzidos para diversas línguas. Encontrar, numa base de dados, as definições para os termos ou os equivalentes adequados noutra língua, auxilia o trabalho dos profissionais da área que são obrigados a lidar com um público-alvo cada vez mais multilingue, dos estudantes na área do turismo, do turista nacional e estrangeiro que visita o país que o acolhe e pode querer conhecer os equivalentes, numa das três línguas angolanas aqui estudadas ou em inglês, de um determinado termo da gastronomia, por exemplo, o nome de um prato.

Achamos pertinente que a base de dados contemple informação pragmática (contexto de uso e definição) e linguística (equivalência dos termos nas 4 línguas) delimitando, deste modo, os termos e o sentido de cada um deles num contexto preciso.

O corpus é, portanto, constituído por textos informativos, promocionais e legislativos sobre a atividade turística de e em Angola, que mais adiante, faremos referência, e que foram selecionados com base nos conhecimentos que possuímos deste domínio.

No cômputo geral foram recolhidos textos de cerca de 30 brochuras, todas elas bilingues (português-inglês), recolhidas das regiões de Benguela, Huíla, Namibe, Malange, Luanda, Cuanza Sul e Cuanza Norte. Também foram recolhidos termos de 3 guias turísticos sobre a região de Angola, de forma geral, mas que no seu interior apresentam descrições mais pormenorizadas de cada uma das 18 províncias do país. O Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea da Academia das Ciências de Lisboa integrou a lista das fontes de recolha de termos para o corpus. Foram também usados textos de 8 sites.

A seguir apresentamos a tabela 3 que indica de onde são provenientes os textos do corpus: os sites, o número de brochuras usadas e a região turística a que se refere, e ainda todos os outros tipos de documentos de onde foram extraídos textos para a composição do corpus.

Tabela 3. Fontes usadas na compilação do corpus

Regiões de turismo de Angola	Endereços dos sites usados	Nº. de Brochuras	Outros Documentos
Angola	http://angolaturismo.ao	1	Lei nº. 9/15 do Turismo
Angola	http://eco-tur.com	25	Guia Turístico Angola 2018-2019.
Região sul: Huíla, Namibe, Cuando-Cubango	www.visitehuila.com	1	Guia Turístico Angola 2016-2017.
Benguela	http://visitebenguela.com/	4	Linhas de Orientação do Plano Director do Turismo de Angola
Cabo Iedo	http://visitecaboledo.co/	-	Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea
Angola	www.mintur.gov.ao	-	
Angola	https://www.inl.co.ao	-	
Angola	www.hoteisangola.com/	-	
Cuanza Sul		15	
Cuanza Norte	http://angolaturismo.ao	6	
Malange	http://angolaturismo.ao	7	
Luanda	http://angolaturismo.ao	8	

Fonte: Elaboração própria.

O <http://angolaturismo.ao> foi criado muito recentemente (maio de 2019), pelo Ministério do turismo, para servir de cartão postal virtual e promover a imagem de Angola. Nele se pode

encontrar muita informação turística sobre as 18 províncias do país; agenda sobre os principais eventos de carácter turístico que ocorrem por Angola inteira. Os textos encontram-se escritos somente em português. No interior do site encontramos uma brochura bilingue (português-inglês) “Angola: Um destino turístico a desenvolver”, que também foi usada na altura da compilação do corpus.

O site <http://eco-tur.com> é uma plataforma online da agência de viagens “Ecotur” especializada no setor do ecoturismo em Angola. Achamos pertinente incluí-la na constituição do corpus, por conter bastante informação linguística sobre roteiros turísticos por Angola inteira. Grande parte das brochuras que compõem o nosso corpus de especialidade foram recolhidas neste site. As brochuras são disponibilizadas de forma gratuita, e os textos são apresentados em português e inglês.

www.visitehuila.com é um site que se encontra sob tutela e gestão do Gabinete provincial da Cultura, Turismo, Juventude e Desportos da Huíla em parceria com os caminhos-de-ferro de Moçâmedes (CFM). Faz a divulgação das potencialidades turísticas da Huíla, Namibe e Cuando Cubango. Os textos encontram-se escritos somente em português.

As plataformas <http://visitebenguela.com/> e <http://visitecaboledo.co/> foram criadas com o intuito de fornecer informação turística sobre Benguela (no primeiro) e sobre Cabo Ledo (no segundo). As informações que constam destes dois sites são muito parecidas: principais unidades hoteleiras e similares nas duas zonas, sítios turísticos, roteiros e atrações turísticas. No site sobre Benguela os textos são escritos somente em português. No referente a Cabo Ledo a língua por defeito é o português, porém pode ser acedida em 10 outras línguas.

O www.mintur.gov.ao é o site oficial do Ministério do Turismo. A informação contida encontra-se somente escrita em português. Foi dele que retiramos todo o material legislativo, relatórios e publicações que também foram usados na compilação do corpus.

O <https://www.lnl.co.ao> é um portal angolano sobre gastronomia, restauração e turismo interno. Os textos foram produzidos em português e inglês.

A plataforma www.hoteisangola.com possui informação sobre os principais hotéis e unidades similares de alojamento em Angola. Informações não só sobre preços e disponibilidades, mas também sobre as funcionalidades dos hotéis e as ofertas que os hóspedes poderão usufruir.

Em relação as brochuras, maior parte delas, 26 das 30, encontravam-se já em formato digital o que facilitou muito o nosso trabalho, relativamente a gestão do tempo, 4 em formato papel, pelo que tivemos de digitalizar o material para que nos fosse possível trabalhar com o mesmo. Vinte e cinco (25) brochuras foram escritas em português com equivalência em inglês e cinco (5) somente em português. Os textos são maioritariamente promocionais e informativos, com exceção de uma brochura cujo teor era, essencialmente, sobre o fomento e linhas estratégicas para o investimento do turismo em Angola.

3.1.1. Metodologia para constituição do corpus de especialidade

O conceito de corpus tem vindo a registar, ao longo dos tempos, inúmeras definições. Sinclair (2004), citado por Durán (2012, p. 86), apresenta, segundo esta autora, o conceito mais completo de corpus: «A corpus is a collection of pieces of language text in electronic form, selected according to external criteria to represent, as far as possible, a language or language variety as a source of data for linguistic research».

É necessário que se estabeleçam critérios na altura da compilação de um corpus de especialidade de forma a alcançar os objetivos propostos.

Assim, e baseando-se na proposta metodológica de análise textual do grupo EAGLES (1996), citado por Durán (2012, p. 86), para a compilação do nosso corpus de especialidade em contexto terminográfico consideramos os seguintes critérios gerais para a caracterização do nosso corpus de especialidade ou especializado⁴² para fins específicos: quantidade, qualidade, simplicidade e documentação. Mas, acrescenta Durán (2012, p. 92), que para se melhorar os resultados do trabalho e facilitar, também, o trabalho do terminógrafo, é necessário que se adicionem aos critérios gerais, outros mais específicos, nomeadamente: a delimitação de fronteira, abertura do corpus e o aspeto pragmático do corpus.

Em relação ao primeiro critério geral, quantidade, ou seja, a dimensão do corpus, partilhamos da mesma opinião de Pearson (1998) quando afirma que um corpus de especialidade não precisa de ser tão grande quanto um corpus de caráter geral. Por este motivo consideramos o nosso corpus bastante representativo do conjunto de materiais informativos e promocionais monolíngues editados e distribuídos pelas regiões de turismo de Angola, no ano de 2019, ano em que foi recolhido o material para a compilação do mesmo. Quanto ao critério da qualidade,

⁴² Segundo L´Homme (2004) o corpus especializado “est ensemble de textes représentatifs du domaine”

segundo Durán (2012), para se obedecer este critério, os textos devem cumprir uma série de requisitos, que a nosso entender o nosso corpus cumpre com estes: sendo selecionados maioritariamente textos bastantes atuais, ou recentes, um estudo sincrónico de textos que abrangem os anos de 2014 a 2019. Pelo que neste critério pensamos estar em conformidade com a autora.

A questão da autoria dos textos, que confortam o corpus especializado, é particularmente complexa. A maior parte dos textos, nas brochuras e guias, não indicam o autor. No caso de sites, somente nos é indicado quem faz a gestão dos mesmos, e não a autoria dos textos e conteúdos escritos. Sabe-se apenas que estes são elaborados por especialistas na área do turismo, ou pelo menos com alguma formação nesta área do saber. A maioria dos textos é original, não parte de uma tradução. Nalgumas brochuras há textos paralelos português-inglês. Em relação ao critério de serem textos escritos por falantes nativos do português, não o podemos afirmar categoricamente, dada a situação linguística que Angola possui, no entanto sabemos que pelo menos possuem o português como uma das suas línguas maternas. São falantes de uma variante do português, o português falado em Angola. Considerou-se somente textos completos, e não excertos, de diversos tamanhos, provenientes de fontes escritas, e não orais, em português. Até a altura da compilação do corpus de especialização todos os textos que faziam parte deste tinham sido publicados. Todos os textos fazem parte do contexto geográfico angolano, e foram publicados de acordo com as normas linguísticas deste contexto geográfico.

Quanto aos três critérios mais específicos para a compilação de um corpus de especialidade ou especializado, que define Durán (2012), no seu trabalho sobre a ontoterminologia aplicada a tradução, o primeiro dos critérios específicos, nomeadamente a delimitação do campo de especialidade, mostrou-se bastante ligado ao objetivo traçado para este projeto de investigação. Como já foi referido, anteriormente, delimitar o domínio em análise, não se provou ser uma tarefa fácil, pelo carácter multifacetado que a área do turismo alberga. Ainda assim conseguimos delimitar a área do domínio, fazendo com que se tornasse mais fácil a nossa tarefa. Os textos que incorporam o corpus especializado, consideram-se de nível semiespecializado, ou como Pearson (1998), citada por Moreira (2010), define textos “semi-técnicos” (escritos por especialistas para uma audiência-alvo específica) uma vez que estes foram elaborados e/ou editados por entidades oficiais, validando-os, assim, como fontes de informação terminológica (Moreira, 2010).

Os textos que constituem o corpus são textos informativos e promocionais direcionados ao público em geral, com o intento de os fazer adquirir um serviço ou um bem. Usados em contexto turístico, usada uma linguagem que elogia e apela para a aquisição de serviços e atrações que se estão a promover, na sua maioria trata-se de textos descritivos, usando linguagem hiperbólica, usada para atrair o turista, muitas vezes não condizendo com a realidade.

Trata-se de um corpus especializado aberto, ou um corpus vivo e dinâmico (Durán, 2012, p. 94), para permitir que se façam, constantemente, atualizações nos textos que o constituem (podendo adicionar, modificar e até eliminar textos). É este, então, o último critério apontado por Durán (2012), como sendo um critério específico para um corpus especializado no trabalho terminográfico e que tivemos em consideração para a compilação do nosso corpus, o da abertura do corpus.

Pensamos que para o fim a que se destina o nosso trabalho, o corpus de especialidade cumpre com os critérios gerais e específicos pré estabelecidos pelo grupo EAGLES (1996), citado por Durán (2012), uma vez que a criação deste recurso terminológico é destinado a suprir uma necessidade de um grupo específico de utilizadores.

O presente trabalho constitui uma aplicação empírica do uso dos corpora monolingues na terminologia bilingue, uma vez que se utilizam textos monolingues (em português) já existentes, para se verificar o nível de contextualização destes mesmos termos e se encontram os seus equivalentes em corpora pré-estabelecidos, ao nível das unidades terminológicas.

3.2. O modelo de árvore de domínio do turismo

3.2.1. Metodologia do trabalho de pesquisa

O primeiro passo para a realização deste projeto foi o processo de familiarização com a área de estudo. Dada a relação e a interdependência que o turismo estabelece com as outras áreas não nos bastou somente ler sobre turismo, mas também sobre algumas destas áreas com as quais ele se interliga, auxiliando-nos na elaboração da divisão e classificação categorial do domínio em análise.

A leitura de diversos livros nas áreas do turismo, hotelaria, gastronomia, cultura, animação turística, etc., a consulta de obras de referência destes domínios, legislação da atividade, consultas de glossários, dicionários e enciclopédias, constituiu a fase inicial deste projeto.

Foram essencialmente importantes, para o entendimento da atividade turística, os trabalhos de: Cunha (Cunha, 2006; 2013), Baptista (1990), Almeida et al (2012), Mata (2000b), e muitos projetos académicos sobre esta temática. Dentre eles e o que realmente achamos de maior relevância e que serviu de base para todo o nosso projeto foi o de Moreira (2010) Terminologia e Tradução: Criação de uma Base de Dados Terminológica do Turismo Baseada num Corpus Paralelo Português-Inglês. Também consultamos obras da área do domínio em contexto angolano: O Turismo em Angola: O Caso Específico da Planificação do Mussulo (Fernando, 2015). Legislação angolana sobre o assunto: (Lei n.º 9/15 de 15 de da Assembleia Nacional., 2015), (“Decreto Presidencial n.º 41/18 de 1 2 de Fevereiro,” 2018), e muitos projetos académicos sobre a área de domínio.

Moreira (2010), na sua obra sobre a terminologia bilingue na área do turismo, faz a constituição da árvore de domínio do turismo. Com o objetivo de sistematizar a área do saber e clarificar o sentido de cada conceito, baseada num corpus paralelo português-ínglês: o Turigal um corpus linguístico da Universidade de Vigo (CLUVI) que abrangia, na altura da pesquisa do autor, 1.285.764 palavras, 469.873 procedentes de brochuras e 815.891 procedentes de sites; (632.193 em português e 653.571 em ínglês).

O corpus Turigal está baseado no corpus CLUVI, construído pelo grupo de investigação em Tecnologias e Aplicações da Língua Galega (Grupo TALG) da Universidade de Vigo. Um corpus textual aberto, com foco na língua galega contemporânea, oral e escrita. Com cerca de 23 milhões de palavras (Moreira, 2010, p. 68).

Por entendermos que para o nosso projeto seria imprescindível fazer a concetualização do domínio, a árvore de domínio⁴³ na área do turismo, elaborada por Moreira (2010) foi o ponto de partida para o nosso projeto académico, e nos permitiu uma gestão mais poupada do tempo, para a conclusão do mesmo. Baseamo-nos nesta árvore para poder delinear a área do domínio, uma vez que o domínio em análise possui um cariz bastante multifacetado.

Achamos pertinente apresentar alguns pontos da árvore, proposta por Moreira (2010), porque como já se fez referência, anteriormente, foi o ponto de partida para o nosso projeto de investigação. Pensamos, também, ser importante apresentarmos alguns pontos fundamentais

⁴³ Cf. anexo 1

que levaram o autor a optar por algumas categorias em detrimento de outras, a acrescentar umas e até a retirar algumas.

A árvore do domínio proposta pelo autor referido no ponto anterior apresenta quatro (4) categorias nucleares (“**Tipos de turismo**”, “**Oferta turística**”, “**Procura turística**” e “**Operadores de mercado**”) apresentando cada uma delas outras subcategorias. O topo do organograma, criado por Moreira (2010) é constituído pela categoria “**Turismo**” (passaremos a fazer referência as categorias e subcategorias a negrito e entre virgulas altas) e não podia ser diferente, uma vez que o domínio da análise terminológica é este. Segundo o autor, foi difícil fazer a delimitação da área do turismo e somente o Tesouro do Turismo e do Lazer faziam uma abordagem diferente referindo-se ao turismo não como área, mas como eixo semântico, em redor do qual se congregam vários outros campos semânticos.

A categoria “**Tipos de turismo**” foi usada inicialmente por Cunha, citado por Moreira (2010), e está subordinada ao eixo semântico “**Turismo**”. O autor preferiu usar este termo em detrimento de outros sugeridos por outros autores e apresentou os motivos que o levaram a escolhê-lo, explica a subordinação da categoria “**Tipos de turismo**” ao eixo principal “**Turismo**” pelo facto de alguns autores apontarem a segmentação do mercado turístico tanto pode ser feita a partir da oferta como da procura turística.

Sobre o eixo semântico “**Oferta turística**”, esta foi baseada, segundo o autor, no Inventário da Oferta Turística levada a cabo pelo Ministério do Brasil (2006). A mesma está organizada, na árvore de domínio criada pelo autor, por três subcategorias – “**Atrações turísticas**”, “**Serviços e equipamentos turísticos**” e “**Infraestrutura de apoio ao turismo**”. Cada uma destas categorias está subdividida noutras que, por sua vez, se subdividem em tipos e subtipos. O Inventário dos Recursos Turísticos (IRT) nacionais (2006), e a sua classificação foi, segundo Moreira (2010), uma fonte importante na constituição da árvore temática da “**Oferta turística**”. “O IRT é uma base de dados que caracteriza os recursos turísticos existentes no território nacional, desagregados em diferentes unidades territoriais. Segundo informação do Turismo de Portugal, o inventário visa o armazenamento, tratamento, sistematização e disponibilização de um vasto conjunto de informação sobre os recursos turísticos existentes no país” (Moreira, 2010).

Em relação à categoria “**Procura turística**” o autor optou pela classificação que a OMT e as Nações Unidas propõem, segundo a qual o termo “**Visitante**” representa o conceito básico

para o sistema estatístico do turismo e do qual são derivados os conceitos **“Turista”** e **“Visitante do dia”** (Moreira, 2010). No entanto, o autor optou por incluir também na categoria **“Visitante”** as subcategorias **“Excursionista”** e **“Tipologia do visitante”**. (2010, p. 99).

A última categoria que forma a árvore elaborada por Moreira é a **“Operadores do mercado”**, onde fazem parte as subcategorias: **“Operador turístico”** e **“Agência de viagens”**.

Como referimos, anteriormente, a árvore de domínio elaborada por Moreira (2010), serviu-nos de grande apoio, principalmente por reconhecermos que a mesma tenha sido elaborada de forma a sistematizar o eixo semântico do turismo.

Entretanto, no decorrer das leituras feitas sobre a área do turismo nos deparamos com autores como Cunha e Abrantes (2013), Firmino (2007), e Gunn (1988), citado por Almeida e Araújo (2012), aquando da descrição do sistema funcional do turismo, que conceptualizam o turismo sob dois pontos de vista: o da oferta (os centros recetores, os destinos, e as entidades que produzem bens e serviços que satisfaçam as necessidades dos turistas), e da procura (os visitantes com desejo e possibilidades de viajar).

Partindo do princípio, que o nosso estudo tem como objetivo refletir sobre a terminologia do turismo de Angola e a consequente proposta de uma base de dados para o Ministério do turismo angolano, pensamos em adotar a proposta da divisão conceptual do domínio do turismo adotada por Cunha e Abrantes (2013), Gunn, citado por Almeida e Araújo (2012) e Firmino (2007).

Embora a divisão concetual adotada não seja a de Moreira (2010), não nos afastaremos da mesma, adequando-a, sempre que possível, ao contexto de estudo. Desta, surgiram algumas alterações que achamos pertinente, pelo cariz que comporta o nosso projeto, apresentá-las. Passamos, então, a citar as alterações que fizemos à árvore de Moreira.

Com efeito, não mantivemos a divisão categorial inicial feita por Moreira (2010), por acharmos que por motivos de melhor enquadramento a categoria **“Operadores de mercado”** deveria ser uma subcategoria da categoria **“Oferta turística”**, pois cremos que este segmento pertence, de certa forma, ao pacote daquilo que compõe o vasto número de ofertas a que um turista deveria encontrar nas diferentes viagens que realiza. Desta forma a nossa árvore comportará somente 3 eixos fundamentais ou categoriais: **“Tipos de turismo”**, **“Oferta turística”** e **“Procura turística”**.

Achamos pertinente manter a categoria **“Tipos de turismo”** por descrever o motivo da viagem que o visitante faz a um determinado local. A figura (2), abaixo, apresenta o modelo da árvore de domínio do turismo dividido em organogramas.

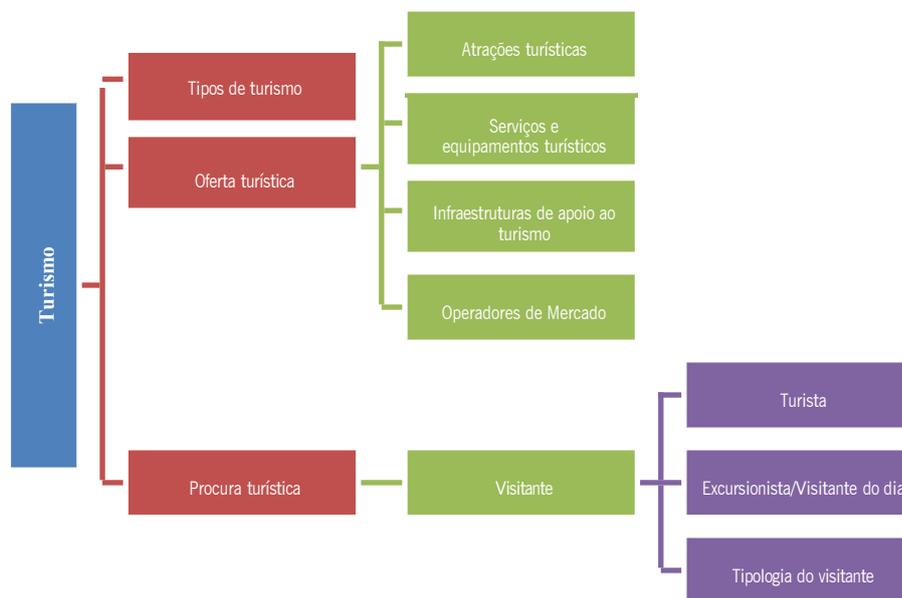


Figura 2. Organograma da categoria "Turismo"

Fonte: Adaptado de Moreira (2010)

A categoria **“Tipos de turismo”** albergará dezanove (19) segmentos: “ecoturismo”, “turismo ativo”, “turismo cinegético”, “turismo cultural”, “turismo de natureza”, “turismo de negócios”, “turismo de saúde”, “turismo religioso”, “turismo desportivo”, “turismo de habitação”, “turismo étnico”, “turismo interno”, “turismo de aventura”, “turismo costeiro”, “turismo rural”, “enoturismo”, “agroturismo”, “geoturismo” e “turismo social”. Inserimos na categoria **“ecoturismo”** a subcategoria **“aviturismo”**, primeiro, por ser uma aposta do MINTUR, neste novo segmento turístico, para Angola, e segundo, pela ocorrência de vezes em que o termo aparece no corpus de especialidade. As subcategorias **“termalismo”**, **“talassoterapia”**, **“climatismo”** e **“Wellness (Spa) /recuperação da forma ou remise en forme”** foram colocadas como fazendo parte do turismo de saúde; o segmento “turismo de sol e mar” como parte do “turismo costeiro”; e o “turismo de aldeia”, como um segmento pertencente ao “turismo rural”. O seguinte organograma (figura 3) contempla a divisão da categoria **“Tipos de turismo”**.

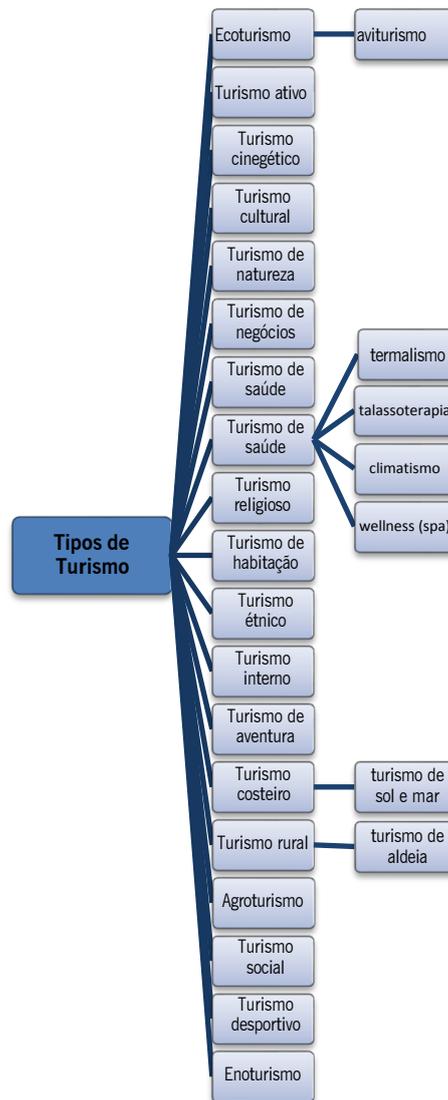


Figura 3. Organograma da categoria "Tipos de turismo"

Fonte: Adaptado de Moreira (2010)

Relativamente a categoria **“Oferta turística”**, decidimos fazer uma pesquisa sobre o inventário da oferta turística que o governo angolano possui, para então conseguirmos estabelecer algum símile com a categorização feita pelo autor a esta categoria e, quando possível, fazer alguma alteração. Decidimos, não só consultar o inventário da oferta turística angolana, mas o português e o brasileiro. Por acharmos que as culturas e a terminologia são, de alguma forma, bastante parecidas.

Não se mostrou ser uma tarefa fácil, relativamente à aquisição do inventário da oferta turística angolana, uma vez que esta questão da inventariação destes recursos é nova para o Ministério que tutela o turismo em Angola.

Após várias tentativas, tivemos acesso a uma lista do património Histórico-Cultural, classificação e catalogação (essa catalogação datava o ano de 2015), elaborada pelo Instituto Nacional do Património Cultural (doravante denominado INPC), um órgão afeto ao Ministério da Cultura de Angola (Ministério da Cultura, 2018).

Desta forma, apresentamos o organograma (figura 4) afeto a esta categoria.

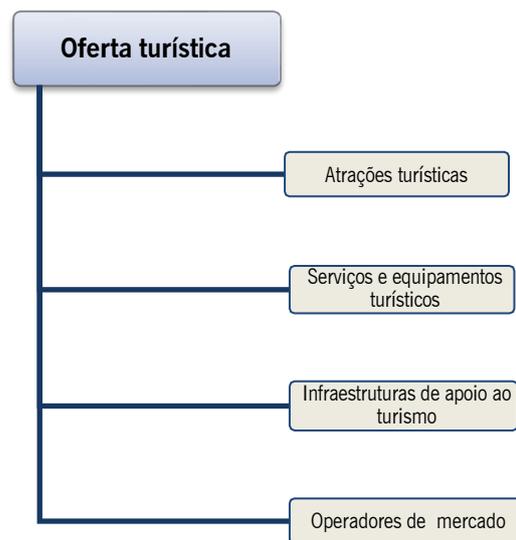


Figura 4. Organograma da categoria "Oferta turística"

Fonte: Adaptado de Moreira (2010)

A categoria **“Atrações turísticas”** que é por sua vez uma subcategorização da categoria **“Oferta turística**. Pela diversidade que estas apresentam, decidimos recorrer aos autores Almeida e Araújo (2012), que as classificam de acordo a sua natureza. Desta forma elas podem ser: culturais, naturais, de lazer, eventos, e de entretenimento.

Assim, a mesma (atrações turísticas) encontrar-se-á dividida em cinco (5) subcategorias: **“Atrações naturais”**, **“Atrações histórico-culturais”**, **“Eventos”**, **“Lazer e entretenimento”**. Decidimos não manter a sistematização desta categoria da árvore temática de Moreira (2010), por acharmos que não englobaria maior número de termos a incluir na base de dados. Apresentamos o organograma (figura 5) desta categoria.

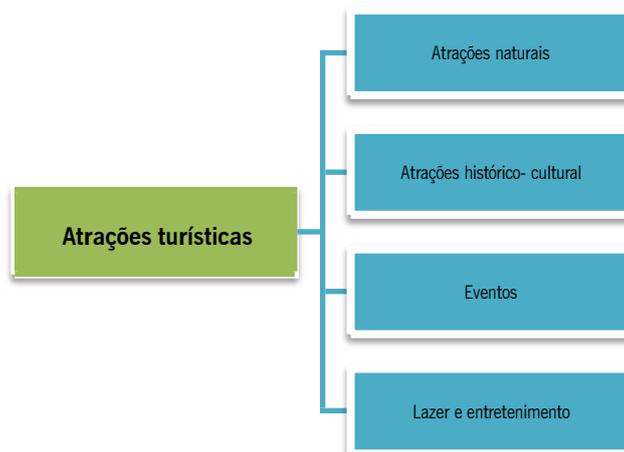


Figura 5. Organograma da categoria "Atrações turísticas"

Fonte: Adaptado de Moreira (2010)

Sobre o sistema de categorização de **“Atrações naturais”** consideramos as componentes apresentadas por Almeida e Araújo (2012): **“montanhas”, “costas ou litoral”; “flora” e “fauna”**, acrescentado a estas as componentes: **“áreas de conservação”**, optando, desta forma, por usar a terminologia usada pelo Instituto Nacional das Áreas de Conservação (INAC) do Ministério do Ambiente de Angola (Ministério do Ambiente, n.d.). Pelo número elevado de ocorrência no corpus de análise acrescentou-se, os segmentos: **“savana”, “hidrografia”; “fontes hidrominerais e/ou termais”; “planalto e planícies”, “cavernas/grutas/furnas”; “áreas de caça e pesca”**; substituímos a subcategoria **“ilha”** por **“terras insulares”** pelo caráter mais abrangente desta última. A subcategorização desta área temática (áreas de conservação) seguiu a nomenclatura destas áreas segundo a legislação angolana. Pelo que passamos a exhibir, assim, o organograma (figura 6) da categoria **“atrações naturais”**, e das **“áreas de conservação”**.

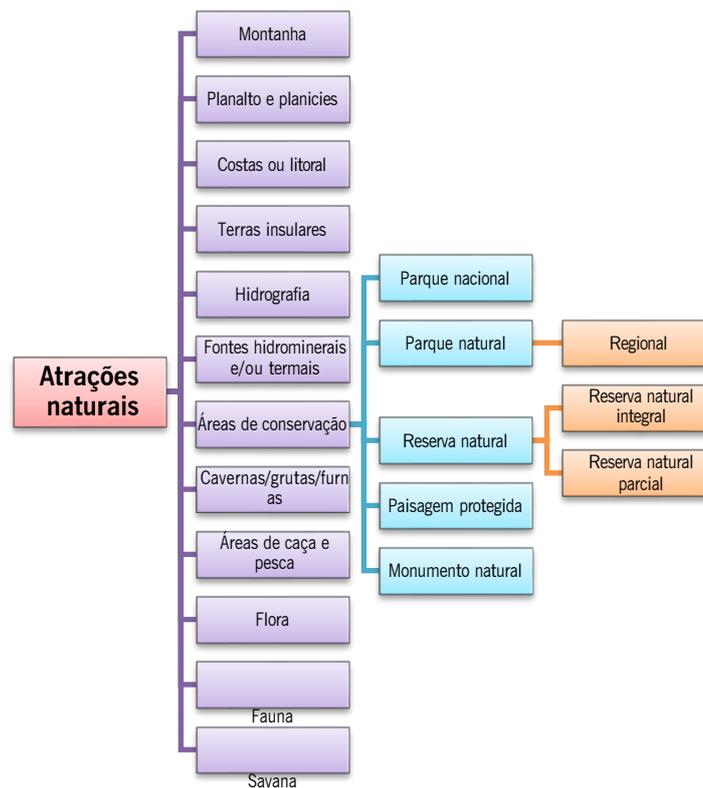


Figura 6. Organograma da categoria "Atrações naturais" e da subcategoria "Áreas de conservação"

Fonte: Adaptado de Moreira (2010)

Em relação a classe **“Atrações histórico-culturais”**, sustentando-nos no inventário fornecido pelo INPC (2018) e da classificação que este faz ao património histórico-cultural de Angola, efetuamos algumas alterações, que julgamos pertinentes apresentá-las dada a história e a cultura do povo angolano. O inventário classifica o património em quatro classes: arquitetura civil, arquitetura militar, arquitetura religiosa, conjuntos/zonas históricas, sítios históricos e culturais e memoriais/monumentos escultóricos. Desta forma, optou-se por respeitar a terminologia usada pelo INPC, por se tratar de um instituto público na esfera da autoridade nacional. Cujo objeto consiste na “implementação de políticas públicas no domínio da investigação, documentação, conservação, preservação, gestão e promoção do património histórico-cultural nacional” (Decreto Presidencial n.º 205/15 de 29 de Outubro da Presidência da República., 2015). No entanto, pelo número de vezes que a expressão ocorreu no corpus, e baseando-nos no documento sobre Património Cultural: Conceitos e Critérios Fundamentais (Barranha, 2016), decidimos acrescentar a categoria património cultural material e imaterial. Assim a categoria **“Atrações histórico-culturais”** englobaria os seguintes segmentos: **“Sítios históricos e culturais”**, **“Sítios arqueológicos”** **“Património construído”**

(decidimos manter esta subcategoria da árvore de Moreira (2010), mais por uma questão de organização conceptual, e esta por sua vez, englobaria os diferentes tipos de arquitetura) desta constam então as subcategorias: “Arquitetura civil”, “Arquitetura militar”; “Arquitetura religiosa” e, apesar de não constar do documento fornecido pelo INPC, a subcategoria “Arquitetura industrial/agrícola”, decidimos mantê-la, **“Património cultural material”**⁴⁴ (distribuído em móvel e imóvel, nos móveis teríamos: manuscritos, documentos, objetos históricos, coleções, gravações, fotografias, obras de arte e artesanato. Por sua vez os imóveis albergariam: monumentos e sítios arqueológicos e históricos, conjuntos arquitetónicos, monumentos públicos e artísticos, memoriais/monumentos escultóricos, paisagens culturais, centros industriais, obras de engenharia.), **“Património cultural imaterial”**⁴⁵, (englobando, por sua vez: costumes, linguagens/línguas, usos e costumes, religião, lendas, mitos, música, festas e celebrações, dança) **“Conjuntos/zonas históricas”**, **“Património artístico”**, **“Gastronomia”**, **“Feiras e Mercados”**, **“Património técnico científico”**, **“Atividades económicas”**, **“Polos industriais”** e **“Eventos de lazer e entretenimento”** esta última componente retirada da classificação sugerida por Almeida e Araújo (2012). E decidimos incluí-la por constar de documentos no âmbito do turismo angolano. Passamos a apresentar o organograma (figura 7) da categoria **“Atrações histórico-culturais”** e subcategoria “Património construído”, “Património cultural material” e “Lazer e entretenimento”

⁴⁴ Conferir classificação feita de património cultural material (Dias et al., 2009)

⁴⁵ Conferir classificação feita de património cultural imaterial (Dias et al., 2009)

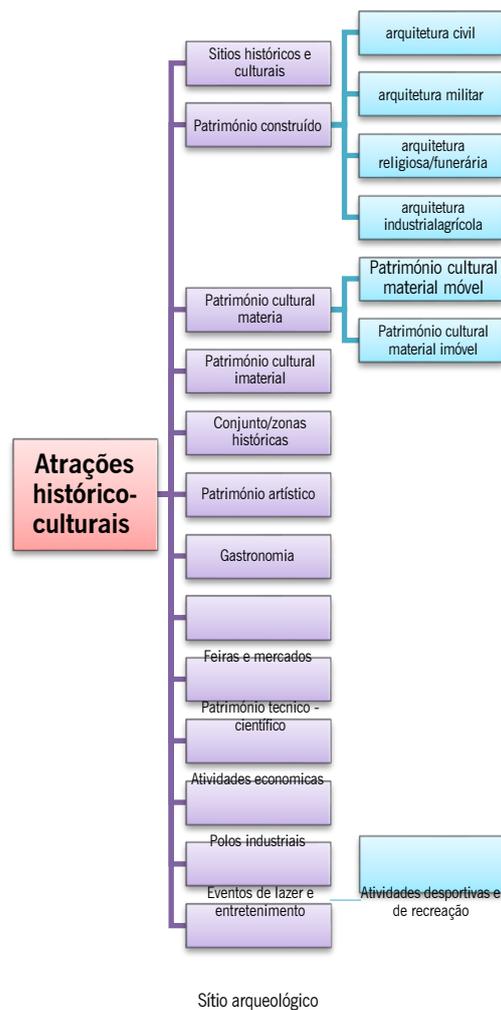


Figura 7. Organograma da categoria "Atrações histórico-culturais" e das subcategorias "Património construído", "Património cultural material" e "Eventos de lazer e entretenimento"

Fonte: Adaptado de Moreira (2010)

Relativamente a **“Eventos”**, engloba as subcategorias: **“Megaeventos”**; **“Eventos desportivos e recreativos”**; **“Eventos religiosos”**; e **“Eventos de negócios”**, **“Espaços para eventos”** e **“Empresas organizadoras e promotoras de eventos”**.

Quanto a classe **“Lazer e entretenimento”** esta não fazia parte da árvore desenhada por Moreira (2010), pelo menos não fazendo parte da categoria **“Atrações turísticas”**, mas achamos pertinente adicioná-la a esta categoria para uma melhor sistematização. Sendo assim, **“Lazer e entretenimento”** comportam as subclasses, **“Espaços de lazer e entretenimento”**, **“Prestadores de serviços de lazer e entretenimento”** e **“Serviços de lazer e entretenimento”**. Todas estas classificações foram retiradas da divisão feita pelos autores Almeida e Araújo (2012). Não foram alvo de alterações por acharmos que a nomenclatura albergaria o maior número de termos a incluir na nossa base de dados.

Em relação a categoria **“Serviços e equipamentos turísticos”**, as categorias incluídas nesta árvore temática foram todas elas extraídas da árvore de Moreira (2010), e contou também, com a ajuda do Inventário da oferta turística de Angola. A mesma alberga as seguintes categorias: **“Alojamento”**, **“Restauração”**, **“Transporte”**, **“Aluguer de veículos e de equipamentos”** e **“Informação turística”**. Retiramos desta categoria as subcategorias “eventos” “lazer e entretenimento” por estas disporem da categoria **“Atrações turísticas”** já citadas acima.

Concernente a categoria **“Alojamento”** optou-se por usar a terminologia **“Hotelaria”** ao invés de alojamento, primeiro por acharmos que o termo possui um caráter de maior abrangência, e incluiria todo o tipo de hotéis e estabelecimentos similares que prestam serviço a indústria turística, e segundo por ser a terminologia usada nos documentos oficiais que regem a atividade turística no país. Desta forma começamos por incorporar nesta categoria a **“Tipologia hoteleira”**.

Quanto a **“Restauração”** mantivemos a divisão estabelecida pela legislação angolana (Decreto Presidencial n.º 1/16 de 4 de Janeiro da Presidência da República., 2016): **“Restaurantes”**, **“Estabelecimento de bebidas”**, e **“Salas de dança”**. Uma vez que, a nosso entender, desta classificação poder-se-á extrair o maior número de termos a incluir na base de dados.

No que diz respeito ao **“Transporte”**, apesar de reconhecemos que a divisão feita pelo autor é bastante completa, acrescentamos terminologia própria, usada, em Angola. Como a Termoteca não possuía terminologia própria dos meios de “transportes aéreos”, adicionamos aqueles que fomos encontrando no corpus. Sobre as subcategorias **“Aluguer de veículos e equipamentos”** e **“ Informação turística”** optamos por manter a categorização elaborada por Moreira, por este motivo não nos debruçaremos sobre ela. Desta forma apresentamos o organograma da categoria **“Serviços e equipamentos turísticos”** (figura 8).



Figura 8. Organograma da categoria "Serviços e equipamentos turísticos"

Fonte: Adaptado de Moreira (2010)

Relativamente à divisão da categoria **“Infraestrutura de apoio ao turismo”**, mantivemos, inicialmente, a divisão de Moreira (2010), embora tenhamos feito ligeiras alterações em determinadas denominações e acrescentados outros termos. Decidimos manter a denominação, alterada por Moreira (2010), «serviços de câmbio», por apresentar um número muito frequente no corpus. Deste modo, dos termos extraídos da categoria **“Serviços bancários”** acrescentamos **“casa de câmbio”**. Apresentamos, então, o organograma (figura 9) da categoria **“Infraestrutura de apoio ao turismo”**.

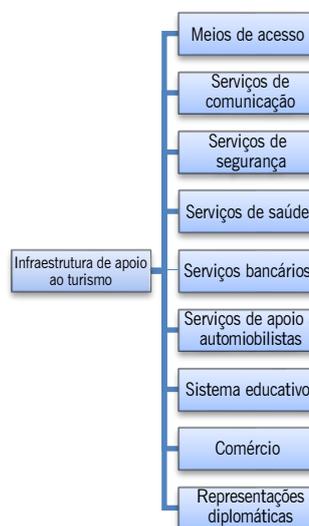


Figura 9. Organograma da categoria "Infraestruturas de apoio ao turismo"

Fonte: Adaptado de Moreira (2010)

A categoria **“Operadores de mercado”** comportará as subcategorias **“operador turístico”** e **“agências de viagens”**.

A categorização do eixo **“Procura turística”** englobará as subcategorias: **“Visitante”**, e **“Tipologia do visitante”**. Abaixo a figura 10 referente a categoria “procura turística”.



Figura 10. Organograma da categoria "Procura turística"

Fonte: Adaptado de Moreira (2010)

Assim, passamos a apresentar o resultado da divisão categorial do turismo em forma de árvore (figura 11).

A. Tipos de Turismo

- A.1. Ecoturismo;
 - A.1.1. Aviturismo;
- A.2. Turismo ativo;
- A.3. Turismo cinegético;
- A.4. Turismo cultural;
- A.5. Turismo de natureza;
- A.6. Turismo de negócios;
- A.7. Turismo de saúde;
 - A.7.1. Termalismo;
 - A.7.2. Talassoterapia;
 - A.7.3. Climatismo;
 - A.7.4. Wellness (Spa) /recuperação da forma ou remise en forme;
- A.8. Turismo religioso;
- A.9. Turismo de habitação;
- A.10. Turismo étnico;
- A.11. Turismo interno;
- A.12. Turismo de aventura;
- A.13. Turismo costeiro;
 - A.13.1. Turismo de sol e mar;
- A.14. Turismo rural;
 - A.14.1. Turismo de Aldeia;
- A.15. Agroturismo;
- A.16. Turismo social;
- A.17. Turismo desportivo;
- A.18. Enoturismo;
- A.19. Geoturismo.

B. Oferta turística

- B.1. Atrações turísticas;
 - B.1.1. Atrações naturais;
 - B.1.1.1. Montanhas;
 - B.1.1.2. Planaltos e planícies;
 - B.1.1.3. Costas ou litoral;
 - B.1.1.4. Terras insulares;
 - B.1.1.5. Hidrografia;
 - B.1.1.6. Fontes hidrominerais e / ou termais;

- B.1.1.7. Áreas de conservação;
 - B.1.1.7.1. Parque nacional;
 - B.1.1.7.2. Parque natural;
 - B.1.1.7.2.1. Parque natural regional;
 - B.1.1.7.3. Reserva natural;
 - B.1.1.7.3.1. Reserva natural integral;
 - B.1.1.7.3.2. Reserva natural parcial;
 - B.1.1.7.4. Paisagem protegida;
 - B.1.1.7.5. Monumento natural;
- B.1.1.8. Cavernas/grutas/furnas;
- B.1.1.9. Áreas de caça e pesca;
- B.1.1.10. Flora;
 - B.1.1.1.1. Fauna;
- B.1.1.12. Savana;
- B.1.2 Atrações histórico-culturais;
 - B.1.2.1. Sítios históricos e culturais;
 - B.1.2.2. Sítios arqueológicos;
 - B.1.2.3. Património construído;
 - B.1.2.3.1. Arquitetura colonial;
 - B.1.2.3.2. Arquitetura civil;
 - B.1.2.3.3. Arquitetura militar;
 - B.1.2.3.4. Arquitetura religiosa/funerária;
 - B.1.2.3.5. Arquitetura industrial/agrícola;
 - B.1.2.4. Património cultural material;
 - B.1.2.5. Património cultural imaterial;
 - B.1.2.6. Conjuntos / zonas históricas;
 - B.1.2.7. Património artístico;
 - B.1.2.8. Gastronomia;
 - B.1.2.9. Feiras e mercados;
 - B.1.2.10. Património técnico científico;
 - B.1.2.11. Atividades económicas;
- B.1.3 Eventos;
 - B.1.3.1. Megaeventos;
 - B.1.3.2. Eventos desportivos e recreativos;
 - B.1.3.3. Eventos religiosos;
 - B.1.3.4. Eventos de negócios;
 - B.1.3.5. Espaços para eventos;
 - B.1.3.6. Empresas organizadoras e promotoras de eventos;
- B.1.2.12. Polos industriais;
- B.1.2.13. Eventos de lazer e entretenimento;
 - B.1.2.13.1. Atividades desportivas e de recreação;
- B.1.4 Lazer e entretenimento;
 - B.1.4.1. Espaços de lazer e entretenimento;
 - B.1.4.1.1. Parques de divertimento;
 - B.1.4.1.2. Parques temáticos;
 - B.1.4.1.3. Complexos desportivos;
 - B.1.4.1.4. Centros comerciais;
 - B.1.4.1.5. Centro de exposições;
 - B.1.5.2. Prestadores de serviços de lazer e entretenimento;
 - B.1.5.3. Serviços de lazer e entretenimento;
- B.2_ Serviços e equipamentos turísticos;
 - B.2.1. Hotelaria;
 - B.2.1.1. Tipo de hotelaria;
 - B.2.1.2. Instalações hoteleiras;
 - B.2.1.3. Serviços hoteleiros;
 - B.2.2. Restauração;
 - B.2.3. Transporte;
 - B.2.3.1. Transportes terrestres;

- B.2.3.2. Transportes marítimos e fluviais;
 - B.2.3.3. Transportes aéreos;
 - B.2.4. Aluguer de veículos e de equipamento;
 - B.2.5. Informação turística;
 - B.2.6.1. Informações turísticas;
 - B.2.6.2. Entidades, associações e prestadores de serviços turísticos;
 - B.3_ Infraestruturas de apoio ao turismo;
 - B.3.1. Meios de acesso;
 - B.3.1.1. Terrestres;
 - B.3.1.2. Aéreos;
 - B.3.1.3. Marítimos/fluviais;
 - B.3.2. Serviços de comunicação;
 - B.3.3. Serviços de segurança;
 - B.3.4. Serviços de saúde;
 - B.3.5. Serviços bancários;
 - B.3.6. Serviços de apoio a automobilistas;
 - B.3.7. Sistema educativo;
 - B.3.8. Comércio;
 - B.3.9. Representações diplomáticas;
 - B.4_ Operadores de mercado;
 - B.4.1. Operador turístico;
 - B.4.2. Agência de viagens;
 - B.4.3. Agente de turismo;
 - B.4.4. Agente de viagens;
 - B.4.5. Animador turístico;
- C. Procura turística**
- C.1- Visitante;
 - C.1.1. Turista;
 - C.1.2. Excursionista/visitante do dia;
 - C.2- Tipologia do visitante:
 - C.2.1. Banhista;
 - C.2.2. Caminhante;
 - C.2.3. Cliente;
 - C.2.4. Golfista;
 - C.2.5. Hóspede;
 - C.2.6. Ocupante;
 - C.2.7. Passageiro;
 - C.2.8. Peregrino_romeiro;
 - C.2.9. Pessoa portadora de deficiência;
 - C.2.10. Visitante;
 - C.2.11. Surfista;
 - C.2.12. Velejador;
 - C.2.13. Veraneante;
 - C.2.14. Viajante.

Figura 11. Divisão categorial do turismo

Fonte: Adaptado de Moreira (2010)

3.3. Pesquisa e atribuição dos equivalentes

Durante o levantamento de termos e atribuição de equivalentes nas respetivas línguas, houve casos em que não foi possível encontrar o equivalente numa ou em duas das línguas. No

entanto, quando considerámos o termo essencial para a base de dados, decidimos atribuir o equivalente pesquisando noutras fontes.

Os equivalentes encontrados foram retirados de dicionários (Almeida, 2018; Casteleiro, 2001; Dicionário da Língua Portuguesa, 2013; Dicionário de Português-Inglês., 2014), dicionários técnicos e glossários de especialidade (Almeida, 2018; Domingues, 1990; Mata, 2000b; Navarro, 2011; Santana et al., 2016; “Termos de Arte e Arquitectura,” 2019) e bases de dados bilingues originais ou que existiam nas línguas correspondentes, para o caso do inglês e do português. No caso dos equivalentes em kimbundu e umbundu foram encontrados nos respetivos dicionários: (Daniel, 2015; Kamuxitu, 2015; Le Guennec & Valente, 2010; Maia, 2010; Mangas & Chimuco, 2019; Zwela Dicionário, 2019) e fontes orais⁴⁶.

3.4. A base de dados

De acordo com Durán (2012) uma base de dados ontoterminológica é um sistema de gestão usado na realização de um trabalho terminográfico que permite introduzir, manusear, relacionar e extrair dados de forma rápida, simples e ordenada. E como o objetivo deste projeto é propor uma base de dados terminográfica ao Ministério do Turismo de Angola, é nossa pretensão disponibilizar dados terminológicos relativos aos termos, conceitos e contextos de uso.

Na primeira fase da construção da base de dados optamos pela produção de uma lista no Excel. Constavam da planilha do Excel as seguintes categorias: entrada, abreviatura (caso haja), definição, fonte da definição, contexto, fonte do contexto, equivalentes em inglês, kimbundu, umbundu, e as suas respetivas fontes. Como se pode ver na figura (12) abaixo.

⁴⁶ Foram consultadas um total de 8 pessoas: Miguel Lubwatu, Serafim Muenho, Laura Lopes, Clementina Chiquete, José Manuel Quinene, Angelina Inácio, Domingos Piago Kambolo, Orlando Cassinda.

1		Referência Bibliográfica	Definição	Ref_Definição	Contexto	Ref_Contexto
2	PT	abadia	igreja que faz parte do conjunto des	abadia	In Dicionário Infopédia da Língua Portuguesa [em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2019. [consult. 2019-1	
3	EN	abbot				
4	Kimbundu	kisengele kya lungu ni ky	Kamuxitu, J. (2015). Dicionário Português-Kimbundu Kimbundu-Português. (Júlio António, Ed.) (3rd ed.). Luanda: Caminho Seguro.//Maia, A. da S. (2010). Dicionário Complementar Portug			
5	Umbundu	Apatele	zwela. (n.d.). Retrieved May 8, 2019, from http://www.zwela.co/			
6						

Figura 12. Campos da planilha Excel

Fonte: Elaboração própria.

Num segundo momento da elaboração da base de dados converteu-se o Excel em XML para que fosse possível a publicação eletrónica da mesma. Apresentamos, como exemplo, deste formato um fragmento de um arquivo XML, onde se pode observar as etiquetas de abertura e de encerramento. Apresentamos na figura 13 um extrato do XML usado na construção desta ferramenta.

```

<?xml version="1.0"?>
<?xml-stylesheet href="my-style.css"?>

<dic>
<entry>
<lang lang='Umbundu'>
<word>Apatele</word>
<source>zwela. (n.d.). Retrieved May 8, 2019, from http://www.zwela.co/</source>
</lang>
<lang lang='PT'>
<word>abadia</word>
<source>Universidade de Vigo. (2018). Termoteca-Banco de Datos Terminológico da Universidade de Vigo. Retrieved from Grupo Talg website:
http://sli.uvigo.gal/termoteca/</source>
<sense>
<def>igreja que faz parte do conjunto desse mosteiro</def>
<src>abadia in Dicionário Infopédia da Língua Portuguesa [em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2019. [consult. 2019-10-12 18:53:30]. Disponível na Internet:
https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/abadia/</src>
</sense>
</lang>
<lang lang='Kimbundu'>
<word>kisengele kya lungu ni kyonge kya ngeleja</word>
<word>Nganga</word>
<word>Nganga-à-Nzambi</word>
<word>pádele</word>
<word>Nganga nzambi</word>
<source>Kamuxitu, J. (2015). Dicionário Português-Kimbundu Kimbundu-Português. (Júlio António, Ed.) (3rd ed.). Luanda: Caminho Seguro.//Maia, A. da S. (2010).
Dicionário Complementar Português-Kimbundu-Kikongo(Línguas nativas do Centro e Norte de Angola) (3rd ed.). Luanda: Editorial Nzila.//zwela. (n.d.). Retrieved May 8,
2019, from http://www.zwela.co/</source>
</lang>
<lang lang='EN'>
<word>abbot</word>
<source>Universidade de Vigo. (2018). Termoteca-Banco de Datos Terminológico da Universidade de Vigo. Retrieved from Grupo Talg website:
http://sli.uvigo.gal/termoteca/</source>
</lang>
</entry>
</dic>

```

Figura 13. Formato XML da base de dados

Fonte: <https://ambs.github.io/terminologies/termotur-angola/termotur-angola.xml>

A figura 14 ilustra o resultado da base de dados. Os campos selecionados para a informação terminológica multilingue. A entrada concreta do termo «ecoturismo».

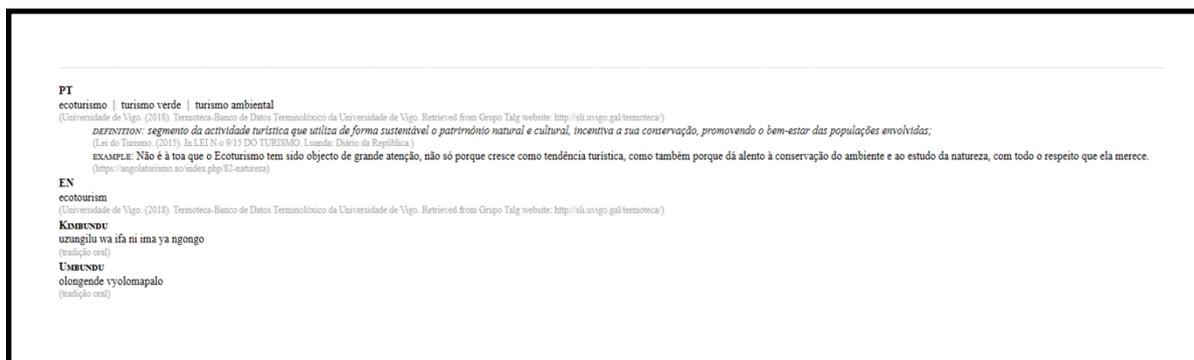


Figura 14. Entrada do termo “ecoturismo” na base de dados.

Fonte: <https://ambs.github.io/terminologies/termotur-angola/termotur-angola.xml>

Como resultado da nossa base de dados existe a versão web da base de dados disponível no link: <https://ambs.github.io/terminologies/termotur-angola/termotur-angola.xml>

3.4.1. Seleção de campos

A escolha dos campos a incluir na base de dados depende dos objetivos do projeto e da escolha dos destinatários. Tendo em conta não só as necessidades e expectativas, mas também as lacunas que se pretendem preencher com o produto final.

De acordo com o objetivo traçado para este estudo e por se destinar a profissionais e estudantes da área, turistas e público em geral, estabelecemos a microestrutura típica de cada entrada na base de dados, incluindo os seguintes campos:

- Informação linguística: termo, abreviatura e acrónimo ou abreviatura (caso haja);
- Informação conceptual: definição, equivalente em inglês, kimbundu e umbundu;
- Informação pragmática: exemplos contextuais.
- Informação administrativa e referências: entrada, fontes de onde foram extraídos os termos, as definições, os contextos e os equivalentes das línguas.

3.4.2. Elaboração das definições

Em trabalhos terminográficos, as definições, desempenham um papel fundamental, pois proporcionam o vínculo entre o termo e o conceito que designa (Durán, 2012, p. 207).

Cabré (1993, p. 209) apresenta três tipos de definições:

- definição linguística;

- definição ontológica;
- definição terminológica

Enquanto as definições linguística e ontológica incidem sobre a unidade lexicográfica, a terminológica, «... describe la noción en referencia exclusiva a un domínio de especialidade, y no en relación al sistema lingüístico» (Durán, 2012).

As normas ISO 704 (2009) reconhecem dois tipos de definições terminográficas: a intencional (ou de compreensão) e a de extensão.

Entretanto, apesar de tradicionalmente ter-se preferido pelas definições intencionais devido a sua sistematização, autores como Temmerman (2000), e Durán (2012) preferem apresentar conceitos utilizando marcos semânticos. Temmerman (2000) chega mesmo a afirmar que o uso de marcos semânticos para a elaboração de definições terminológicas oferece a possibilidade de definir os conceitos de forma completa, sistemática e adaptada a situação comunicativa em que ocorre, graças a especificação das relações que mantem um conceito com o resto, dentro fora da sua categoria, permite uma compreensão desse conceito.

Pelo cariz e objetivo traçado deste projeto e pelo perfil dos potenciais destinatários da base de dados optamos por centrar a nossa atenção na definição terminológica baseada em marcos semânticos. Partilhando da mesma linha dos autores citados anteriormente. Com vista a elaborar definições muito mais completas e claras; que facilitem a compreensão por parte dos usuários e que apresentem relações não só hierárquicas, mas também associativas.

Assim, e uma vez apresentada a nossa proposta metodológica, para a elaboração das definições apresentamos a tabela 4 sintetizando os critérios que alguns autores e as normas ISO 704 (2009) apresentam na elaboração de definições terminológicas e que deteremos na elaboração das nossas definições.

Tabela 4. Critérios gerais de redação da definição terminológica

Identificar o conceito a definir.
Descrever apenas o conceito a definir através das suas características, ou seja, situar o conceito diferenciando-o de outros conceitos no seio de um sistema conceptual
Adequar a definição ao público – alvo.
Ser simples e clara na estrutura sintática evitando ambiguidades sem, no entanto, perder a complexidade inerente ao conceito.
A definição deve ser concisa e escrita numa única frase
Estar na forma afirmativa.
Evitar a circularidade, ou seja, não deve partir de um ponto e regressar ao mesmo ponto.
Evitar usar no texto da definição o termo que está a ser definido, ou seja, não deve incluir o definido.
Não deve começar com um artigo.
Deve começar com uma minúscula.
Não deve levar pontuação final.
Caso a definição tenha sido retirada de um outro documento, é essencial referir a fonte.

Fonte: ISO (2009)

3.5. Análise da terminologia do turismo na base de dados

A terminologia do turismo encontra-se distribuída, na nossa base de dados, por diferentes campos temáticos. Apuramos, em primeiro lugar, que a mesma é composta por 1405 unidades terminológicas em português, 1287 em inglês, 1220 em kimbundu e 1178 umbundu.

O campo temático que agrupa maior número de termos é os serviços hoteleiros com 95 unidades terminológicas, a par de atividades desportivas e recreativas com 85, seguido de espaços de lazer e entretenimento com 67 termos, elementos arquitetónicos conta com cerca de 64 unidades terminológicas.

Verificamos também que com exceção da subcategoria **“Património cultural imaterial”** todas as outras categorias e subcategorias da árvore do turismo contém termos. Explica-se a ausência de termos nesta subcategoria porque foram incluídos noutros ramos da árvore. É o

caso, por exemplo, da unidade terminológica “rebita” que pertence a categoria “**Música e dança**” e é um património cultural imaterial.

É possível encontrar caso de unidades terminológicas homónimas com conceitos diferenciados e o recurso ao contexto de uso e/ou a definição permitiram que as mesmas fossem distinguidas. É o caso por exemplo dos termos: rent-a-car(serviço) rent-a-car(empresa), e residencia(serviço) residencial (alojamento), cruzeiro(navio)//cruzeiro(viagem)//cruzeiro (cruz).

Com a ajuda do corpus foi possível detetar eventuais sinónimos entre termos portugueses, o caso de percurso da natureza_roteiro da natureza, bacia hidrográfica_rede hidrográfica, centro náutico_clube náutico, guia turístico_mapa, turístico. Nestes casos usamos os dois termos no campo entrada separados por um underscore (_).

Constatamos, ainda, uma grande presença de empréstimos⁴⁷ e de estrangeirismos⁴⁸ (de acordo com Correia e de Lemos (2005) são neologismos resultantes de importação), com maior incidência em estrangeirismos provenientes sobretudo da língua inglesa seguida do kimbundu e alguns da língua francesa: business center, city chase, dragon boat, canyoning, karting, okafe, ngeleja, jipitale, osikola, matabicho, TAAG, catering. O maior número de estrangeirismos é encontrado no campo temático atividades desportivas com cerca de 22 unidades terminológicas.

Na tabela (5) apresentamos o número de neologismos encontrados com maior incidência nalguns campos temáticos da base de dados:

⁴⁷ “É uma palavra estrangeira que se adaptou ao sistema linguístico de acolhimento” (Correia & de Lemos, 2005)

⁴⁸ É, de acordo com Correia de Lemos (2005), “a unidade importada de uma língua que não sofreu quaisquer adaptações à língua de chegada”

Tabela 5. Estrangeirismos encontrados nos campos temáticos da base de dados.

Campos temáticos da base de dados do turismo	Número de neologismos
Atividades desportivas e recreativas	20
Gastronomia típica	21
Espaços de lazer e entretenimento	5
Serviços hoteleiros	4
Tipo de hotelaria	5

Fonte: Elaboração própria.

Refira-se ainda o facto de, na elaboração da base de dados, se ter assinalado uma modalidade parafrástica na procura dos equivalentes em kimbundu e umbundu. Há conceitos que para os quais não existem termos nestas duas línguas, pois referem-se a uma realidade específica da cultura angolana. O recurso à parafrase ocorre sobretudo na tradução de referentes culturais, para os quais não existe muitas vezes um termo equivalente na língua de chegada, como se pode observar na tabela (6).

Tabela 6. Exemplos da modalidade parafrástica de equivalentes na base de dados do turismo

Termo em português	Parafrase em kimbundu	Parafrase em umbundu
Hospital	onzo ia kusakula jihaxi	onjo yoku sakuila olombeyi
Antiquário	Inzu ya Kusumbisila ia kulu	onjo k´simbo
Agência de viagem	kididi kya kwenda	onjo yomilu ko ongenda
Motonáutica	kaphakuma ka menya	okatukutuku ko kalunga
Ecoturismo	uzungilu wa ifa ni ima ya ngongo	olongende vyolomapalo

Fonte: Elaboração própria.

Pudemos constatar, ainda, a existência de unidades híbridas⁴⁹ como as: agência de viagens incoming, aparthotel, court de ténis, farinha museke, muamba de dendén, muamba de jinguba, pequeno-almoço buffet, suite executiva, suite júnior, suite master, suite presidencial, snack-bar esplanada, Quedas de Kalandula, ngongwenya.

É possível notar uma certa variação do tipo ortográfica com termos anglicismos⁵⁰, é o caso de esqui_sky, golf_golfe, jeep_jip.

⁴⁹ “Aqueles que se formam de elementos tirados de línguas diferentes” (Cf. C. Cunha & Cintra, 1984)

⁵⁰ Palavras importadas do inglês (Cf. Correia & de Lemos, 2005, p. 54)

Considerações Finais

Terminada a investigação apresentamos algumas considerações tiradas no decorrer da pesquisa. O propósito que nos levou a fazer este trabalho foi o de analisar as unidades terminológicas do domínio do turismo no contexto angolano, as quais englobam três categorias, nomeadamente: “tipos de turismo”, “oferta turística” e “procura turística”.

O trabalho centrou-se numa reflexão sobre a terminologia turística de Angola considerando as seguintes perspetivas: as definições terminológicas, o contexto de uso desta mesma terminologia e o levantamento dos equivalentes de termos nas línguas kimbundu e umbundu. Foram recolhidos um total de 5090 termos sendo que o maior número se verificou em português com 1405, seguindo o inglês com 1287, o kimbundu com 1220 e 1178 para o umbundu.

Para a construção do corpus de especialidade servimo-nos de textos extraídos em sites, brochuras, documentos legislativos da atividade turística em Angola, e diferentes documentos oficiais em uso pelo MINTUR.

Apesar de termos um corpus relativamente reduzido pensamos que o nosso objetivo foi alcançando, entretanto gostaríamos de aumentar a dimensão do mesmo para a realização de trabalhos futuros. A falta de fontes escritas suficientes na recolha dos equivalentes em kimbundu e em umbundu fez-nos recorrer a tradição oral para suprir essa insuficiência.

O tamanho do corpus e a falta de textos na línguas kimbundu e umbundu abre portas para continuarmos a trabalhar em aspetos como as definições de algumas unidades terminológicas, como referimos ao longo da nossa abordagem, gostaríamos de ter posteriormente contacto com especialistas do domínio para discussões, de forma a que se chegue à validação dos conceitos e definições dos termos a integrar a base de dados. A questão da contextualização dos termos em kimbundu e umbundu é também um aspeto que gostaríamos de trabalhar no futuro de forma a permitir trabalhos em tradução automática com estas duas línguas.

Portanto, o resultado do nosso estudo poderá ser útil, não só porque passa a integrar o leque dos escassos trabalhos em terminologia em Angola, mas também por sabermos que estando os termos armazenados numa base de dados a recuperação e o tratamento exaustivo de grandes quantidades de informação é eficaz e sistemático.

Referências bibliográficas

- Almeida, J. (2018). Terminologia do Direito Penal Angolano. (Dissertação de mestrado, Universidade Nova de Lisboa). Lisboa.
- Almeida, P., & Araújo, S. (2012). Introdução à Gestão de Animação Turística. Lousã: Lidel.
- Alves, F. M. P. (2003). Braga-Turismo e Património: Perspectivas e Desenvolvimento. (Dissertação de mestrado, Universidade do Minho). Braga.
- Amaro, L. (2016). Contribuições para a Mobilidade Urbana Sustentável em Luanda. (Dissertação de mestrado, Universidade Nova de Lisboa). Lisboa.
- André, B. (2015). Quiçama: Um Topónimo com Várias Grafias. Análise e Reflexão. (Dissertação de mestrado, Universidade Nova de Lisboa). Lisboa.
- Anuário Estatístico do Turismo. (2018). Brasília.
- Baikalzadeh, B. (Ed.). (2019). OPEC: Monthly Oil Market Report. Vienna: James Griffin.
- Baptista, M. (1990). O Turismo na Economia: Uma Abordagem Técnica, Económica, Social e Cultural. Lisboa: Instituto Nacional de Formação Turística.
- Barranha, H. (2016). Património Cultural: Conceitos e Critérios Fundamentais. Lisboa: IST Press e ICOMOS-Portugal.
- Cabré, M. T. (1993). La terminología: Teoría, Metodología, Aplicaciones. Barcelona: Editorial Antártida/Empúries.
- Cabré, M. T. (1999). Terminology: theory, methods and applications. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company.
- Cabré, M. T. (2002). Textos Especializados y Unidades de Conocimiento: Metodología y Tipologización. *Texto, Terminología y Traducción*, 3, 15–36.
- Cabré, M. T., & Estopà, R. E. (2005). Unidades de Conocimiento Especializado, Caracterización y Tipología. *Coneixement, Llenguatge i Discurs Especialitzat*, 7, 69.
- Campos, M. L. (2010). O Papel das Definições na Pesquisa em Ontologia. *Perspectivas Em Ciências Da Informação*, 15 n.º 1, 220–238. Retrieved October 22, 2019, from http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-99362010000100013
- Casteleiro, J. M. (Coord.). (2001). Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea. Lisboa: Academia das Ciências de Lisboa/Editorial Verbo.
- Constituição da República de Angola. (2010). Luanda: Imprensa Nacional-E.P.
- Correia, M., & de Lemos, L. (2005). Inovação Lexical em Português. Lisboa: Edições Colibri.
- Couto, J., Faias, C., & Faias, C. (2009). Marketing Turístico: Conceitos e Tendências. Açores: CEEAplA.
- Cristóvão, A. (2010). Contagem Decrescente para o CAN. *Jornal de Angola*. Retrieved May 15, 2019, from http://jornaldeangola.sapo.ao/desporto/can2010/contagem_decrescente_para_o_can

- Cunha, C., & Cintra, L. F. L. (1984). *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Lisboa: Edições João Sá da Costa.
- Cunha, L. (2006). *Economia e Política do Turismo*. Lisboa: Editorial Verbo.
- Cunha, L. (2009). *Introdução ao Turismo* (4ª. edição). Lisboa: Verbo.
- Cunha, L. (2017). *Turismo e Desenvolvimento: Realidades e Perspetivas*. Lisboa: Lidel-Edições Técnicas, Lda.
- Cunha, L., & Abrantes, A. (2013). *Introdução ao Turismo* (5ª. edição). Lousã: Lidel.
- Daniel, H. E. (2015). *Dicionário Português-Umbundu* (2ª. edição). Luanda: Mayamba Editora.
- Decreto Presidencial n.º 1/16 de 4 de Janeiro da Presidência da República. , Pub. L. No. Diário da República: I Série-N.º 1 (2016).
- Decreto Presidencial n.º 205/15 de 29 de Outubro da Presidência da República. , Pub. L. No. Diário da República: I Série-N.º 149 (2015).
- Decreto Presidencial n.º 41/18 da Presidência da República. , Pub. L. No. Diário da República: I Série n.º 20 (2018).
- Decreto Presidencial n.º 41/18 de 12 de Fevereiro da Presidência da República. , Pub. L. No. Diário da República: I Série, n.º 20 (2018).
- Dias, F., Soifer, J., & Ferreira, L. (2009). *O Futuro do Turismo: Território, Património, Planeamento*. Porto: Aptur.
- Dicionário da Língua Portuguesa. (2013). Porto: Porto Editora.
- Dicionário de Português-Inglês. (4ª. edição). (2014). Porto: Porto Editora.
- Domingos, M. da S., & Bernardo, E. P. J. (2016). *Adultério Onomástico em Angola: Discussão à Luz dos Direitos Linguísticos e Convenções Ortográficas*. pp. 1–16. Luanda.ISCED.
- Domingues, C. M. (1990). *Dicionário Técnico de Turismo*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- Domingues, C. M. (2013). *Prontuário Turístico (Nova Edição, Revista e Actualizada)* (3ª. edição). Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, S.A.
- Durán, I. (2012). *La Ontoterminografía Aplicada a la Traducción: Propuesta Metodológica para la Elaboración de Recursos Terminológicos Dirigidos a Traductores*. Frankfurt: Peter Lang.
- Eco, H. (2015). *Como se Faz uma Tese em Ciências Humanas* (19ª. edição; A. F. Bastos & L. Leitão, Trans.). Lisboa: Editorial Presença.
- Fernandes, J., & Ntondo, Z. (2002). *Angola: Povos e Línguas*. Luanda: Editorial Nzila.
- Fernando, M. (2015). *O Turismo em Angola: O Caso Específico da Planificação do Mussulo*. Luanda: Mayamba Editora.
- Fio, H. M. (2016). *Educação Patrimonial: O Património Cultural e a Escola no Município do Lubango* (Dissertação de mestrado, Universidade Nova de Lisboa). Nova de Lisboa.
- Firmino, M. B. (2007). *Turismo: Organização e Gestão*. Lisboa: Escolar Editora.
- Freitas, F., & Schulz, S. (2009). *Ontologias, Web Semântica e Saúde*. Revista Eletrônica de

- Comunicação Informação & Inovação Em Saúde, pp. 4–7. Retrieved October 20, 2019, from <https://doi.org/10.3395/reciis.v3i1.238pt>
- Gruber, T. R. (1993). A Translation Approach to Portable Ontology Specifications. Appeared in *Knowledge Acquisition*, 5, 199–220.
- Guthrie, M. (1948). *The Classification of the Bantu Languages*. London: Oxford University Press.
- INE. (2016). Portal do Instituto Nacional de Estatística. Retrieved May 20, 2019, from Recenseamento Geral da População e da Habitação de Angola 2014 website: <http://www.ine-ao.com/>
- INL. (1980). *Histórico sobre a Criação dos Alfabetos em Línguas Nacionais*. Lisboa: Edições 70.
- Instituto Nacional de Estatística. (2018). O País, conheça mais sobre Angola. Retrieved April 17, 2019, from Web Site website: <http://www.ine-ao.com/oPais.htm>
- Iriarte Sanromán, Á. (2001). *A Unidade Lexicográfica, Palavras, Colocações, Frasemas, Pragmatemas*. (Tese de Doutoramento, Universidade do Minho.). Braga.
- ISO 704. (2009). *Terminology Work-Principles and Methods*.
- Janeiro, J. A. (2004). *Guia Técnico de Hotelaria: A Arte e a Ciência dos Modernos Serviços de Restaurante* (4ª. edição). Lisboa: CETOP.
- Kamuxitu, J. (2015). *Dicionário Português-Kimbundu Kimbundu-Português* (3ª. edição). Luanda: Caminho Seguro.
- Kaputo, A., Diogo, A., & King, P. (2011). *Plano Director do Turismo de Angola. Estratégia Nacional, Acções e Metas*. Luanda: PM Media Angola.
- Kukanda, V. (1992). As Línguas Nacionais no Contexto Linguístico Angolano: Moçambique, Senegal, Africa do Sul. In *Atlas da Língua Portuguesa na História e no Mundo* (pp. 55–59). Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- L'Homme, M. C. (2004). *La Terminologie: Principes et Techniques*. Montréal: Les Presses de l'Université de Montréal.
- Le Guennec, G., & Valente, J. F. (2010). *Dicionário Português Umbundu*. Lobito: Escolar-Editora.
- Leal, J. M. (2011). *Turismo: A Nova Multinacional*. Guide-Artes Gráficas.
- Lei n.º 9/15 de 15 de da Assembleia Nacional. , Pub. L. No. Diário da República: I Série, n.º 87 (2015).
- Machado, J. S. (Ed.). (2018). *Guia Turístico Angola: 2018-2019* (16ª. edição). Luanda: ELTA-Empresa de Listas Telefónicas de Angola.
- Mafarra, P., Amaro, R., Mendes, S., Chaves, R., & Lourosa, S. (2009). *Lextec-Léxico Técnico do Português Database*. Retrieved 16 November, 2019, from <http://cvc.instituto-camoes.pt/lextec/inicio.html>
- Maia, A. da S. (2010). *Dicionário Complementar Português-Kimbundu-Kikongo: Línguas Nativas do Centro e Norte de Angola*. (3ª. edição). Luanda: Editorial Nzila.
- Mangas, M. das, & Chimuco, F. (2019). *Dicionário Ondaka Yetu Português-Umbundu*. Retrieved 15 October, 2019, from <https://www.ondakayetu.cloud/index.php>

- Marques, I. G. (1985). Algumas Considerações Sobre a Problemática Linguística em Angola. Separata Do Congresso Sobre a Situação Actual Da Língua Portuguesa No Mundo, 1, 205–224. <https://doi.org/https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=5354290>
- Mata, A. (2000a). Dicionário de Terminologia Hoteleira: (Front-Office). Lisboa: Prefácio.
- Mata, A. (2000b). Dicionário de Terminologia Hoteleira (FRONT OFFICE). Lisboa: Prefácio.
- Mingas, A. (2007). Interferência do Kimbundu no Português Falado em Lwanda (2ª. edição). Luanda: Caxinde.
- Ministério da Cultura. (2018). Património Histórico-Cultural de Angola: Classificação, Catalogação (2015). Luanda: EAL, Edições de Angola, Lda.
- Ministério da Economia e Planeamento (Ed.). (2018). Plano de Desenvolvimento Nacional 2018-2022. In Plano de Desenvolvimento Nacional 2018-2022: Vol. I. Luanda: Ministério da Economia e Planeamento.
- Ministério do Ambiente. (n.d.). Programa de Investimento para as Áreas de Conservação em Angola. Luanda: Bus Agency.
- Ministério do Turismo: Dados e Fatos. (2019). Retrieved September 9, 2019, from <http://www.dadosefatos.turismo.gov.br/glossário-do-turismo/67-outros/glossário-do-turismo/902-u.html>
- Ministério do Turismo. (2019). Histórico. Retrieved April 18, 2019, from <http://www.mintur.gov.ao/Institucionais/Historico.aspx>
- Ministério do Turismo de Angola. (2018). Anuário Estatístico do Turismo. Luanda.
- Ministério do Turismo do Brasil. (2006). Manual do Pesquisador – Inventário da Oferta Turística: Instrumento de Pesquisa. Brasília.
- Moraes, I., & Moreira, W. (2015). Ontologia: Uma Análise Terminológico-Conceitual. VI_Seminário Em Ciência Da Informação. Londrina: Congresso Internacional Ontobras.
- Morais, E. A., & Ambrósio, A. P. (2007). Ontologias: Conceitos, Usos, Tipos, Metodologias, Ferramentas e Linguagens. 21. Retrieved 22 October, 2019, from http://www.portal.inf.ufg.br/sites/default/files/uploads/relatorios-tecnicos/RT-INF_001-07.pdf
- Moreira, A. C. dos S. (2010). Terminologia e Tradução: Criação de uma Base de Dados Terminológica do Turismo Baseada num Corpus Paralelo Português-Ingês. Tese de doutoramento, Universidade de Vigo, Vigo.
- Moreira, W. (2007). Lexicologia, Terminologia, Ontologia e Representação Documentária: Estudos de Interface por Meio de Análise de Periódicos de Ciência da Informação. Biblios: Revista Bibliotecología y Ciencias de La Información, 8 n.27. Retrieved 15 October, 2019, from <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=161/16102705>
- Mori, A. (2009). Modelagem de Conhecimento Baseada em Ontologias Aplicada às Políticas Públicas de Habitação Brasília (Dissertação de Mestrado, da Universidade de Brasília). Brasília.

- Nascimento, J. P. do. (1894). *Grammatica do Umbundu ou Língua de Benguela*. Lisboa: Imprensa Nacional.
- Navarro, S. L. M. (2011). *Glossário Bilíngue de Colocações da Hotelaria: Um modelo à Luz da Linguística de Corpus* (Dissertação de Mestrado, da Universidade de São Paulo). São Paulo.
- Nhulilivali, N. F. J. (2017). *Inventário e Análise Sociológica Das Políticas Públicas de Turismo em Angola* (Dissertação de mestrado, Universidade de Évora). Évora.
- Ntondo, Z. (2009). A Contribuição para uma Normalização Ortográfica da Toponímia Angolana. *Kulonga: Revista de Ciências de Educação e Estudos Multidisciplinares*, 4, 97–111.
- Oliveira, M. (2014). *A Influência dos Eventos na Taxa de Ocupação Hoteleira Study Case-Montebelo Viseu Hotel & Spa* (Relatório de Estágio da Escola Superior de Hotelaria e Turismo do Estoril). Estoril.
- Oliveira, M. A. (1990). *Reler África*. Coimbra: Universidade de Coimbra.
- OMT. (2018a). 2017 Annual Report World Tourism Organization. Retrieved 15 May, 2019, from <https://www.e-unwto.org/doi/pdf/10.18111/9789284419807>
- OMT. (2018b). Panorama OMT del Turismo Internacional. Retrieved 15 May, 2019, from <http://marketintelligence.unwto.org/publication/panorama-omt-del-turismo-internacional-edicion-2018>
- OMT. (2019). Por qué el Turismo? Retrieved April 16, 2019, from Organización Mundial del Turismo website: <http://www2.unwto.org/es/content/por-que-el-turismo>
- Pearson, J. (1998). *Terms in Context*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company.
- Pedro, J. D. et al (2013). *Harmonização Ortográfica das Línguas Bantu de Angola: Kikongo, Kimbundu, Umbundu, Cokwe, Mbunda, Oshikwanyama*. Cape Town & Luanda: SED Priting Solutions.
- Peralta, F. P. (2014). *Terminologias do Turismo: Instrumentos para a Formação Especializada em Língua Portuguesa*. Roma: Nuova cultura.
- Redinha, J. (1975). *Etnias e Culturas de Angola*. Luanda: Actualidade Editora.
- Resolução n.º 3/87 do Conselho de Ministros. , Pub. L. No. Diário da República I Série N.º 41 (1987).
- Ribas, Ó. (2014). *Dicionário de Regionalismos Angolanos*. Luanda: Fenacult.
- Sacanene, B. (2015). *Análise e Funcionamento dos Angolanismos no Léxico do Português*. (Dissertação de mestrado, Universidade Agostinho Neto). Luanda.
- Sacanene, B. (2019). Análise dos Angolanismos no Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea. *Diacrítica*, 32 (2), 485–503.
- Santana, D., Dos Santos, P., & Delvizio, I. (2016). A Contribuição de um Glossário Trilingue de Turismo de Aventura Para a Formação e Atuação do Profissional de Turismo. *Applied Tourism*, pp. 51–72. Retrieved 21 September, 2019, from <http://dx.doi.org/10.14210/at.v1n2.p51-72>

- Serrote, J. M. (2015). *Antroponímia da Língua Kimbundu em Malanje*. (Dissertação de mestrado, Universidade Nova de Lisboa). Lisboa.
- Silva, M. S. (2013). *O Desenvolvimento das Infraestruturas Aeroportuárias em Angola: O Caso do Aeroporto “4 de Fevereiro”, em Luanda*. (Dissertação de mestrado, Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias). Lisboa.
- Silva, R. (2015). *Ensaio para uma Gramática Comparativa Português-Kimbundu*. Luanda: Sonekangola.
- Simões, A., Bezerra, T., & Henriques, P. (2004). *A Importância das Ontologias num Museu Virtual*. II Congresso Internacional de Investigação e Desenvolvimento Sócio-Cultural. Paredes de Coura: Agir.
- Temmerman, R. (2000). *Towards New Ways of Terminology Description: The Sociocognitive Approach*. Amsterdam: John Benjamins.
- Termos de Arte e Arquitectura. (2019). Retrieved September 10, 2019, from <http://www.conventocristo.gov.pt/pt/index.php?s=white&pid=239>
- Torruella, J. (2017). *Linguística de Corpus: Génesis y Bases Metodológicas de los Corpus (Históricos) para la Investigación en Linguística*. Frankfurt: Peter Lang.
- Universidade de Vigo. (2018). *Termoteca-Banco de Datos Terminológico da Universidade de Vigo*. Retrieved 17 May, 2019, from Grupo Talg website: <http://sli.uvigo.gal/termoteca/>
- Valdês. (2003). *Marketing Estratégico e Estratégia Competitiva de Empresas Turísticas- Estudo de um Caso da Cadeia Hoteleira Sol Mélia*. (Tese de doutoramento da Universidade de São Paulo). Retrieved 18 June, 2019, from <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/12/12139/tde-13102003-081411/pt-br.php>
- Vogeler, C. (Ed.). (2012). *Tourism Towards 2030: Preview of Findings*. Retrieved 21 May, 2019, from http://cf.cdn.unwto.org/sites/all/files/pdf/comecuadorfinarevisadol2030_e_web.pdf
- Wuster, E. (1988). *Introducción a la Teoría General de la Terminología y la Lexicografía Terminológica*. Barcelona: Iula.
- Zwela Dicionário Online. (2019). Retrieved May 15, 2020, from <https://www.zwela.co/>

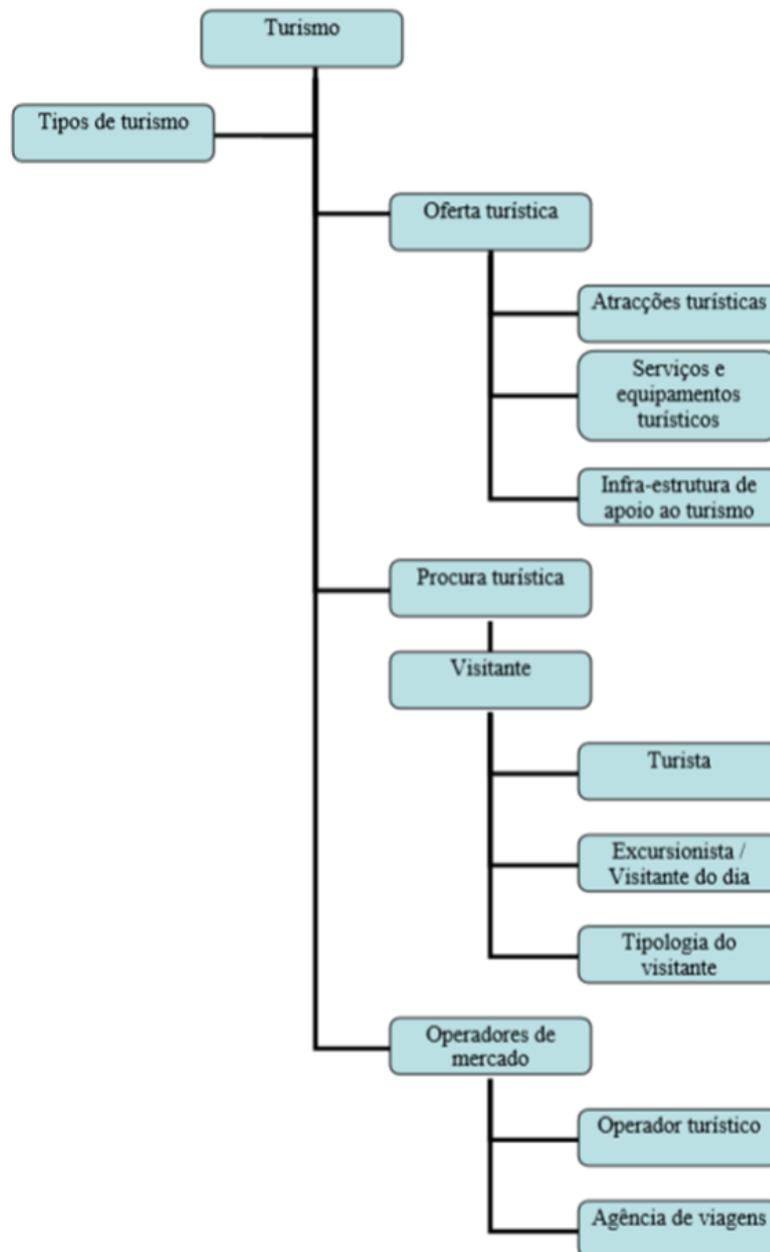
Anexos

Anexo 1

O Anexo 1 faz referência a árvore de domínio criada por Moreira (2010) no seu projeto académico designado Terminologia e Tradução: Criação de uma Base de Dados Terminológica do Turismo Baseada num Corpus Paralelo Português-Inglês.

Anexo 1: Árvore do domínio do turismo elaborada por Moreira

Figura 1: Organograma da categoria “turismo”.



Fonte: (Moreira, 2010)

Anexo 2

Recolhemos neste Anexo 2 algumas entradas da TermoTur Angola. Não tivemos em conta nenhum critério relativamente a escolha das entradas que constam nesta secção, tratou-se de uma escolha aleatória.

Por questões de espaço, não apresentamos todas as unidades terminológicas que compõe a TermoTur Angola, entretanto, a mesma pode ser consultada no seguinte sítio: <https://ambs.github.io/terminologies/termotur-angola/termotur-angola.xml>

Anexo 2: Extratos da base de dados

Fonte: <https://ambs.github.io/terminologies/termotur-angola/termotur-angola.xml>

TermoTur Angola

Luty Marla Lopes

PT

abadia

(Universidade de Vigo. (2018). Termoteca-Banco de Datos Terminológico da Universidade de Vigo. Retrieved from Grupo Talg website: <http://sli.uvigo.gal/termoteca/>)

DEFINITION: igreja que faz parte do conjunto desse mosteiro

(abadia in Dicionário infopédia da Língua Portuguesa [em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2019. [consult. 2019-10-12 18:53:30]. Disponível na Internet: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/abadia>)

EN

abbot

(Universidade de Vigo. (2018). Termoteca-Banco de Datos Terminológico da Universidade de Vigo. Retrieved from Grupo Talg website: <http://sli.uvigo.gal/termoteca/>)

KIMBUNDU

kisengele kya lungu ni kyonge kya ngeleja | Nganga | Nganga-à-Nzambi | pádele | Nganga nzambi

(Kamuxitu, J. (2015). Dicionário Português-Kimbundu Kimbundu-Português. (Júlio António, Ed.) (3rd ed.). Luanda: Caminho Seguro./Maia, A. da S. (2010). Dicionário Complementar Português-Kimbundu-Kikongo(Línguas nativas do Centro e Norte de Angola) (3rd ed.). Luanda: Editorial Nzila./zwela. (n.d.). Retrieved May 8, 2019, from <http://www.zwela.co/>)

UMBUNDU

Apatele

(zwela. (n.d.). Retrieved May 8, 2019, from <http://www.zwela.co/>)

PT

antiquário

(Universidade de Vigo. (2018). Termoteca-Banco de Datos Terminológico da Universidade de Vigo. Retrieved from Grupo Talg website: <http://sli.uvigo.gal/termoteca/>)

DEFINITION: estabelecimento onde se comercializam antiguidades

(antiquário in Dicionário infopédia da Língua Portuguesa [em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2019. [consult. 2019-09-11 05:21:59]. Disponível na Internet: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/antiquario>)

EN

antique shop

(Universidade de Vigo. (2018). Termoteca-Banco de Datos Terminológico da Universidade de Vigo. Retrieved from Grupo Talg website: <http://sli.uvigo.gal/termoteca/>)

KIMBUNDU

Inzu ya Kusumbisila ia kulu

(tradição oral)

UMBUNDU

onjo k' simbo

(tradição oral)

PT

carnaval

(Universidade de Vigo. (2018). Termoteca-Banco de Datos Terminol\u00f3xico da Universidade de Vigo. Retrieved from Grupo Talg website: <http://sli.uvigo.gal/termoteca/>)

DEFINI\u00c7\u00c3O: *festa popular que acontece nesses dias, com desfiles e divertimentos t\u00edpicos, nos quais os participantes usam m\u00e1scaras e vestem trajes diversos* (Carnaval in Dicion\u00e1rio infop\u00e9dia da L\u00edngua Portuguesa [em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2019. [consult. 2019-10-12 18:57:20]. Dispon\u00edvel na Internet: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/Carnaval>)

EXAMPLE: O carnaval \u00e9 a s\u00edntese de tudo isto- \u00e9 a festa angolana por excel\u00eancia;m\u00fasica, dan\u00e7a,festa e conv\u00edvio!
(Machado, J. S. (Ed.). (2017). Guia Tur\u00edstico Angola. Luanda: ELTA- Empresa de Listas Telef\u00f3nicas de Angola.)

EN

carnival

(Universidade de Vigo. (2018). Termoteca-Banco de Datos Terminol\u00f3xico da Universidade de Vigo. Retrieved from Grupo Talg website: <http://sli.uvigo.gal/termoteca/>)

KIMBUNDU

makina | induludu

(tradi\u00e7\u00e3o oral)

UMBUNDU

ochimbundyanga

(Le Guennec, G., & Valente, F. J. (2010). Dicion\u00e1rio Portugu\u00eas Umbundu. (J. Costa, Ed.). Lobito: Escolar- Editora.)

PT

mapa tur\u00edstico | guia tur\u00edstico

(Universidade de Vigo. (2018). Termoteca-Banco de Datos Terminol\u00f3xico da Universidade de Vigo. Retrieved from Grupo Talg website: [http://sli.uvigo.gal/termoteca//Guia Tur\u00edstico Angola:2018-2019.](http://sli.uvigo.gal/termoteca//Guia%20Tur\u00edstico%20Angola:2018-2019.) (2018). Luanda: ELTA- Empresa de Listas Telef\u00f3nicas de Angola.)

EXAMPLE: Guia tur\u00edstico: Angola- 2018-2019
(Machado, J. S. (Ed.). (2017). Guia Tur\u00edstico Angola. Luanda: ELTA- Empresa de Listas Telef\u00f3nicas de Angola.)

EN

touristic map | touristic guide

(Universidade de Vigo. (2018). Termoteca-Banco de Datos Terminol\u00f3xico da Universidade de Vigo. Retrieved from Grupo Talg website: [http://sli.uvigo.gal/termoteca//Guia Tur\u00edstico Angola:2018-2019.](http://sli.uvigo.gal/termoteca//Guia%20Tur\u00edstico%20Angola:2018-2019.) (2018). Luanda: ELTA- Empresa de Listas Telef\u00f3nicas de Angola.)

KIMBUNDU

mukanda wa kidikisu wa uzungulu

(Maia, A. da S. (2010). Dicion\u00e1rio Complementar Portugu\u00eas-Kimbundu-Kikongo(L\u00ednguas nativas do Centro e Norte de Angola) (3rd ed.). Luanda: Editorial Nzila.)

UMBUNDU

ukanda uofeka pamue wolofeka wolongende

(Daniel, H. E. (2015). Dicion\u00e1rio Portugu\u00eas-Umbundu. (A. Isabel, Ed.) (2nd ed.). Luanda: Mayamba.)

PT

retiro

(Universidade de Vigo. (2018). Termoteca-Banco de Datos Terminol\u00f3xico da Universidade de Vigo. Retrieved from Grupo Talg website: <http://sli.uvigo.gal/termoteca/>)

DEFINI\u00c7\u00c3O: *afastamento do mundo para recolhimento, ora\u00e7\u00e3o e medita\u00e7\u00e3o; isolamento tempor\u00e1rio* (retiro in Dicion\u00e1rio infop\u00e9dia da L\u00edngua Portuguesa [em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2019. [consult. 2019-10-12 19:02:38]. Dispon\u00edvel na Internet: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/retiro>)

EN

retreat

(Universidade de Vigo. (2018). Termoteca-Banco de Datos Terminol\u00f3xico da Universidade de Vigo. Retrieved from Grupo Talg website: <http://sli.uvigo.gal/termoteca/>)

KIMBUNDU

Musonde | kisunanu | kisongoloku | kitundu | kikatuku | iz\u00fa ia misambu ni jipenit\u00eancia | kitokuelu | kisombelu

(Maia, A. da S. (2010). Dicion\u00e1rio Complementar Portugu\u00eas-Kimbundu-Kikongo(L\u00ednguas nativas do Centro e Norte de Angola) (3rd ed.). Luanda: Editorial Nzila.)

UMBUNDU

ulika | Ocipuyukilo | Ondoguhongo | Ungombue | Umulungo | Ucocokoko | Ulikalelo | Uliakanjele | ukambundilekulika | pokolika | kolika

(Le Guennec, G., & Valente, F. J. (2010). Dicion\u00e1rio Portugu\u00eas Umbundu. (J. Costa, Ed.). Lobito: Escolar- Editora.// Daniel, H. E. (2015). Dicion\u00e1rio Portugu\u00eas-Umbundu. (A. Isabel, Ed.) (2nd ed.). Luanda: Mayamba.)

PT

agência de viagem

(Universidade de Vigo. (2018). Termoteca-Banco de Datos Terminológico da Universidade de Vigo. Retrieved from Grupo Talg website: <http://sli.uvigo.gal/termoteca/>)

DEFINITION: *agência que vende viagens, bem como serviços de apoio a sua concretização, e revende pacotes turísticos programados por operadores de turismo* (Mafarra, P., Amaro, R., Mendes, S., Chaves, R., & Lourosa, S. (2009). Lextec- Léxico técnico do português. Instituto Camões.)

EXAMPLE: *As agências de viagem são uma boa alternativa para reservas, marcações e outros serviços de turismo.* (Guia Turístico Angola:2018-2019. (2018). Luanda: ELTA- Empresa de Listas Telefónicas de Angola.)

EN

travel agency

(Universidade de Vigo. (2018). Termoteca-Banco de Datos Terminológico da Universidade de Vigo. Retrieved from Grupo Talg website: <http://sli.uvigo.gal/termoteca/>)

KIMBUNDU

kididi kya kwenda

(tradição oral)

UMBUNDU

onjo yomilu ko ongenda

(tradição oral)

PT

funje | pirão | chima

DEFINITION: *massa cozida, geralmente de farinha de milho, mandioca ou batata-doce*

(funje in Dicionário infopédia da Língua Portuguesa [em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2019. [consult. 2019-10-05 21:48:19]. Disponível na Internet: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/funje>)

EXAMPLE: *O funge, espécie de farinha de mandioca ou milho, é uma das principais bases da culinária angolana, servindo de base para pratos de carne, peixe ou vegetarianos. Em Ondjiva, dá pelo nome de funge de massangomavanda, e pode ser acompanhado de lombi (folhas de abóbora), carne de rã, ou bagre fumado.* (<http://www.taag.com/pt/Destinos/Guia-de-destinos/Sugestão-Simples/funge>)

EN

funge

KIMBUNDU

funji | funje | hita | makúdia

(Maia, A. da S. (2010). Dicionário Complementar Português-Kimbundu-Kikongo(Línguas nativas do Centro e Norte de Angola) (3rd ed.). Luanda: Editorial Nzila.)

UMBUNDU

utombo | iputa

(Le Guennec, G., & Valente, F. J. (2010). Dicionário Português Umbundu. (J. Costa, Ed.). Lobito: Escolar- Editora.)

PT

muamba de jinguba

DEFINITION: *galinha cozida com mwamba de jinguba*

(Gonçalves, J. (2012). Gastronomia Angolana e Internacional. (Pindal, Ed.). Luanda: INIC.)

EXAMPLE: *Os pratos típicos de Cabinda baseiam-se em muambas de diversos sabores, entre eles o de jinguba, o de peixe seco, o de pato e o de feijão macoba, acompanhadas de suidi de peixe, fumbua de peixe fumado com maiaka (ou k;kuanga).*

(Guia Turístico Angola:2018-2019. (2018). Luanda: ELTA- Empresa de Listas Telefónicas de Angola.)

KIMBUNDU

muamba ia nonga

(Maia, A. da S. (2010). Dicionário Complementar Português-Kimbundu-Kikongo(Línguas nativas do Centro e Norte de Angola) (3rd ed.). Luanda: Editorial Nzila.)

UMBUNDU

muamba k' olungupa

(tradição oral)

PT

óleo de palma | azeite de palma

EXAMPLE: Em 1850, Luanda era uma metrópole considerável que exportava, juntamente com Benguela, óleo de palma marfim, madeira, café, tabaco, entre muitos outros produtos

(Guia Turístico Angola:2018-2019. (2018). Luanda: ELTA- Empresa de Listas Telefónicas de Angola.)

KIMBUNDU

maji ma ndende

(Maia, A. da S. (2010). Dicionário Complementar Português-Kimbundu-Kikongo(Línguas nativas do Centro e Norte de Angola) (3rd ed.). Luanda: Editorial Nzila.)

UMBUNDU

Ulela | omasi

(zwela. (n.d.). Retrieved May 8, 2019, from <http://www.zwela.co/>)

PT

calulu

DEFINITION: prato típico constituído por um guisado de peixe fresco ou seco, temperado com numerosos ingredientes e acompanhado de funje

(calulu in Dicionário infopédia da Língua Portuguesa [em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2019. [consult. 2019-10-11 12:34:42]. Disponível na Internet: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/calulu>)

EXAMPLE: Calulu é um prato típico de Angola, também popular em São Tomé e Príncipe. Tradicionalmente comido na companhia de família e amigos, ou em momentos festivos, o Calulu pode ser de carne ou de peixe.

(<http://www.taag.com/pt/Destinos/Guia-de-destinos/Sugestão-Simples/calulu-de-peixe>)

KIMBUNDU

Kidobo | nkaxikila | ngelelu ia mafe

(Maia, A. da S. (2010). Dicionário Complementar Português-Kimbundu-Kikongo(Línguas nativas do Centro e Norte de Angola) (3rd ed.). Luanda: Editorial Nzila.)

UMBUNDU

calulu

PT

turismo de negócios

(Universidade de Vigo. (2018). Terroteca-Banco de Datos Terminológico da Universidade de Vigo. Retrieved from Grupo Talg website: <http://sli.uvigo.gal/termoteca/>)

DEFINITION: turismo associado à participação em reuniões científicas ou de negócios, comumente designado por MICE (Meetings, Incentives, Conferences and Events)

(Mafarra, P., Amaro, R., Mendes, S., Chaves, R., & Lourosa, S. (2009). Lextec- Léxico técnico do português. Instituto Camões.)

EXAMPLE: O turismo balnear para o mercado interno e o turismo de negócio nos dois centros urbanos de Benguela e do Lobito para o mercado interno, regional e internacional são os dois produtos existentes em 2010 na Província de Benguela

(Verdugo, D., & Mavela, A. (Eds.). (2011). Mapeamento da situação do turismo na república de Angola. In Projecto transfortrade/CNUCED-Angola 2011 (p. 58). Switzerland.)

EN

business tourism

(Universidade de Vigo. (2018). Terroteca-Banco de Datos Terminológico da Universidade de Vigo. Retrieved from Grupo Talg website: <http://sli.uvigo.gal/termoteca/>)

KIMBUNDU

uzungilu wa wenji

(tradição oral)

UMBUNDU

ungende wofumilu

(tradição oral)

PT

apartamento turístico

(Universidade de Vigo. (2018). Terroteca-Banco de Datos Terminológico da Universidade de Vigo. Retrieved from Grupo Talg website: <http://sli.uvigo.gal/termoteca/>)

DEFINITION: É a unidade integrada de um conjunto de apartamentos mobilados e independentes, habitualmente alugados a turistas, dia a dia, ou por períodos não excedentes a um mês.

(Domingues, C. M. (2013). Prontuário Turístico(Nova Edição, Revista e Atualizada) (3rd ed.). Lisboa: Imprensa Naciona-Casa da Moeda, S.A.)

EN

tourist apartment

(Universidade de Vigo. (2018). Terroteca-Banco de Datos Terminológico da Universidade de Vigo. Retrieved from Grupo Talg website: <http://sli.uvigo.gal/termoteca/>)

KIMBUNDU

inzu ya kuzunga

(tradição oral)

UMBUNDU

Onjo yosapalalo wolongende

(tradição oral)

PT

colina

(Universidade de Vigo. (2018). Termoteca-Banco de Datos Terminol6xico da Universidade de Vigo. Retrieved from Grupo Talg website: <http://sli.uvigo.gal/termoteca/>)

DEFINITION: *pequena eleva7o de terreno; outeiro*

(colina in Dicion6rio infop6dia da L6ngua Portuguesa [em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2019. [consult. 2019-09-24 19:22:01]. Dispon6vel na Internet: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/colina>)

EXAMPLE: Os vales e rios secos da região acumulam 6guas no per6do das chuvas, assim como as colinas monol6ticas situadas ao norte do munic6pio e encontradas na maior parte do territ6rio da prov6ncia.

(<http://www.hoteisangola.com/roteiros-individuais-grupos/roteiros/monumentos-benguela.html>)

EN

slope

(Universidade de Vigo. (2018). Termoteca-Banco de Datos Terminol6xico da Universidade de Vigo. Retrieved from Grupo Talg website: <http://sli.uvigo.gal/termoteca/>)

KIMBUNDU

kamulundu kambonge | dikolo | mulundu uofele

(Maia, A. da S. (2010). Dicion6rio Complementar Portugu6s-Kimbundu-Kikongo(L6nguas nativas do Centro e Norte de Angola) (3rd ed.). Luanda: Editorial Nzila.)

UMBUNDU

okangongo | undundango | okamunda | okacilundulundu | ekungu

(Le Guennec, G., & Valente, F. J. (2010). Dicion6rio Portugu6s Umbundu. (J. Costa, Ed.). Lobito: Escolar- Editora.//Daniel, H. E. (2015). Dicion6rio Portugu6s-Umbundu. (A. Isabel, Ed.) (2nd ed.). Luanda: Mayamba.// tradi7o oral)

PT

roteiro tur6stico | rota tur6stica

(Universidade de Vigo. (2018). Termoteca-Banco de Datos Terminol6xico da Universidade de Vigo. Retrieved from Grupo Talg website: <http://sli.uvigo.gal/termoteca/>)

DEFINITION: *percurso que inclui pontos de interesse hist6rico, cultural ou paisag6stico*

(Mafarra, P., Amaro, R., Mendes, S., Chaves, R., & Lourosa, S. (2009). Lextec- L6xico t6cnico do portugu6s. Instituto Cam6es.)

EXAMPLE: Existe hoje um roteiro tur6stico no Rio Catumbela, oferecido por um operador tur6stico baseado no Lobito

(Verdugo, D., & Mavela, A. (Eds.). (2011). Mapeamento da situa7o do turismo na rep6blica de Angola. In Projecto transfortrade/CNUCED-Angola 2011 (p. 58). Switzerland.)

EN

tourist guide

(Universidade de Vigo. (2018). Termoteca-Banco de Datos Terminol6xico da Universidade de Vigo. Retrieved from Grupo Talg website: <http://sli.uvigo.gal/termoteca/>)

KIMBUNDU

wendelu wa uzungulu

(Maia, A. da S. (2010). Dicion6rio Complementar Portugu6s-Kimbundu-Kikongo(L6nguas nativas do Centro e Norte de Angola) (3rd ed.). Luanda: Editorial Nzila.)

UMBUNDU

ohando wolongende

(tradi7o oral)

PT

safari

(Universidade de Vigo. (2018). Termoteca-Banco de Datos Terminol6xico da Universidade de Vigo. Retrieved from Grupo Talg website: <http://sli.uvigo.gal/termoteca/>)

DEFINITION: *viagem organizada, tipicamente realizada em 6frica, para observa7o de animais selvagens no seu habitat natural, podendo envolver actividades de ca7a*

(Mafarra, P., Amaro, R., Mendes, S., Chaves, R., & Lourosa, S. (2009). Lextec- L6xico t6cnico do portugu6s. Instituto Cam6es.)

EXAMPLE: O encanto das suas belezas naturais numa atmosfera 6nica, oferece um clima prop6cio a actividades ao ar livre. O safari em ve6culos todo-o-terreno 6 a melhor forma de o fazer, com sa6da de Luanda e passagem pela Funda, Barra do Dande, Malanje, Kalandula, Sumbe, Porto Amboim , Kissama, etc.

(<https://angolaturismo.ao/index.php/luanda>)

EN

safari

(Universidade de Vigo. (2018). Termoteca-Banco de Datos Terminol6xico da Universidade de Vigo. Retrieved from Grupo Talg website: <http://sli.uvigo.gal/termoteca/>)

KIMBUNDU

kiendu ni kutonginina iama matumbu

(tradi7o oral)

UMBUNDU

endo liatumiwa oku vanja olocama ka-limiwilwe

(tradi7o oral)

PT

casa de hóspedes

(Universidade de Vigo. (2018). Termosteca-Banco de Dados Terminológico da Universidade de Vigo. Retrieved from Grupo Talg website: <http://sli.uvigo.gal/termoteca/>)

DEFINITION: *estabelecimento hoteleiro instalado num edifício de habitação familiar, que tem de quatro a quinze unidades de alojamento* (Mafarra, P., Amaro, R., Mendes, S., Chaves, R., & Lourosa, S. (2009). Lextec- Léxico técnico do português. Instituto Camões.)

EXAMPLE: As unidades desta casa de hóspedes têm uma área de estar. No Morro Bento Guest House, todos os quartos incluem uma secretária, uma televisão de ecrã plano e uma casa de banho privativa.

(<https://www.booking.com/hotel/ao/morro-bento-city-best-guest-house.pt-pt.html?aid=356980;label=gog235jc-1DCAIYkwQoCUICYW9IH1gDaLsBiAEBmAEfuAEXyAEU2AED6AEB-AECiAIBqAIDuALGvMHqBcACAQ;sid=8cea58a60d024ed21477671fa8c51301>)

EN

boarding house

(Universidade de Vigo. (2018). Termosteca-Banco de Dados Terminológico da Universidade de Vigo. Retrieved from Grupo Talg website: <http://sli.uvigo.gal/termoteca/>)

KIMBUNDU

inzu ya ajitu

(tradição oral)

UMBUNDU

owo ko Ukombe(alume)

(tradição oral)

PT

feira do mar

EXAMPLE: As Feiras do Mar são uma tradição centenária. Nascidas em 1962, já contam com uma longa vida de tradições e melhoria contínua. Hoje em dia, são o evento mais marcante de Namibe, e um dos mais antecipados de Angola.

(<http://www.taag.com/pt/Destinos/Guia-de-destinos/Sugestão-Simples/feiras-do-mar>)

EN

sea festival

KIMBUNDU

kizomba ia kalunga

(tradição oral)

UMBUNDU

eyele ko kalunga

(tradição oral)

PT

rebita

DEFINITION: *é um género de música e dança de salão angolana que demonstra a vaidade dos cavalheiros e o adorno das damas.*

EXAMPLE: Classificação da Rebita como património imaterial desta semana

KIMBUNDU

kilapanga | rebita makinu

(Maia, A. da S. (2010). Dicionário Complementar Português-Kimbundu-Kikongo(Linguas nativas do Centro e Norte de Angola) (3rd ed.). Luanda: Editorial Nzila.)

UMBUNDU

okasesa

(Le Guennec, G., & Valente, F. J. (2010). Dicionário Português Umbundu. (J. Costa, Ed.). Lobito: Escolar- Editora.)

PT

Muzongué | caldo

DEFINITION: *caldo de peixes variados, cozidos com mandioca e óleo de palma*

(muzongue in Dicionário infopedia da Língua Portuguesa [em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2019. [consult. 2019-10-11 14:43:07]. Disponível na Internet: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/muzongue>)

EXAMPLE: Os pratos típicos são o Muzongué e o Mufete, ambos feitos à base de peixe fresco, mas o visitante tem também a oportunidade de provar e levar para casa peixe e marisco acabado de apanhar pelos Muxiluanda, os habitantes da ilha cuja atividade principal é a pesca.

(<http://www.taag.com/pt/Destinos/Guia-de-destinos/Sugestão-Simples/ilha-de-luanda>)

KIMBUNDU

muzonge | masole

(Maia, A. da S. (2010). Dicionário Complementar Português-Kimbundu-Kikongo(Linguas nativas do Centro e Norte de Angola) (3rd ed.). Luanda: Editorial Nzila.)

UMBUNDU

ocimiña | uyonge

(Daniel, H. E. (2015). Dicionário Português-Umbundu. (A. Isabel, Ed.) (2nd ed.). Luanda: Mayamba.)

PT

aviturismo

DEFINITION: *é a atividade que implica viajar com o objetivo de observar a fauna aviária local em seu habitat natural.*

(Rivera, Juan (2006). «Criterios de sostenibilidad para el desarrollo de destinos de aviturismo en Guatemala» (en español). TNC - Mesa Nacional de Aviturismo.)

EXAMPLE: A Ministra do Turismo, Ângela Bragança”, procedeu na sexta-feira, na aldeia de Kanjila, município de Calandula (Malanje), ao lançamento do projecto “Apostar no Aviturismo”, modalidade do ecoturismo centrada na avifauna

(<http://www.mintur.gov.ao/vernoticia.aspx?id=46331>)

KIMBUNDU

uzungilu ia elongi ma bu jila

(tradição oral)

UMBUNDU

ungende k'elengulo k'olonjila

(tradição oral)

PT

Paisagem

DEFINITION: *porção de território que se abrange num lance de olhos; vista; panorama*

(paisagem in Dicionário infopédia da Língua Portuguesa [em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2019. [consult. 2019-12-10 10:50:08]. Disponível na Internet: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/paisagem>)

EXAMPLE: Continuando a descer pela costa encontramos, ainda no interior da baía do Mussulo, o Morro dos Veados e, mais adiante na estrada que conduz à foz do Kwanza, a paisagem extraordinária, lunar, irreal, do Miradouro da Lua- uma enorme barroca em tons ocre avermelhado escavada pela erosão (Guia Turístico Angola:2018-2019. (2018). Luanda: ELTA- Empresa de Listas Telefónicas de Angola.)

EN

landscape

KIMBUNDU

mbandu ya ixi

(Zwela Dicionário. (2019). Luanda.)

UMBUNDU

omaka | onepa yofeka iletiwe

(Le Guennec, G., & Valente, F. J. (2010). Dicionário Português Umbundu (J. Costa, Ed.). Lobito: Escolar- Editora.)

PT

paisagem do rio lomba

EXAMPLE: Paisagem do Rio Lomba;

(<https://angolaturismo.ao/index.php/lunda-norte>)

KIMBUNDU

mbandu ya ixi wa ngiji lomba

(tradição oral)

UMBUNDU

omaka k'ocitavava lomba

(tradição oral)

PT

fonte termal

EXAMPLE: Não tão espetaculares mas igualmente divertidas são as fontes termais naturais que podem ser encontradas há cerca de 15 minutos de carro da Fazenda.

(<https://www.lnl.co.ao/View/lnl-al-m-fronteiras-fazenda-rio-iris>)

EN

spa fountain

KIMBUNDU

fuxi yatema | fuxi ya menya atema

(tradição oral)

UMBUNDU

ono ko ovava atokota

PT

alojamento turístico

EXAMPLE: Uma oportunidade plena para o turismo religioso, alojamento turísticos, restauração, animação cultural, souvenirs, doca e museu.

(MINTUR (Ed.). (2019). Angola:Um destino turístico por desenvolver. Luanda: AIPEX.)

EN

tourist accommodation

EXAMPLE: A full opportunity for religious tourism, tourist accommodation, catering, cultural entertainment, souvenirs dock and museum.

(MINTUR (Ed.). (2019). Angola:Um destino turístico por desenvolver. Luanda: AIPEX.)

KIMBUNDU

kizalelu kya kuzunga

(Maia, A. da S. (2010). Dicionário Complementar Português-Kimbundu-Kikongo (Línguas nativas do Centro e Norte de Angola) (3rd ed.). Luanda: Editorial Nzila.)

UMBUNDU

esikilo | eyekelelo

(Le Guennec, G., & Valente, F. J. (2010). Dicionário Português Umbundu. (J. Costa, Ed.). Lobito: Escolar- Editora.//Daniel, H. E. (2015). Dicionário Português-Umbundu. (A. Isabel, Ed.) (2nd ed.). Luanda: Mayamba.)

PT

rococó

DEFINITION: *termo indicado para designar a fase tardia do Barroco, constituindo uma reacção às suas formas classicizantes; atinge sobretudo a linguagem decorativa que enriquece habitualmente os interiores, transformando-os, através da sua grande liberdade compositiva, em espaços extremamente requintados, recorrendo a uma linguagem formal assente em motivos exóticos e, de certo modo, bizarros; os motivos concheados ou em «asa de morcego», colocados de forma assimétrica, combinados com elementos vegetalistas são-lhe preferencialmente típicos; na arquitectura explora de maneira sublime os valores da luz, o papel dos revestimentos artísticos e os jogos cromáticos*

(Glossário: Termos de Arte e Arquitectura. (2019). Retrieved September 10, 2019, from <http://www.conventocristo.gov.pt/pt/index.php?s=white&pid=239>)

EXAMPLE: A obra ornamental mais valiosa que a igreja encerra é, sem duvida, o belo pulpito com docel, em madeira esculpida, de gracioso recorte e relevos de rococó, e que não terá certamente outra comparável em Angola.

(<http://destinobenguela.com/turismo/locais-interesse/historicos/memoria-justificativa-sua-classificacao.html>)

EN

rococo

PT

kartódromo

DEFINIÇÃO: conjunto de instalações destinadas a competições de velocidade realizadas com karts, em circuito fechado.

(Domingues, C. M. (2013). *Prontuário Turístico* (Nova Edição, Revista e Atualizada) (3rd ed.). Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, S.A.)

EN

kart circuit

KIMBUNDU

kididi kya kuta kamungoyo ni kadikalu

PT

quarto duplo

DEFINIÇÃO: quarto equipado para alojar duas pessoas, tendo uma área mínima de cerca de 12 metros quadrados

(Mafara, P., Amaro, R., Mendes, S., Chaves, R., & Lourosa, S. (2009). *Lextec - Léxico técnico do português*. Instituto Camões.)

EXAMPLE: O Hotel Ombaka Ritz dispõe de 75 quartos, 23 Twins, 48 Duplos e 04 Suites.

(<http://www.hoteisangola.com/reservations/hotels/benguela-municipio/hotel-ombaka-ritz-benguela.html>)

EN

double room

KIMBUNDU

kiyadi

(Maia, A. da S. (2010). *Dicionário Complementar Português-Kimbundu-Kikongo* (Línguas nativas do Centro e Norte de Angola) (3rd ed.). Luanda: Editorial Nzila.)

UMBUNDU

ohondo vela po luvali

(Le Guennec, G., & Valente, F. J. (2010). *Dicionário Português Umbundu*. (J. Costa, Ed.). Lobito: Escolar- Editora.//Daniel, H. E. (2015). *Dicionário Português-Umbundu*. (A. Isabel, Ed.) (2nd ed.). Luanda: Mayamba.)

PT

património mundial

DEFINIÇÃO: é uma região ou área (denominadas "sítios") que vem a ser considerado pela comunidade científica de inigualável e fundamental importância para a humanidade. Pode vir a ser um único monumento ou construção, ou o conjunto arquitetónico delimitado em uma cidade, vila ou região, ou toda a área, pode ser uma única caverna, ou vale, ou toda a região devido ao seu valor histórico, arqueológico, natural, ambiental, ou um conjunto desses fatores e vem a ser reconhecida pela UNESCO fazer parte da Lista do Património Mundial, também se inclui na lista, pela importância e singularidade, manifestações e rituais, como outros, reconhecendo sua dimensão histórica, praticado por algumas comunidades ou povos.

(https://pt.wikipedia.org/wiki/Patrim%C3%B3nio_Mundial)

EXAMPLE: O Instituto entendeu inscrever na lista indicativa de Angola estes três bens patrimoniais do país para candidatos a Património Mundial, por terem valências aceites mundialmente e por serem espaços de fortes ligações com o percurso histórico do país e do continente africano", disse.

(<https://www.dn.pt/lusa/interior/angola-aposta-em-mais-tres-sitios-para-rotas-do-patrimonio-mundial-da-unesco-9268774.html>)

EN

world heritage

KIMBUNDU

undundu wa ngongo yoso

(Maia, A. da S. (2010). *Dicionário Complementar Português-Kimbundu-Kikongo* (Línguas nativas do Centro e Norte de Angola) (3rd ed.). Luanda: Editorial Nzila.)

UMBUNDU

ocipiñalo coluáli

(Le Guennec, G., & Valente, F. J. (2010). *Dicionário Português Umbundu*. (J. Costa, Ed.). Lobito: Escolar- Editora.)

PT

museu etnográfico

EXAMPLE: O Museu Etnográfico do Lobito, localizado no município com o mesmo nome, província de Benguela, é o retrato fiel da diversidade etno cultural dos povos de Angola, como prova a composição do seu acervo museológico. Com mil e 513 peças de espólio geral, o Museu Etnográfico do Lobito, que data das décadas 1930/40 (logo após consolidação da ideia do Porto e Caminho-de-Ferro de Benguela), surgiu, segundo o seu responsável, Cipriano de Sousa, da necessidade de se conhecer "por dentro" os hábitos e costumes dos então habitantes das áreas transversais do projecto ferro-portuário, porém hoje retrata uma realidade cultural quase nacional.

(<http://destinobenguela.com/turismo/locais-interesse/historicos/museu-etnografia-lobito.html>)

EN

ethnographical museum

KIMBUNDU

dilunda dya kibuka

(tradição oral)

UMBUNDU

Onjo yokutalika vyosiahulu ko ukulihiso walimi omanu

(tradição oral)

PT
vereda

DEFINITION: *caminho estreito, atalho, carreiro*

(vereda in Dicionário infopédia da Língua Portuguesa [em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2019. [consult. 2019-09-24 19:39:47]. Disponível na Internet: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/vereda>)

EN
path

KIMBUNDU

njila yatola | njila iofele | kanjila | paka | kikoka

(tradição oral/Maia, A. da S. (2010). Dicionário Complementar Português-Kimbundu-Kikongo(Línguas nativas do Centro e Norte de Angola) (3rd ed.). Luanda: Editorial Nzila.)

UMBUNDU

onjila itito | elika | ohoka | onjila yonimbu

(tradição oral/Le Guennec, G., & Valente, F. J. (2010). Dicionário Português Umbundu. (J. Costa, Ed.). Lobito: Escolar- Editora.)

PT

bacia hidrográfica | rede hidrográfica

(<https://angolaturismo.ao/index.php/malange>)

DEFINITION: *é a área terrestre a partir da qual todas as águas fluem, através de uma sequencia de rios, rios e eventualmente lagos, para o mar, desembocando numa única foz, estuário ou delta.*

EXAMPLE: A província é constituída por duas bacias hidrográficas, a do rio Zaire e a do rio Kwanza. A parte leste e nordeste é atravessado por um dos caudais que desaguam no rio Cuango, um dos mais importantes afluentes do Zaire.

(<https://angolaturismo.ao/index.php/malange>)

EN

body of water

(Universidade de Vigo. (2018). Terroteca-Banco de Datos Terminolóxico da Universidade de Vigo. Retrieved from Grupo Talg website: <http://sli.uvigo.gal/termoteca/>)

KIMBUNDU

dilonga kia kalunga ni jingiji | dilonga kuijia kua kalunga

(Maia, A. da S. (2010). Dicionário Complementar Português-Kimbundu-Kikongo(Línguas nativas do Centro e Norte de Angola) (3rd ed.). Luanda: Editorial Nzila.)

UMBUNDU

ocava ukilihiso woloundu | etasu loviva

(Daniel, H. E. (2015). Dicionário Português-Umbundu. (A. Isabel, Ed.) (2nd ed.). Luanda: Mayamba./Daniel, H. E. (2015). Dicionário Português-Umbundu. (A. Isabel, Ed.) (2nd ed.). Luanda: Mayamba.)

PT

acesso para deficientes

(Universidade de Vigo. (2018). Terroteca-Banco de Datos Terminolóxico da Universidade de Vigo. Retrieved from Grupo Talg website: <http://sli.uvigo.gal/termoteca/>)

EN

accessibility for the disabled

(Universidade de Vigo. (2018). Terroteca-Banco de Datos Terminolóxico da Universidade de Vigo. Retrieved from Grupo Talg website: <http://sli.uvigo.gal/termoteca/>)

KIMBUNDU

njila ya inema

(Maia, A. da S. (2010). Dicionário Complementar Português-Kimbundu-Kikongo(Línguas nativas do Centro e Norte de Angola) (3rd ed.). Luanda: Editorial Nzila.)

UMBUNDU

ekopeko oku ohasi

(Daniel, H. E. (2015). Dicionário Português-Umbundu. (A. Isabel, Ed.) (2nd ed.). Luanda: Mayamba./Daniel, H. E. (2015). Dicionário Português-Umbundu. (A. Isabel, Ed.) (2nd ed.). Luanda: Mayamba.)

PT

paraquedismo

(Universidade de Vigo. (2018). Terroteca-Banco de Datos Terminolóxico da Universidade de Vigo. Retrieved from Grupo Talg website: <http://sli.uvigo.gal/termoteca/>)

DEFINITION: *salto em queda livre utilizando pára-quadras.*

(Uvinha, R. (2005). Esportes Radicais: Análise Conceitual. In Roca (Ed.), Análises Regionais e Globais do Turismo Brasileiro. São Paulo: Trigo, Luiz Gonzaga.)

EN

parachuting

(Universidade de Vigo. (2018). Terroteca-Banco de Datos Terminolóxico da Universidade de Vigo. Retrieved from Grupo Talg website: <http://sli.uvigo.gal/termoteca/>)

PT

biblioteca municipal

(Universidade de Vigo. (2018). Terroteca-Banco de Datos Terminolóxico da Universidade de Vigo. Retrieved from Grupo Talg website: <http://sli.uvigo.gal/termoteca/>)

EN

municipal library

(Universidade de Vigo. (2018). Terroteca-Banco de Datos Terminolóxico da Universidade de Vigo. Retrieved from Grupo Talg website: <http://sli.uvigo.gal/termoteca/>)

KIMBUNDU

inzu ya mbonge ya madivulu

(tradição oral)

UMBUNDU

Onjo yaluvulu omunicipiu | onjo yalivulu alua omunicipiu | ohondo yalivulu ni omunicipui

(Le Guennec, G., & Valente, F. J. (2010). Dicionário Português Umbundu. (J. Costa, Ed.). Lobito: Escolar- Editora./Daniel, H. E. (2015). Dicionário Português-Umbundu. (A. Isabel, Ed.) (2nd ed.). Luanda: Mayamba.)

PT

jardim zoológico | parque zoológico | zoo

(Universidade de Vigo. (2018). Termodata-Banco de Datos Terminológico da Universidade de Vigo. Retrieved from Grupo Talg website: <http://sli.uvigo.gal/termodata/>)**DEFINITION:** *instituição que se dedica ao estudo, conservação e exposição de animais e plantas num espaço amplo, com áreas separadas*

(Mafarra, P., Amaro, R., Mendes, S., Chaves, R., & Lourosa, S. (2009). Lextec- Léxico técnico do português. Instituto Camões.)

EXAMPLE: O jardim zoológico da cidade do Huambo, cujas obras de reabilitação e requalificação iniciaram em 2011, vai ser transformado em jardim botânico, já que Angola ratificou a convenção internacional que proíbe a criação de animais selvagens em cativeiro.

(https://cdn1.portalangop.co.ao/angola/pt_pt/noticias/ambiente/2018/9/41/Jardim-zoologico-vai-ser-transformado-jardim-botanico,71694e1b-67dc-440a-a3d3-27448461a700.html)

EN

zoo

(Universidade de Vigo. (2018). Termodata-Banco de Datos Terminológico da Universidade de Vigo. Retrieved from Grupo Talg website: <http://sli.uvigo.gal/termodata/>)**KIMBUNDU**

Kiaiaama, kiakujija kua imuna | díbia día íama íatema | kihaku | kyama | díbya dya xijitu | kididi kya kutalesa jixitu

(Maia, A. da S. (2010). Dicionário Complementar Português-Kimbundu-Kikongo(Línguas nativas do Centro e Norte de Angola) (3rd ed.). Luanda: Editorial Nzila./tradição oral)

UMBUNDU

ochyumbo ko ekulihiso lyovinhama

(Le Guennec, G., & Valente, F. J. (2010). Dicionário Português Umbundu. (J. Costa, Ed.). Lobito: Escolar- Editora.)

PT

Pensão completa

(Mata, A. (2000b). Dicionário de Terminologia Hoteleira (FRONT OFFICE). Lisboa: Prêfácio.)

DEFINITION: *Sistema de alojamento que consiste em quarto, pequeno almoço, almoço e Jantar.*

(Mata, A. (2000b). Dicionário de Terminologia Hoteleira (FRONT OFFICE). Lisboa: Prêfácio.)

EXAMPLE: Reservas com regime de Pensão Completa

(http://www.hoteisangola.com/promocoes-especiais/17setembro/setembro-resort-ssulo.html)

EN

Full Pension | Full Board

(Mata, A. (2000b). Dicionário de Terminologia Hoteleira (FRONT OFFICE). Lisboa: Prêfácio.)

KIMBUNDU

kijima kyatenena

(tradição oral)

UMBUNDU

Onjo yokuyekisa akombe kapwa

(tradição oral)

Suite**DEFINITION:** *unidade de alojamento de estabelecimento hoteleiro com casa-de-banho privativa que, para além da divisão para dormir, tem uma sala de estar*

(Mafarra, P., Amaro, R., Mendes, S., Chaves, R., & Lourosa, S. (2009). Lextec- Léxico técnico do português. Instituto Camões.)

EXAMPLE: Dispomos de 132 quartos, dos quais 6 Suites, 96 Double e 30 Twin, com uma maravilhosa vista para o Cristo Rei.

(http://visitehuila.com/turismo/alojamento/hotel-infotur-lubango.html)

EN

Suite

KIMBUNDU

dixilu

(tradição oral)

UMBUNDU

otuhondo

(tradição oral)

PT

água termal

DEFINITION: Águas mineromedicinais próprias para tratamentos que são feitos nos estabelecimentos termais.

(Mata, A. (2000b). Dicionário de Terminologia Hoteleira (FRONT OFFICE). Lisboa: Prefácio.)

EXAMPLE: As quedas de águas das Cachoeiras do Binga no rio Keve encontram-se no município da Conda, onde também existem as águas termais e medicinais da Tokota e as quedas de água mais altas da província (com mais de 150 metros) encontram-se no município da Kilenda.

(<https://angolaturismo.ao/index.php/cuanza-sul>)

EN

thermal water

KIMBUNDU

menya atema

(tradição oral)

UMBUNDU

ovava asanha

(tradição oral)

PT

spa

DEFINITION: estabelecimento onde se fazem tratamentos de bem-estar e beleza, como, por exemplo, massagens e saunas

(Mafarra, P., Amaro, R., Mendes, S., Chaves, R., & Lourosa, S. (2009). Lextec- Léxico técnico do português. Instituto Camões.)

EXAMPLE: Comodidades do hotel: Restaurante, Bar, Snack-bar, Buffet de pequeno-almoço, Pequeno-almoço continental, Pequeno almoço no quarto, Recepção 24 horas, Quartos/com comodidades para pessoas com mobilidade condicionada, Elevador, Cofre, Ar condicionado, serviços de câmbios, Serviço de quarto, Centro de negócios, Acesso Wi-Fi gratuito, Estacionamento, Lavandaria, Piscina exterior, Fax/Fotocopiadora, Sala para bagagem, Comodidades para Reuniões / Banquetes, Casino, Quarto para Não-fumadores, Centro de Fitness, Spa e Centro de Bem-Estar, Sauna, Massagens, Sala de jogos

(<http://www.hoteisangola.com/reservations/hotels/luanda-municipio/hotel-diamante-luanda.html>)

EN

spa

KIMBUNDU

kididi kya ukembu

(tradição oral)

UMBUNDU

ovava asanha | ovava atokota

(tradição oral)

PT

albergaria

DEFINITION: estabelecimento hoteleiro instalado em um ou mais edifícios de características arquitetónicas e mobiliário de traçado regional, geralmente localizado em zonas urbanas

(Mafarra, P., Amaro, R., Mendes, S., Chaves, R., & Lourosa, S. (2009). Lextec- Léxico técnico do português. Instituto Camões.)

EXAMPLE: Joaquim Silvestre comentou que a albergaria inaugurada, denominada Mely, possui uma arquitetura agradável, com aposentos e outras áreas espaçosas que proporcionam conforto aos hóspedes.

(https://www.angop.ao/angola/pt_pt/noticias/sociedade/2011/8/37/Vice-Ministro-das-Obras-Publicas-inaugura-albergaria-Benfica,37a44541-b22d-4f6f-928c-86df12f39da2.html)

EN

inn

KIMBUNDU

kizalelu | inzu ya kuzalela | kizalelu

(Maia, A. da S. (2010). Dicionário Complementar Português-Kimbundu-Kikongo(Linguas nativas do Centro e Norte de Angola) (3rd ed.). Luanda: Editorial Nzila.)

UMBUNDU

eyikilakombe | ocilombo

(Le Guennec, G., & Valente, F. J. (2010). Dicionário Português Umbundu. (J. Costa, Ed.). Lobito: Escolar- Editora.)

PT

semba

DEFINITION: é um género de música e de dança tradicional de Angola que se tornou muito popular nos anos 50. A palavra semba significa umbigada em kimbundo. Numa tradução livre, a palavra Semba representa "o corpo do homem que entra em contato com o corpo da mulher ao nível do barriga

(<https://pt.wikipedia.org/wiki/Semba>)

EXAMPLE: Conhecer Angola é juntar-se ao povo. É ouvir a semba, dançar a kizomba e rir no final do dia no quintal de um vizinho ou nas praias. Aqui, a música não é um extra, é um bem essencial.

(<http://www.taag.com/pt/Destinos/Guia-de-destinos/Paises/angola>)

EN

semba

(Guia Turístico Angola:2018-2019. (2018). Luanda: ELTA- Empresa de Listas Telefónicas de Angola.)

KIMBUNDU

kusemba

(Maia, A. da S. (2010). Dicionário Complementar Português-Kimbundu-Kikongo(Línguas nativas do Centro e Norte de Angola) (3rd ed.). Luanda: Editorial Nzila.)

UMBUNDU

semba

(tradição oral)

PT

kizomba

DEFINITION: ritmo africano, de origem angolana, normalmente marcado por uma batida bastante forte

(kizomba in Dicionário infopédia da Língua Portuguesa [em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2019. [consult. 2019-10-06 11:34:30]. Disponível na Internet: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/kizomba>)

EXAMPLE: Conhecer Angola é juntar-se ao povo. É ouvir a semba, dançar a kizomba e rir no final do dia no quintal de um vizinho ou nas praias. Aqui, a música não é um extra, é um bem essencial.

(<http://www.taag.com/pt/Destinos/Guia-de-destinos/Paises/angola>)

EN

kizomba

(Guia Turístico Angola:2018-2019. (2018). Luanda: ELTA- Empresa de Listas Telefónicas de Angola.)

KIMBUNDU

kizomba

(tradição oral)

UMBUNDU

kizomba

(tradição oral)

PT

Pedras Negras de Pungo Andongo

(Guia Turístico Angola:2018-2019. (2018). Luanda: ELTA- Empresa de Listas Telefónicas de Angola.)

EXAMPLE: As Pedras Negras de Pungo Andongo, assim como as quedas de Kalandula deixam qualquer visitante maravilhado pela sua imponência.

(Guia Turístico Angola:2018-2019. (2018). Luanda: ELTA- Empresa de Listas Telefónicas de Angola.)

EN

black stones of Pungo A Ndongo

(Guia Turístico Angola:2018-2019. (2018). Luanda: ELTA- Empresa de Listas Telefónicas de Angola.)

KIMBUNDU

matarí ambundu wa pungu wa ndongo

(tradição oral)

UMBUNDU

olokawe vatekâva

(tradição oral)

PT

sé catedral

(Universidade de Vigo. (2018). Termoteca-Banco de Datos Terminológico da Universidade de Vigo. Retrieved from Grupo Talg website: <http://sli.uvigo.gal/termoteca/>)

DEFINITION: *o templo cristão em que se encontra a sede de um bispo e uma diocese, com seu cabido. Deriva do latim cathedra (câtedra, cadeira), de maneira que o nome catedral faz referência ao trono do bispo.*

(<https://pt.wikipedia.org/wiki/Catedral>)

EXAMPLE: Também conhecida como Igreja da Nossa Senhora dos Remédios, é a catedral da Arquidiocese de Luanda, localizada na antiga cidade baixa de Luanda, foi iniciativa dos comerciantes e moradores locais para competir com os edifícios religiosos da cidade alta. A obra teve o seu início em 1651 e terminou em 1679, ano em que foi inaugurada solenemente pelo bispo D. Manuel da Natividade. Em 1949 foi declarada Imóvel de Interesse Público, quando ainda era parte do Império Colonial Português. (<https://angolaturismo.ao/index.php/84-cultura>)

EN

cathedral

(Universidade de Vigo. (2018). Termoteca-Banco de Datos Terminológico da Universidade de Vigo. Retrieved from Grupo Talg website: <http://sli.uvigo.gal/termoteca/>)

KIMBUNDU

Ndongo | igeleja ia bispu

(Maia, A. da S. (2010). Dicionário Complementar Português-Kimbundu-Kikongo(Linguas nativas do Centro e Norte de Angola) (3rd ed.). Luanda: Editorial Nzila.)

UMBUNDU

ingeleya | Onembele Yavelepo

(Le Guennec, G., & Valente, F. J. (2010). Dicionário Português Umbundu. (J. Costa, Ed.). Lobito: Escolar- Editora./Daniel, H. E. (2015). Dicionário Português-Umbundu. (A. Isabel, Ed.) (2nd ed.). Luanda: Mayamba.)

PT

hóspede

DEFINITION: *peessoa que pernoita num estabelecimento hoteleiro*

(Mafarra, P., Amaro, R., Mendes, S., Chaves, R., & Lourosa, S. (2009). Lextec- Léxico técnico do português. Instituto Camões.)

EXAMPLE: Os seus hóspedes sentem-se em perfeita sintonia com a animação, história e cultura desta capital africana, ao beneficiarem de uma localização privilegiada no centro da cidade e da modernidade, com o conforto e confiança de um hotel com mais de 40 anos de história.

(<https://www.tdhotels.com/pt/menu/hoteis/angola/luanda/hotel-tropico/o-hotel.aspx>)

EN

guest

KIMBUNDU

musonhi | mujitu | mukombe | nzenza | diwenyi

(Maia, A. da S. (2010). Dicionário Complementar Português-Kimbundu-Kikongo(Linguas nativas do Centro e Norte de Angola) (3rd ed.). Luanda: Editorial Nzila./tradição oral)

UMBUNDU

ukombe | ongende | ohano | ulungi

(Daniel, H. E. (2015). Dicionário Português-Umbundu. (A. Isabel, Ed.) (2nd ed.). Luanda: Mayamba.)

PT

suite presidencial

DEFINITION: *suite de luxo, concebida para ser ocupada por altas individualidades, tipicamente constituída por um grande quarto com casa de banho privativa e zona de vestir, escritório e sala de estar*

(Mafarra, P., Amaro, R., Mendes, S., Chaves, R., & Lourosa, S. (2009). Lextec- Léxico técnico do português. Instituto Camões.)

EXAMPLE: A nossa unidade hoteleira dispõe de um total de 160 unidades de alojamento, das quais 143 são quartos de casal e duplos, 4 suites master, 4 suites executivas e 5 suites presidenciais.

(<http://www.hoteisangola.com/promocoes-especiais/17setembro/setembro-hotel-serra-chela.html>)

EN

presidential suite

KIMBUNDU

dixlu dya kafonga ka ixi

(tradição oral)

UMBUNDU

ohondo k'Osungu

(tradição oral)

PT

museu da escravatura

(Guia Turístico Angola:2018-2019. (2018). Luanda: ELTA- Empresa de Listas Telefónicas de Angola.)

DEFINITION: *é uma destacada instituição cultural do país.Dedicado à memória da escravidão*

(https://pt.wikipedia.org/wiki/Museu_Nacional_da_Escravatura#cite_note-ANGOP-1)

EXAMPLE: Na cidade, conheça o Palácio de Ferro, situado na Baixa de Luanda, o Museu Nacional da Escravatura e a Fortaleza de São Miguel.

(<https://angolaturismo.ao/index.php/luanda>)

EN

Slavery Museum

(Guia Turístico Angola:2018-2019. (2018). Luanda: ELTA- Empresa de Listas Telefónicas de Angola.)

KIMBUNDU

onzo ialelongesa o îma um îma ia kiiamba

(Maia, A. da S. (2010). Dicionário Complementar Português-Kimbundu-Kikongo(Linguas nativas do Centro e Norte de Angola) (3rd ed.). Luanda: Editorial Nzila.)

UMBUNDU

onjo yokulekisa ovina vinivini viosiáhulu k'uhako

(Daniel, H. E. (2015). Dicionário Português-Umbundu. (A. Isabel, Ed.) (2nd ed.). Luanda: Mayamba.)

PT

Praia dos Flamingos

(Guia Turístico Angola:2018-2019. (2018). Luanda: ELTA- Empresa de Listas Telefónicas de Angola.)

EXAMPLE: Entre as principais praias há a destacar: a praia das Miragens, Praia Azul, Praia Amélia, Praia das Barreiras e Praia dos Flamingos.

(Guia Turístico Angola:2018-2019. (2018). Luanda: ELTA- Empresa de Listas Telefónicas de Angola.)

EN

flamingos's beach

(Guia Turístico Angola:2018-2019. (2018). Luanda: ELTA- Empresa de Listas Telefónicas de Angola.)

KIMBUNDU

musese ia Flamingos

(tradição oral)

UMBUNDU

osiyeseke ko Flamingos

(tradição oral)

PT

reserva natural

DEFINITION: *reserva demarcada no interior de áreas protegidas mais vastas, que tem por objectivo a protecção da flora e da fauna através da preservação integral dos processos naturais que as afectam*

(Mafarra, P., Amaro, R., Mendes, S., Chaves, R., & Lourosa, S. (2009). Lextec- Léxico técnico do português. Instituto Camões.)

EXAMPLE: Situada na Província de Malanje, a Reserva de Luando foi criada em 1935 como Reserva de Caça, adquirindo apenas o estatuto da Reserva Natural Integral em 1955, para proteger e conservar a palanca negra gigante. Com uma área de 8.280 Km², os seus limites naturais são os rios Kwanza e Luando.

(<https://angolaturismo.ao/index.php/malange>)

EN

natural reserve

KIMBUNDU

kilungilu kya ngongo

(tradição oral)

UMBUNDU

esiliyo kuaafeka

(tradição oral)

PT

palanca negra gigante

DEFINITION: *(Hippotragus niger variati) é uma subespécie rara de antílope, endêmica de Angola, que só pode ser encontrada na Província de Malanje. [4] É uma subespécie do Hippotragus niger, a palanca-negra.*

(<https://pt.wikipedia.org/wiki/Palanca-negra-gigante>)

EXAMPLE: A Palanca Negra Gigante é um animal de grande porte que habita exclusivamente em Angola, com particular incidência na Reserva Natural do Luando, província de Malanje.

(<https://angolaturismo.ao/index.php/malange>)

EN

giant black antelopes

KIMBUNDU

phalanga yonene yaxikelela

(tradição oral)

UMBUNDU

omalanga itecava inene

(tradição oral)

PT

Queda-d'água | catarata | cachoeira | cascata

DEFINITION: *queda de água por entre rochedos; cachoeira*

(cascata in Dicionário infopédia da Língua Portuguesa [em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2019. [consult. 2019-10-07 17:02:37]. Disponível na Internet: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/cascata>)

EXAMPLE: O rio Lucala famoso por criar a 3ª maior catarata de África, Cataratas de Kalandula. O rio Kwanza também é famoso por ser o maior rio de Angola em tamanho e volume de águas.

(https://eco-tur.com/wp-content/uploads/2017/04/1_day_trip_luanda_-_massangano_pt_2012.pdf)

EN

waterfal

EXAMPLE: The Lucala river is famous for creating the 3th largest Africa's waterfalls (Kalandula). The Kwanza is also famous as being the longest Angolan River.

(https://eco-tur.com/wp-content/uploads/2017/04/1_day_trip_luanda_to_massangano_eng_2012.pdf)

KIMBUNDU

kubwa kwa menya | Kikunji | menha madibala bulu dia mulundu uabana kifulu

(tradição oral/Maia, A. da S. (2010). Dicionário Complementar Português-Kimbundu-Kikongo(Línguas nativas do Centro e Norte de Angola) (3rd ed.). Luanda: Editorial Nzila.)

UMBUNDU

esenje | omupa | alondo ovava a kupoka kovawe apa pa kunyuha | onjuela yovava a kupoka longusu

(tradição oral/Daniel, H. E. (2015). Dicionário Português-Umbundu. (A. Isabel, Ed.) (2nd ed.). Luanda: Mayamba.)

PT

atração turística

DEFINITION: elemento ou evento natural ou artificial que suscita o interesse de turistas

(Mafarra, P., Amaro, R., Mendes, S., Chaves, R., & Lourosa, S. (2009). Lextec- Léxico técnico do português. Instituto Camões.)

EXAMPLE: Pedras Negras de Pungo- Andongo-localizadas no município do Cacuso, a cerca de 116 km da cidade de Malanje, são uma importante atracção turística do país. Estas estranhas formações rochosas com milhões de anos, elevam-se sobre a savana que as rodeia.

(<https://angolaturismo.ao/index.php/malange>)

EN

tourist site

KIMBUNDU

kizululu kya uzungilu

(tradição oral)

UMBUNDU

ungende yokwenda yolofeka

(tradição oral)

PT

pesca desportiva

(Universidade de Vigo. (2018). Termoteca-Banco de Datos Terminológico da Universidade de Vigo. Retrieved from Grupo Talg website: <http://sli.uvigo.gal/termoteca/>)

DEFINITION: prática desportiva que consiste em mergulhar para apanhar peixe, geralmente com um arpão, caça submarina

(pesca in Dicionário infopédia da Língua Portuguesa [em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2019. [consult. 2019-10-12 20:04:37]. Disponível na Internet: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/pesca>)

EXAMPLE: Fazem as delicias do amante da pesca desportiva, com especial referência para a macoa, corvina, pargo, barbudo e o cacusso.

(Guia Turístico Angola:2018-2019. (2018). Luanda: ELTA- Empresa de Listas Telefónicas de Angola.)

EN

underwater fishing

(Universidade de Vigo. (2018). Termoteca-Banco de Datos Terminológico da Universidade de Vigo. Retrieved from Grupo Talg website: <http://sli.uvigo.gal/termoteca/>)

KIMBUNDU

utambelu wa koxi a menya a kalunga

(tradição oral)

UMBUNDU

okutamba v'ovava ko kalunga

(tradição oral)

PT

oferta turística

DEFINITION: conjunto de produtos e serviços turísticos existente num núcleo turístico, baseado nos seus recursos e infra-estruturas

(Lei do Turismo. (2015). In LEI N.º 9/15 DO TURISMO. Luanda: Diário da República.)

EXAMPLE: No local, o secretário de Estado do Turismo, José Alves Primo, ao receber os turistas, afirmou que o sector apoia iniciativas do género, através da facilitação do funcionamento de operadores de navios de cruzeiros, para melhorar a oferta turística no País.

(<https://travelgest.co.ao/pt/travelgest-investe-akz-40-milhoes-em-turismo-na-huila-2-2/>)

EN

tourist supply

KIMBUNDU

ngolela ya uzungilu

(tradição oral)

UMBUNDU

ocali congende

(tradição oral)

PT

cruzeiro

DEFINITION: navio que cruza mares, rios, etc

(cruzeiro in Dicionário infopédia da Língua Portuguesa [em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2019. [consult. 2019-12-10 10:31:31]. Disponível na Internet: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/cruzeiro>)

EXAMPLE: LUANDA RECEBE CRUZEIRO COM TURISTAS DE 12 PAÍSES

(<http://www.mintur.gov.ao/vernoticia.aspx?id=47658>)

EN

cross

KIMBUNDU

watu

(zwela. (n.d.). Retrieved May 8, 2019, from <http://www.zwela.co/>)

UMBUNDU

upungu

(Le Guennec, G., & Valente, F. J. (2010). Dicionário Português Umbundu. (J. Costa, Ed.). Lobito: Escolar- Editora.)

PT

ualende

DEFINITION: aguardente feita de cana-de-açúcar, batata doce, milho grelado ou de frutas

(Guia Turístico Angola:2018-2019. (2018). Luanda: ELTA- Empresa de Listas Telefónicas de Angola.)

EXAMPLE: A bebida local é o ualende, aguardente feita de cana-de-açúcar batata doce, milho grelado ou de frutas

(Guia Turístico Angola:2018-2019. (2018). Luanda: ELTA- Empresa de Listas Telefónicas de Angola.)

KIMBUNDU

ualende

UMBUNDU

ualende

PT

marufo | malavo

(Guia Turístico Angola:2018-2019. (2018). Luanda: ELTA- Empresa de Listas Telefónicas de Angola.)

DEFINITION: Bebida

EXAMPLE: A bebida típica é o malavo (ou marufo) retirada do bordão (árvore).

(Guia Turístico Angola:2018-2019. (2018). Luanda: ELTA- Empresa de Listas Telefónicas de Angola.)

KIMBUNDU

maluvu

(Maia, A. da S. (2010). Dicionário Complementar Português-Kimbundu-Kikongo(Línguas nativas do Centro e Norte de Angola) (3rd ed.). Luanda: Editorial Nzila.)

UMBUNDU

marufu

(Daniel, H. E. (2015). Dicionário Português-Umbundu. (A. Isabel, Ed.) (2nd ed.). Luanda: Mayamba.)

PT

muteta | pevide

(Guia Turístico Angola:2018-2019. (2018). Luanda: ELTA- Empresa de Listas Telefónicas de Angola.)

EXAMPLE: Pode ser acompanhado de carne de caça estufada (kifula), mas também de gafanhotos de palmeira cozidos ou tostados, assim como a muteta também confeccionada com carne de caça

(Guia Turístico Angola:2018-2019. (2018). Luanda: ELTA- Empresa de Listas Telefónicas de Angola.)

KIMBUNDU

mbundu | tete | mbutu | tendu | muteta

(Maia, A. da S. (2010). Dicionário Complementar Português-Kimbundu-Kikongo(Línguas nativas do Centro e Norte de Angola) (3rd ed.). Luanda: Editorial Nzila.)

UMBUNDU

olunui | ombuto | yatanga | yombenje

(Daniel, H. E. (2015). Dicionário Português-Umbundu. (A. Isabel, Ed.) (2nd ed.). Luanda: Mayamba.)

PT

sarrabulho

DEFINITION: miudezas de porco com sangue

EXAMPLE: sarrabulho com funji

(Gonçalves, J. (2012). Gastronomia Angolana e Internacional. (Pindal, Ed.). Luanda: INIC.)

EN

dish made of pig's blood and giblets

(sarrabulho in Dicionário infopédia de Português - Inglês [em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2019. [consult. 2019-12-07 11:42:24]. Disponível na Internet: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/portugues-ingles/sarrabulho>)

KIMBUNDU

Manhinga ma ngulu | madikuata | kúdia kua manhinga ma ngulu | kavanga | mufufu | mindundu

(Maia, A. da S. (2010). Dicionário Complementar Português-Kimbundu-Kikongo(Línguas nativas do Centro e Norte de Angola) (3rd ed.). Luanda: Editorial Nzila.)

UMBUNDU

umbonga

(Le Guennec, G., & Valente, F. J. (2010). Dicionário Português Umbundu. (J. Costa, Ed.). Lobito: Escolar- Editora.)

PT

turismo social

DEFINITION: atividade turística com objetivo de dotar a população mais desfavorecida de condições necessárias através da criação de tarifas promocionais, alojamento barato e outros produtos próprios.

(Borges, C. (2011). Linhas de Orientação do Plano Director do Turismo de Angola. In Linhas de Orientação do Plano Director do Turismo de Angola- Fórum Empresarial sobre o Turismo.)

EXAMPLE: Angola deverá fomentar o Turismo Social, dotando a população mais desfavorecida de condições necessárias através da criação de tarifas promocionais, alojamento barato e outros produtos próprios.

(Borges, C. (2011). Linhas de Orientação do Plano Director do Turismo de Angola. In Linhas de Orientação do Plano Director do Turismo de Angola- Fórum Empresarial sobre o Turismo. Luanda.)

EN

social tourism

KIMBUNDU

uzungilu Kiasangela

(tradição oral)

UMBUNDU

ungende ohongele

(tradição oral)

PT

cordilheira da chela | serra da chela

EXAMPLE: No planalto da Huíla, a olhar o Deserto de Namibe, a Fenda da Tundavala situa-se a um pouco mais de dois mil metros de altitude sobre a cordilheira da Chela e está rodeada de vertiginosas falésias.//A Capela da Nossa Senhora do Monte é a par da Estátua do Cristo Rei, os grandes exilibris da cidade do Lubango, localizada num dos topos da Serra da Chela, a Capela da Nossa Senhora do Monte é para além de um santuário de peregrinação religiosa que se reveste de grande simbolismo e importância para a comunidade católica, também um importante activo turístico e histórico.

(<https://angolaturismo.ao/index.php/72-fenda-da-tundavala/http://visitehuila.com/turismo/locais-interesse/senhora-monte-2.html>)

EN

Chela's mountains

KIMBUNDU

milunda ia chela

(tradição oral)

UMBUNDU

ulala wolomunda ko chela

(tradição oral)

PT

património religioso | monumento religioso

(Universidade de Vigo. (2018). Termoteca-Banco de Datos Terminológico da Universidade de Vigo. Retrieved from Grupo Talg website: <http://sli.uvigo.gal/termoteca/>)

EXAMPLE: A Estátua do Cristo Rei é um monumento de cariz religioso erguido a 2.100 metros de altitude num dos extremos da Serra da Chela e dedicado a Jesus Cristo, construído sobre uma base de cimento e cal hidráulica, o monumento repousa sobre uma fundação de pedras, cimento e tijolo, com dois níveis de suporte a uma escada, sendo o último o mais prático para ver a estátua.

(<http://visitehuila.com/turismo/locais-interesse/monumento-cristo-rei-huila.html>)

EN

religious heritage

(Universidade de Vigo. (2018). Termoteca-Banco de Datos Terminológico da Universidade de Vigo. Retrieved from Grupo Talg website: <http://sli.uvigo.gal/termoteca/>)

KIMBUNDU

Undundu ua tata ya Múkua-kuxikina kua Nzambi

(Maia, A. da S. (2010). Dicionário Complementar Português-Kimbundu-Kikongo(Linguas nativas do Centro e Norte de Angola) (3rd ed.). Luanda: Editorial Nzila.)

UMBUNDU

ocipiñalo po ukuandaka yiwa

(Daniel, H. E. (2015). Dicionário Português-Umbundu. (A. Isabel, Ed.) (2nd ed.). Luanda: Mayamba.//)

PT

Cristo Rei

(Bongue yo Tchivila Lda. (Ed.). (2019). Invest Huila: Fórum de Negócios e Oportunidades de Investimento.)

DEFINITION: é um monumento de cariz religioso erguido a 2.100 metros de altitude num dos extremos da Serra da Chela e dedicado a Jesus Cristo, construído sobre uma base de cimento e cal hidráulica, o monumento repousa sobre uma fundação de pedras, cimento e tijolo, com dois níveis de suporte a uma escada, sendo o último o mais prático para ver a estátua.

(Bongue yo Tchivila Lda. (Ed.). (2019). Invest Huila: Fórum de Negócios e Oportunidades de Investimento.)

EXAMPLE: A Capela da Nossa Senhora do Monte é a par da Estátua do Cristo Rei, os grandes exilibris da cidade do Lubango. localizada num dos topos da Serra da Chela, a Capela da Nossa Senhora do Monte é para além de um santuário de peregrinação religiosa que se reveste de grande simbolismo e importância para a comunidade católica, também um importante activo turístico e histórico.

(Bongue yo Tchivila Lda. (Ed.). (2019). Invest Huila: Fórum de Negócios e Oportunidades de Investimento.)

EN

Christ the King

(Bongue yo Tchivila Lda. (Ed.). (2019). Invest Huila: Fórum de Negócios e Oportunidades de Investimento.)